

III - Passos de uma Caminhada Investigativa

Neste capítulo sistematizo a prática pedagógica de Teatro-educação da professora Carla Bastos nas turmas de 3ª e 4ª série do Brilho do Cristal no primeiro semestre de 2004.

Compreendendo sistematização como “..interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionaram entre si e porque o fizeram desse modo.” (HOLLIDAY, 1996, p. 29), analiso a prática de Teatro-Educação da professora Carla nos grupos da 3ª e 4ª série, a partir de projeto pedagógico, planos de aulas, relatórios da professora e entrevistas com discentes e docente. Apesar da análise se dar a partir das partes, procuro não esquecer que tais partes se relacionam, formando um todo que é a prática de Teatro-Educação. Para melhor relacionar teoria e prática busco identificar e analisar os pontos de sintonias, tensões e contradições no processo de construção de conhecimento do grupo.

Não poderei deixar de dizer que estou diretamente envolvida na construção da proposta pedagógica da professora Carla, pois sou assessora de Arte-Educação e Currículo do Brilho do Cristal. Logo, a construção de tal proposta deu-se sob minha orientação. As propostas pedagógicas da Escola são construídas na coletividade, valorizando a reflexão crítica das experiências de cada professor e de cada grupo.

Antes de começar a análise apresento o caminho percorrido por Carla Bastos em seu processo de construção enquanto professora de Teatro, pois é importante compreender como uma menina *nativa* tornou-se professora de Teatro no Brilho do Cristal.

Em 1997, quando fui morar em Belém, fiz a proposta a Carla dela assumir o trabalho com o *Grupo de Teatro Infantil do Brilho*. Naquele momento Carla tinha apenas 16 anos, era ex-aluna do Brilho do Cristal e cursava a sexta série do ensino fundamental. Há seis anos, participava ativamente das construções cênicas e dos grupos de Teatro do Brilho do Cristal. O desempenho de Carla e sua entrega às atividades teatrais me fizeram acreditar que a experiência podia dar certo. A alegria de Carla diante da proposta foi evidente e de imediato ela aceitou o desafio.

Acertamos que deveria ter dois encontros semanais com as crianças no horário extra-escolar e mais uma tarde para planejar as aulas, avaliar e estudar. Sabíamos que era uma proposta ousada, pois não haveria uma orientação de perto, pois a orientação seria feita à distância, por telefone. Era uma proposta de autonomia, segundo a qual Carla teria que se organizar, estudar, planejar e coordenar o grupo das crianças. Como suporte teórico o Brilho do Cristal dispunha do livro *Manual de Criatividades* de Milet e Dourado e algumas apostilas com Jogos Teatrais e exercícios de voz. Organizamos um roteiro de aula, de maneira bem simples, tendo como base: roda de chegada, brincadeiras para aquecer, jogos teatrais, improvisações, apresentações, roda de avaliação e fechamento.

Tentei deixar claro para Carla que ela estaria livre para experimentar e que, como ela não teria uma pessoa para orientá-la de perto, ela teria que se apoiar no material teórico, na própria experiência e nas idéias das crianças. O diálogo deveria ser o mediador de todas as ações propostas. Assim Carla foi se organizando, planejando, relatando e de maneira autônoma dava os primeiros passos de uma caminhada que a levaria à docência de Teatro.

Em 2002 voltei a morar em Salvador e retomei meus projetos de arte-educação no Brilho do Cristal. Carla continuava seu trabalho como instrutora do Grupo de Teatro Infantil do Brilho e, a essa altura, estava cursando o segundo ano de magistério. Fiz-lhe mais uma proposta ousada: trabalhar no Brilho do Cristal como professora de Teatro. Dessa vez nos encontraríamos uma vez por mês para orientação. Carla ficou entusiasmada com a idéia, discutimos sobre a organização da proposta e escrevemos o projeto: *Formação do Instrutor de Teatro na Área Rural – FITAR (Anexo - B)*.

O trabalho de Carla como professora de Teatro começou em 2003. Inicialmente ela trabalhou com todas as turmas do Brilho do Cristal, da pré-escola à 4ª série. Em 2004 ela trabalhou apenas com as turmas de 1ª a 4ª série. Cada turma tinha uma aula de duas horas uma vez por semana. Durante todo esse tempo a professora Carla participou ativamente dos grupos de estudos dos professores do Brilho do Cristal. Seu conhecimento teórico começava a tomar forma.

Em junho de 2004 a professora Carla teve que deixar o Vale do Capão por uma justa causa: veio morar em Salvador para cursar Licenciatura em Teatro na UFBA. No momento Carla é

bolsista PIBIC, orientada do professor Sérgio Farias, e desenvolve sua pesquisa no Vale do Capão, ou seja, Carla continua contribuindo com o trabalho de Teatro-Educação no Brilho do Cristal e no Vale do Capão, dessa vez sendo estudante-professora-pesquisadora.

Para sistematizar a experiência pedagógica de Teatro-Educação das turmas de 3ª e 4ª série do ensino fundamental do Brilho do Cristal no 1º semestre de 2004, inicio minha análise procurando distanciar-me, colocando-me no lugar da investigadora, da mergulhadora que tem um oceano pedagógico com sua riqueza infinita a explorar. Holliday considera como uma das mais fortes características da reflexão sistematizadora a de que esta ...

...busca penetrar no interior da dinâmica das experiências, algo assim como meter-se “por dentro” desses processos sociais vivos e complexos, circulando entre seus elementos, percebendo as relações entre eles. Percorrendo suas diferentes etapas. Localizando suas contradições, tensões marchas e contramarchas. Chegando assim a entender estes processos a partir de sua própria lógica. Extraindo ensinamentos que possam contribuir para o enriquecimento tanto da prática como da teoria.
(1996, p.29)

Nesse processo de decomposição da ação pedagógica de Teatro-Educação encontro a proposta pedagógica, os planos de aulas, os relatórios, os depoimentos e as fotografias. Inicio a análise pela proposta pedagógica que apresenta a alfabetização estética teatral como objetivo principal. Em seguida analiso a recepção dos alunos frente à proposta pedagógica, identifico as transformações propostas e seus encaminhamentos finais. Para entender melhor como se deram os *conflitos e acertos*, investigo a prática pedagógica da professora Carla a partir dos planos de aula relacionando-os com os relatórios, com o referencial teórico e com as entrevistas dos alunos e da professora Carla. Cada turma teve dezesseis aulas de Teatro, sendo que a professora Carla apenas relatou dezessete aulas, oito da 3ª série e nove da 4ª série.

Metodologicamente tomo como eixo norteador o roteiro de plano de aula apresentado na proposta pedagógica: 1º momento: Acordar o Corpo, tem como objetivo trabalhar a chegada, a recepção das crianças; 2º momento: Dicção, tem como objetivo trabalhar de maneira lúdica a voz das crianças; 3º momento: Jogos Dramáticos, tem como objetivo aquecer o corpo a partir de jogos do cotidiano das crianças e jogos de imaginação; 4º momento: Jogos Teatrais, tem como objetivo trabalhar o aquecimento cênico, o aquecimento voltado para a encenação e a apreensão dos elementos constituintes do Teatro; 5º momento: Construções Cênicas, tem como objetivo realizar construções cênicas para serem apresentadas nos eventos do Brilho do Cristal num exercício de prática de montagem e o 6º momento: Avaliação, tem como objetivo

avaliar de maneira coletiva a aula, seu desenvolvimento, sua proposta num exercício de práxis pedagógica. Dessa maneira busco identificar esses momentos na prática pedagógica da professora Carla, procurando compreender seus pontos de tensões, contradições e afirmações.

Após a análise de todos os momentos apresento um fragmento de um exercício de memória que realizei com as crianças dos grupos pesquisados. Finalizo minha caminhada investigativa apresentando minhas considerações finais e proponho um desdobramento para o Teatro-Educação do Brilho do Cristal.

3.1 - Proposta Pedagógica

A proposta pedagógica (Anexo C) foi elaborada pela professora Carla na semana pedagógica de 2004 sob minha orientação. Nossa proposta de Teatro Educação apresenta como objetivo geral: Possibilitar a alfabetização estética teatral a partir do desenvolvimento de construções cênicas. Consideramos a alfabetização estética fundamental para a construção de leitores, apreciadores e decodificadores da estética teatral. No mundo não há apenas letras para serem lidas, também há cores, há linhas, há formas, há imagens estáticas e em movimento. Fazer, apreciar e ler arte é direito do cidadão.

Os objetivos específicos foram assim definidos: Trabalhar a expressão corporal e vocal através de jogos; Estimular o desenvolvimento objetivo e subjetivo das crianças nos processos criativos cênicos; Compreender a necessidade da concentração na construção cênica; Perceber a diferença entre contar e mostrar no palco; Trabalhar improvisações a partir da estrutura dramática: quem, onde, o quê; Estimular a apreensão dos elementos constituintes do Teatro através dos jogos teatrais; Compreender o papel da improvisação no Teatro; Estimular o diálogo crítico no exercício da construção de conhecimento através da avaliação coletiva.

Os conteúdos da proposta pedagógica estão referenciados por Spolin e pelos PCN e estão assim organizados: Consciência sensorial espacial, corporal; Elementos constituintes do Teatro: corpo, espaço, tempo; O corpo e objetos não reais; Elementos estruturais do Teatro: palco, platéia, luz, camarim, coxia, cenário; Ponto de concentração; Estrutura dramática no jogo teatral: *quem?, onde?, o quê?* E Texto teatral. Acreditamos que tais conteúdos são fundamentais para a alfabetização estética teatral das crianças envolvidas no processo.

A proposta metodológica tem como principal referencial teórico Freire e Spolin. Paulo Freire fundamenta toda a prática da professora uma vez que o mesmo é referência da prática pedagógica do Brilho do Cristal. Concordando com Paulo Freire buscamos no exercício pedagógico uma construção dialógica onde *ação-reflexão-ação* deverão fazer parte da prática discente e docente. Viola Spolin contribui, através dos Jogos Teatrais, para uma melhor apreensão dos processos de improvisações nas construções cênicas. Os planos de aula estão organizados a partir de um roteiro que é subdividido por momentos. . A partir da temática de cada momento procuramos desenvolver de maneira coerente os conteúdos do Teatro-Educação apresentados na proposta pedagógica.

Os PCN de Artes estabelecem três eixos articuladores para se trabalhar os conteúdos de Teatro, que são: “O Teatro como expressão e comunicação, O Teatro como produção coletiva e O Teatro como produto cultural e apreciação estética” (1997, p. 86 – 89). Os objetivos de tais eixos estão contidos, claramente, nos momentos do roteiro de plano de aula.

A avaliação proposta é coletiva, qualitativa e contínua. A professora ao final de cada aula deverá propor a roda de avaliação. Todos do grupo deverão avaliar a aula, a proposta, as relações humanas do grupo e buscar coletivamente resolver os conflitos surgidos no decorrer da aula. Em relação aos conteúdos e ao desempenho das crianças o professor deverá estar atento a cada criança, principalmente a sua fala e ao seu envolvimento com as atividades. Também deverá fazer relatórios do grupo ao término de cada aula, como forma de registro, para futuras reflexões, além de servirem de suporte para a construção dos relatórios individuais sobre as crianças. Finalmente, o professor deverá estar atento à sua prática docente, à auto-avaliação, aos seus objetivos e à sua metodologia. De acordo com a proposta pedagógica do Brilho do Cristal não atribuímos às crianças uma nota. O boletim de avaliação consiste em relatório individual do processo de aprendizagem de cada criança.

Além de Paulo Freire e Viola Spolin nos apoiamos também nos seguintes autores: Boal, Duarte Jr., Farias, Japiassú, Koudela, Luckesi, Machado & Rosman, Porcher e Reverbel.

Analisando a proposta pedagógica percebo que poderíamos ter dado mais ênfase aos jogos propostos por Boal. Seus jogos são extremamente eficientes em relação ao trabalho corporal. São cheios de desafios corporais e de maneira lúdica o aluno-ator vence seus limites corporais e estabelece uma relação íntima com o próprio corpo. A presença continuada dos jogos de

Boal nas aulas de Teatro com as crianças teriam sido de grande valia uma vez que nossas crianças, na sua maioria, têm dificuldade em expressar-se corporalmente. Numa próxima proposta pedagógica poderíamos trazer os jogos de Boal de maneira mais continuada.

Em relação aos conteúdos sinto falta de uma abordagem da História do Teatro. A ausência de teoria no ensino de Arte no Brasil é marcante. Como normalmente não há uma cobrança de conteúdos em relação ao ensino de Arte o professor de Teatro, na maioria dos casos, prefere limitar o ensino de Teatro ao fazer artístico, deixando de lado a História do Teatro. Acredito que existem por trás dessa atitude conflitos em relação a metodologia, ao *como ensinar História do Teatro*, além, é claro, de uma falta de consciência da importância de tais conteúdos no processo de alfabetização estética. A informação histórica, o contexto histórico, é fundamental para uma leitura crítica.

Naturalmente é difícil nos desvincularmos do modelo *traumático* das nossas aulas teóricas, dos questionários que tínhamos que decorar, das datas que nos perseguiram. Daí me pergunto: Como lecionar teoria para crianças? Muitos professores acham que as crianças não vão se concentrar. Porém isso não é um problema da criança e sim de metodologia. *Como fazer* uma aula lúdica mesmo que o conteúdo seja teórico? É preciso pensar maneiras criativas de se trabalhar com as teorias, com a história do Teatro. Podemos dramatizar a história do Teatro, podemos construir maquetes dos diversos tipos de Teatro para melhor relacionar a arquitetura ao seu contexto histórico, podemos construir televisões de caixa de papelão e passar o filme da parte da história do Teatro que está sendo estudada e a própria construção do filme pode ser um exercício gráfico maravilhoso, podemos contar a história do Teatro com Teatro de bonecos, podemos perguntar para as crianças como e o que elas querem aprender sobre a história do Teatro. Enfim, podemos aquilo que queremos.

3.2 – “Toda Proposta Contém uma Aposta”

Toda proposta deve ser apresentada a alguém ou a algum grupo. De acordo com Kramer “...uma proposta pedagógica é um caminho, não é um lugar; uma proposta pedagógica é construída no caminho, num caminhar; toda proposta contém uma aposta.”(1999). Portanto uma proposta pedagógica deve ser discutida para se tornar uma aposta. Uma proposta pedagógica que não é socializada não é uma proposta e sim uma imposição. A proposta

deverá ser elemento desencadeador de processos dialógicos, dinâmicos, reflexivos e criativos. Caso contrário poderemos estar oprimindo o desejo e conseqüentemente o desenvolvimento do outro, fortalecendo o modelo opressor de sociedade.

As identificações deverão ser respeitadas e relacionadas entre si para que possa haver uma soma, uma troca, uma entrega por parte do grupo e assim cada um possa se perceber enquanto *sujeito constructo* do processo. Como cada pessoa tem sua identidade, cada grupo também tem sua identidade. A proposta pedagógica e os planos de aulas deverão ser norteadores de nossas ações pedagógicas e não uma cartilha para ser aplicada. Afinal, não é possível prever com todos os detalhes nossas aulas, já que trabalhamos com gente, pessoas que têm idéias, sentimentos e sensações. O contexto educativo deve ser visto como um organismo vivo, onde planejamento, interação e criatividade andam juntos nos processos de transformações e de construções de conhecimentos.

A professora Carla apresentou a mesma proposta pedagógica para os dois grupos: 3ª e 4ª série. Construímos uma proposta única. As diferenças seriam estabelecidas no desenvolvimento da proposta, de acordo com a característica de cada grupo. A proposta apresentada foi de trabalhar as construções cênicas tendo como tema as datas comemorativas do calendário festivo da ECBC ou temas propostos pelas crianças. É natural que a reação do grupo da 3ª série diante da proposta pedagógica tenha sido diferente da reação do grupo da 4ª série. Segundo a professora Carla:

... Quando apresentei a proposta à terceira série eles colocaram que queriam também encenar um texto de Teatro, que não queriam só trabalhar com improvisações... A terceira série queria algo mais. Eles queriam apresentar uma peça, já escrita, como diziam eles. Por eles quererem fazer uma peça eu trouxe livros para eles lerem em casa, peças teatrais de Maria Clara Machado. .. / Já com a quarta série eles acataram, não apresentaram outra idéia, desde o primeiro dia de aula eles assumiram trabalhar as construções cênicas a partir de improvisações. Não tive grandes conflitos em trabalhar com o grupo da 4ª série. (Anexo G)

É interessante perceber a reação da professora à reação das crianças frente a proposta. O grupo da 3ª série, mais curioso, acrescentou suas idéias à proposta pedagógica. Numa atitude coerente com a proposta pedagógica que busca valorizar a fala e os desejos das crianças, a professora Carla traz as peças teatrais pedidas pelas crianças. Essa valorização dos desejos das crianças, de suas idéias, é fundamental para estabelecer o diálogo entre educador e educando e incentivar a participação ativa das crianças nas aulas de Teatro.

Propostas apresentadas, discutidas e redefinidas, eu me pergunto: Será que porque tudo foi conversado, discutido e redefinido tudo funcionará na mais perfeita harmonia, como num apertar de botões? Quando a professora Carla fala que não teve grandes conflitos em trabalhar com o grupo da 4ª série isso significa que houve conflito com o outro grupo? Conflitos! Sem eles não sei como seriam nossas práticas pedagógicas, talvez monótonas. São eles que nos movem, que nos tornam inquietos, às vezes nos derrubam e às vezes nos levantam.

Para entender melhor como se deram os *conflitos e acertos* organizo a próxima etapa desta análise tomando como eixo norteador o roteiro de plano de aula apresentado na proposta pedagógica, abordando cada item. Na tentativa de construir um diálogo entre teoria e prática, busco reconhecer a composição do Teatro-Educação nos grupos pesquisados.

3.3 - Primeiro Momento – Acordar o Corpo

O primeiro momento foi elaborado com a intenção de trabalhar a chegada, a recepção das crianças. Como todas as aulas de Teatro eram no primeiro horário as crianças normalmente entravam em sala ainda envolvidas com as brincadeiras do caminho da escola, ou ainda com sono, quando não mal humoradas por alguma situação anterior. Pensando numa recepção que trouxesse as crianças para a ação pedagógica de Teatro e sala de aula, propomos enfatizar nesse momento atividades do tipo: espreguiçar, exercícios respiratórios, jogos que trabalhem as articulações, a base³. Tais atividades são desenvolvidas com o objetivo de trabalhar o centramento de todas do grupo, para ajudar as crianças a pôr os *pés no chão*. Sobre esse momento a professora Carla coloca:

... sempre começo acordando o corpo, trabalhando a base, para depois seguir com as demais atividades. É o momento em que a criança se centra no seu eu e a partir daí terá mais facilidade de se relacionar com as demais crianças. No início eles tinham dificuldades de trabalhar o acordar o corpo e se dispersavam, eles sempre cutucavam o colega, eles queriam mexer o corpo. (Anexo G)

A fala acima descreve o objetivo de centramento do primeiro momento e, além disso, revela pontos de tensão: uma insatisfação por parte de algumas crianças em relação ao *acordar o*

³ Jogos do tipo pular corda, andar pulando numa perna só, amarelinha e tantos outros.

corpo e um desejo de *mexer o corpo*. Em depoimento, as crianças colocam o seguinte, em relação a esse momento:

As vezes não gosto de acordar o corpo porque chego nervoso e zangado aí eu não conseguia me concentrar porque os meninos ficavam bagunçando (Rizon – 3º série) / ...não gostava de acordar o corpo, quando eu virava o pescoço eu ficava tonta e doía. (Eniele 3º série) (Anexo F).

Para entender melhor o que acontecia no primeiro momento recorri aos relatórios da professora Carla. Porém não obtive muitas informações. Nos relatórios da 3ª série ela se refere a esse momento quase que apenas nomeando-o de *acordar o corpo*, o que podemos constatar nos seguintes fragmentos de relatórios:

No primeiro momento eu fiz uma roda com as crianças e começamos a espreguiçar... / Hoje quando cheguei na sala fomos acordar o corpo depois eu pedi para as crianças andarem ocupando os espaços... / Hoje nós acordamos o corpo e depois fizemos a brincadeira da maré... / Iniciamos a aula acordando o corpo, depois fizemos uma brincadeira de aquecer o corpo... / No primeiro momento nós acordamos o corpo, em seguida eu fiz a brincadeira do bane-bane... / No primeiro momento nós acordamos o corpo depois fizemos a brincadeira do hoppe... / Iniciamos acordando o corpo, alongando cada parte: cabeça, ombros, braços, mãos, tronco, bunda, joelhos e pés, depois fizemos a brincadeira... (Anexo D)

Nos relatórios da quarta série, muitas vezes ela inicia descrevendo uma situação de tensão, de insatisfação de algumas crianças. Também não fica claro como a professora Carla trabalha esse momento, vejamos:

...pedi para acordar o corpo, os meninos ficaram inquietos... / Nesse dia os alunos estavam muito agitados... / ...Depois de acordar o corpo eu fiz a brincadeira do hoppe aí os meninos que estavam bagunçando disseram que queriam participar e que não iriam bagunçar... / Nesse dia os alunos estavam muito disperso, no primeiro momento um grupo ficava com gracinhas... / Em um círculo para acordar o corpo começamos movimentando o pescoço e a cabeça, depois os ombros fazendo movimentos para frente e para atrás depois o tronco e a cintura depois a bunda, os joelhos e os pés... / Nesse dia nós acordamos o corpo, só que os meninos não queriam participar do acordar o corpo disseram que não iriam acordar o corpo porque era coisa de mulher... (Anexo D)

Como os relatórios não satisfizeram minha curiosidade, em entrevista com a professora Carla perguntei-lhe como acontecia o acordar o corpo e ela respondeu: No primeiro momento a gente fica na base, com os pés paralelos e respiramos algumas vezes, espreguiçamos, mexemos nossas articulações, descemos como o caracol e soltamos o corpo. Em seguida perguntei-lhe se sempre fazia a mesma coisa na hora de acordar o corpo e ela respondeu que sim. Com essa resposta me chegaram várias perguntas: Será essa a causa da insatisfação de uns? Pela repetição a atividade tornou-

se monótona, mecânica? Será que a atividade proposta não é muito *séria* para as crianças? Quando brincamos não acordamos o corpo? Houve problematização desse momento com o grupo?

Naturalmente é indiscutível a pertinência da proposta de acordar o corpo. Nos conectar com nossa respiração, com nossa base e com nossas articulações significa construir um diálogo com nosso corpo, conhecê-lo e reconhecê-lo a cada dia, a cada transformação. O corpo elemento fundamental na prática teatral, sem dúvida deve ser acordado, aquecido e articulado.

Pelo que a professora Carla descreveu faltou ludicidade. O primeiro momento pareceu-me sério demais para as crianças. Em seus relatórios ela sempre passa do relato do primeiro momento para o segundo momento com frases do tipo: ...nós acordamos o corpo depois fizemos a brincadeira do... Com a colocação depois fizemos a brincadeira... a professora Carla afirma que antes não tinha brincadeira, ou seja, separa o primeiro momento do contexto de brincadeira, construindo assim uma carência em relação à linguagem da criança, que tem a brincadeira, o brinquedo, o movimento e a alegria no seu mundo comunicativo e expressivo.

O conflito instaurado, insatisfações de uns em participar do primeiro momento e o desejo de fazer a aula por parte da maioria do grupo levou a professora tomar as atitudes seguintes:

Então eu falei que quem não quisesse participar da aula ficasse observando a aula na carteira... / ... eu falei que quem não estava com vontade de fazer a aula poderia ficar fazendo atividade com a professora Nadilza e o grupo que estava bagunçando foi ficar com a outra professora. Eu continuei a aula e fomos fazer uma brincadeira...(Anexo D)

A solução dada pela professora Carla para o conflito foi de excluir as crianças desmotivadas da atividade. O primeiro momento tornou-se repetitivo. A repetição nasce da falta de troca, de diálogo, de problematização e de reflexão crítica. Optar pela repetição fortalece, na atividade, o caráter não criativo, não interativo e passivo.

Compreendo a ação imediata da professora Carla diante do conflito, uma vez que ela estava preocupada em dar continuidade à sua aula. Porém sinto falta de uma reflexão posterior, no momento da avaliação da aula, momento em que deveríamos estar trazendo os conflitos e os prazeres da aula para refleti-los e problematizá-los com o grupo a fim de reorientar a

proposta. A falta de uma reflexão e de uma problematização contribui para o fortalecimento das relações autoritárias e da manutenção de uma *maioria silenciosa*, contraditório a proposta pedagógica do Brilho do Cristal e da própria professora de Teatro, que utiliza como um dos principais referenciais teóricos a Pedagogia Libertadora, que aponta o diálogo como mediador da construção de conhecimento. O resultado foi que, durante todo o semestre, o primeiro momento ficou dividido entre crianças que participavam e crianças que não participavam.

Mas, como trazer a conscientização corporal para a sala de aula? Como acordar o corpo de maneira diversificada, lúdica e sem repetição? Como acordar e centrar as crianças que estão acostumadas a ficar por muito tempo sentadas diante da televisão ou que estão acostumadas a correr, pular e brincar? Vislumbro como proposta mais adequada os jogos, pois há em diversos jogos a possibilidade de se trabalhar o centramento, a base. As atividades com jogos são mais atraentes para as crianças. Concordo plenamente com Spolin quando ela defende o jogo como forma de concentrar, de acordar as crianças:

O objetivo no qual o jogador deve constantemente concentrar e para o qual toda a ação deve ser dirigida provoca espontaneidade. Nessa espontaneidade, a liberdade pessoal é liberada, e a pessoa como um todo é física, intelectual e intuitivamente despertada. (1992, p. 5)

3. 4 - Segundo Momento - Dicção

O segundo momento objetiva trabalhar de maneira lúdica a voz das crianças. Nos apoiamos em algumas apostilas de Voz e Dicção para trabalharmos exercícios específicos de aquecimento de voz. Para trabalharmos a expressão oral, voz e corpo de maneira integrada, nos apoiamos nos jogos de Boal e Spolin. Apesar de especificarmos um momento para dicção a intenção não é separar a voz do corpo e sim enfatizar a necessidade de trabalharmos a dicção continuamente, em todas as aulas. Afinal, a voz, essa sonoridade que sai do nosso corpo, concretude de uma forma sonora que chamamos fala, jeito de falar, é corpo, é expressão corporal.

A maioria das crianças, especificamente as *nativas*, apresenta muitas dificuldades de pronunciar as palavras segundo os padrões da educação formal, que é diferente do padrão vocal do Vale do Capão. A timidez em se expressar através da oralidade deixa as crianças falando baixo, ao mesmo tempo em que muitas vezes têm dificuldades em suavizar o tom da

voz. Sabemos que há aí um aprendizado cultural, um jeito de falar próprio das pessoas da roça, eles não projetam a voz, não articulam as palavras e não as pronunciam em sua totalidade, porém todos se entendem muito bem. Um outro costume que pude observar na comunidade é que a maioria dos pais falam com as crianças gritando e as crianças passam a fazer o mesmo com as pessoas com as quais elas se relacionam. A professora Carla comenta sobre esse momento:

... esse momento é muito importante para as crianças, principalmente porque são crianças da roça e pronunciam incorretamente algumas palavras ou falam embolado, rápido, de uma maneira que não dá para entender. É aí que trabalhamos com exercício de voz, trava-línguas, vogais, para facilitar e articular melhor as palavras. Antes eu não dava tanta importância ao momento de trabalhar com a voz, porém diante das dificuldades que algumas crianças apresentaram em relação à pronúncia foi que eu passei a valorizar e a procurar diferentes formas de trabalhar com esse momento... (Anexo G)

Segundo o depoimento acima a professora Carla se coloca de maneira coerente em relação a importância do trabalho de voz no desenvolvimento comunicativo e expressivo da criança. No entanto, mesmo a professora falando que passou a valorizar a dicção, segundo seus planos de aula (Anexo E) e seus relatórios (Anexo D) foram poucas as vezes em que ela trabalhou esse momento. As crianças precisavam ter sido incentivadas a perceberem os sons da natureza, sua diversidade, seus tons: alto, baixo, agudo, grave, silencioso e barulhento. Dos dezessete relatórios investigados em apenas cinco relatórios encontrei referência ao momento de dicção, que foram as seguintes:

...Depois fomos fazer o exercício de dicção: primeiro aquecemos a voz. Depois começamos a pronunciar frases com os dentes travados e fizemos a brincadeira de jogar a palavra, / ...ainda no círculo para aquecer a voz passando a língua na gengiva três vezes para um lado e três vezes para o outro; com os dentes travados brincamos com a brincadeira que cantamos assim: fulano comeu o pão na casa de João... / ... fizemos uma roda para aquecer a voz. Passamos a língua dentro da boca depois fizemos o jogo das vogais falando e expressando corporalmente diferentes sons com as vogais... / ... voltamos para o círculo para o aquecimento de voz, fingimos que estávamos mascarando chiclete, depois pedi para que cada um falasse uma frase com os dentes travados... / ... Fizemos um aquecimento de voz e pedi para eles caminhassem pela sala para fazermos a brincadeira de jogar a palavra para ajudar no aquecimento de voz... (Anexo D)

Em termos quantitativos esse momento foi pouco vivenciado. Apesar das poucas experiências com a dicção encontramos pérolas nesse momento, a exemplo do jogo *jogar a palavra*, descrito pela professora Carla,

...onde todos ficam em um círculo e um vai para o centro e um colega do círculo diz uma palavra e esse que está dentro do círculo brinca com a palavra, explorando sons e movimentos possíveis, pronunciando-a de várias formas, assim como utilizando o corpo de várias formas. Depois essa pessoa volta para o círculo e vai outro para o círculo e assim sucessivamente... (Anexo D)

Nesse jogo a criança tem oportunidade de integrar voz e corpo, interior e exterior, além do exercício de exposição aos colegas, pois a criança que recebe a palavra vai para o centro da roda, na arena, onde os jogadores-alunos-atores são colocados diante de desafios, limites: assumir a regra do jogo, se expor, falar, cantar, dançar, criar e recriar. Nesse processo lúdico, inteiro, trabalhando corpo e voz de forma integrada as crianças vão se construindo a partir do conhecimento teatral.

Lamentavelmente não houve continuidade da proposta de dicção. Dessa forma ficamos com uma lacuna em relação a esse momento. Me pergunto: A professora de Teatro concebeu o real valor da voz para o Teatro e para a expressão oral-corporal do sujeito social? A falta de continuidade me revela a desvalorização da proposta e tal desvalorização acredito que aconteceu por falta de consciência da professora Carla do real valor do momento proposto.

A meu ver, a dicção podia ter sido melhor explorada, não só neste momento como também no quarto momento onde a proposta é trabalhar com Jogos Teatrais e Jogos de Boal, pois os dois autores propõem jogos que trabalham corpo e voz de maneira integrada. Parece-me que o fato de termos colocado um momento específico para dicção, mesmo sem intenção, fortaleceu a idéia de voz separada de corpo. Mais uma vez a idéia foi reforçada quando no quarto momento que chamamos de *aquecimento corporal* não foi incentivado o uso continuado de jogos que trabalham corpo e voz de maneira integrada propostos por Boal e Spolin.

Refletindo essa proposta penso que poderíamos experimentar na próxima prática pedagógica de Teatro um cuidado maior em relação ao trabalho de voz como expressão corporal. Objetivamente poderemos eliminar o momento específico de *dicção* e incorpora-lo no momento de *aquecimento corporal*.

3.5 - Terceiro Momento – Jogos Dramáticos

O terceiro momento tem como objetivo aquecer o corpo a partir de jogos do cotidiano da criança e jogos de imaginação. Os Jogos Dramáticos a que nos referimos aqui não são os

Jogos Dramáticos Infantis de Peter Slade, apesar de também trazer características em comum com estes, tais como: tem personagem, tem dramatização, as regras são flexíveis e não exigem público. Nossos Jogos Dramáticos são: as brincadeiras livres do cotidiano infantil e os Jogos Dramáticos de Maria Clara Machado e Marta Rosman. Dessa forma esse momento fica subdividido em dois momentos: Jogos Dramáticos do cotidiano infantil e Jogos Dramáticos conduzidos, imaginativos de Machado e Rosman.

As brincadeiras livres são os jogos que aprendemos no dia-dia e que têm personagens mas não necessariamente tem dramatizações. Alguns jogos que podem ser trabalhados nesse momento: *cacique, coelhinho sai da toca, gato e rato e cantigas de roda com dramatização*. Esses jogos, além de aquecerem o corpo, possibilitam trabalhar a atenção e a integração. A troca é o ponto alto nessa atividade, pois todos têm jogos a propor e na valorização das suas identidades culturais as crianças vão se afirmando como sujeitos participantes do processo.

No livro *100 Jogos Dramáticos*, Maria Clara Machado e Marta Rosman apresentam uma série de roteiros de situações desencadeadoras de Jogos Dramáticos que serviram de base para o terceiro momento. O foco principal desses jogos é a imaginação. A professora localiza as crianças, diz onde elas estão e a partir de um roteiro pré-estabelecido ela vai conduzindo a estória oralmente, mudando o tom da voz de acordo com a situação e com a emoção, podendo usar alguns recursos sonoros. Eventualmente a professor também pode criar Jogos Dramáticos de acordo com a necessidade de se trabalhar uma determinada situação cênica. Assim, a partir dos estímulos externos: música, silêncio e fala da professora a criança entra no mundo da imaginação. Vejamos alguns jogos dramáticos propostos pela professora Carla:

... brincávamos com jogos dramáticos - jogos que a turma trazia ou que eu trazia, por exemplo: o cacique; o pegador de tartaruga, além de exercícios de ocupação de espaços, planos, ritmos... / ...a brincadeira de imaginar que eles estavam enfrentando obstáculos como por exemplo: passando em uma ponte quebrada sobre um rio cheio de jacaré, passando em um matagal que estava cheio de espinho, eles participaram muito bem e foi ótimo porque nós trabalhamos as sensações de medo, alegria, raiva... / ... a brincadeira do ping e pong para trabalhar o espírito de companheirismo... / ... a brincadeira do bane, bane, bane... / ... brincadeira do pegador de tartaruga... / ... a brincadeira do ônibus... / ... a brincadeira de imaginar que eles eram animais e estavam com muita fome na floresta, cada vez mais a fome ia aumentando, eles iam ficando ferozes e a raiva ia deixando eles com vontade de andar mais apressado para encontrar comida até que então eles encontraram com um animal que seria o alimento do dia... / ... eu fui fazer com eles a brincadeira da família Pereira... / ... fizemos a brincadeira da árvore brincalhona... / ... fizemos a brincadeira do coelhinho sai da toca um, dois, três....(Anexo D)

Como percebemos, a professora de Teatro, juntamente com seus alunos, jogaram bem nesse momento. Uma grande variedade de jogos foi vivenciado que possibilitaram trabalhar sensações, como medo, alegria e raiva, além de toda a dinâmica interacionista que a atividade com os jogos proporciona. Os corpos se movimentaram, foram aquecidos e a criatividade foi estimulada. Dessa forma, jogando, as crianças foram construindo conhecimento, se reconhecendo nos limites das regras e trabalhando a coletividade que é imprescindível no Teatro. Concordo com SPOLIN quando afirma que:

Os jogos terão lugar de proeminência no processo de ensino para crianças... Jogos cuidadosamente selecionados também servem como instrumentos valiosos, no treino da realidade do Teatro. Terezinha de Jesus oferece personagens definidos como parte do jogo. Boca de forno, com suas tarefas a realizar...(1992, p.252)

Esse lugar especial para o jogo é visto também na prática pedagógica da professora Carla, quando ela comenta da importância dos jogos no processo das crianças:

... o jogo dramático, esse momento é de tamanha importância, é o momento da brincadeira em que a criança brinca no mundo do faz de conta, é nesse momento que elas se expressam sem medo e participam interativamente. As vezes as crianças sugerem brincadeiras que eles brincam em casa, tipo: gato e rato, esconde-esconde, melancia, gelinho-gelinho, pula-corda, salada de fruta. Quando eles sugerem de última hora eu deixo para fazer o que pesquisei na próxima aula... (Anexo D)

A professora Carla nos fala de um prazer de brincar, de trocar, que podemos comprovar na fala das crianças:

A aula de Carla é boa também porque a gente pode sugerir brincadeiras que a gente sabe... / ... eu sempre trago alguma brincadeira para fazer na aula de Carla... /a hora das brincadeiras é boa porque a gente aprende muitas brincadeiras... (Anexo F)

Sem dificuldades as crianças socializam seu repertório de jogo, sugerem brincadeiras, participam ativamente do momento. Considero a atividade coletiva fundamental na construção de autonomia, na construção de grupo unido, confiante um no outro. Tais fatores são fundamentais para o Teatro. O Teatro é uma arte coletiva. Em cena precisamos acreditar que não estamos sós, que estamos jogando com o outro; e para que isso flua é preciso confiança, interação, e os jogos trazem essa vivência tão necessária à prática teatral.

Lamentavelmente o jogo, tão comum no universo da criança, não foi tão valorizado nos momentos anteriores. Os dois primeiros momentos não são ressaltados com a mesma fluidez com que a professora Carla relata o terceiro momento. Contraditoriamente ao primeiro momento a professora Carla apresenta-se neste terceiro momento totalmente flexível as

sugestões, as idéias. No terceiro momento as crianças se entregam, sugerem jogos, participam ativamente e ludicamente da proposta. A fluidez desse momento fortalece a proposta de trazermos os jogos para o primeiro momento e para o trabalho de expressão oral-corporal. O jogo tem papel fundamental no processo de construção de conhecimento da criança. A criança facilmente se entrega a realidade do jogo, como isso ela se concentra, persegue os objetivos do jogo e nesse exercício de inteireza flui a espontaneidade e a criatividade.

Esses contrastes percebidos me confirmam a necessidade de uma reflexão contínua da prática pedagógica da professora Carla. Sinto falta por parte da professora de um direcionamento reflexivo em relação às tensões emergidas na sala de aula; seja em relação à proposta pedagógica da professora, seja em relação às relações humanas no grupo. A avaliação das aulas nos ajudam a não perdermos de vista a coerência das nossas propostas.

3.6 - Quarto Momento – Jogos Teatrais

O quarto momento tem como objetivo trabalhar o aquecimento cênico, ou seja, aquecimento voltado para a encenação e a apreensão dos elementos constituintes do Teatro. Para realização desse momento nos apoiamos em dois autores: Augusto Boal e Viola Spolin.



O momento começa com a proposta de Boal: exercícios corporais - *monólogo corporal* e jogos – *diálogo corporal*. Os exercícios e jogos de Boal propõem trabalhar a consciência

corporal: o corpo no espaço, o corpo que produz som, o corpo que escuta, o corpo que vê, o corpo que interage com outros corpos. Os jogos de Boal partem da desconstrução para a reconstrução corporal na tentativa de reencontrar o corpo expressivo.

Após o aquecimento com os jogos de Boal a professora deverá propor os Jogos Teatrais de Spolin. Os jogos teatrais apresentam como estrutura básica três questões: *onde?* (lugar, espaço); *o que?* (ação cênica) e *o quem?* (característica do personagem). Elas possibilitam ao aluno-ator de maneira lúdica a compreensão do espaço cênico, do tempo cênico e do personagem. Para Spolin o aluno-ator, consciente de *onde* a cena se passa, *o que* os personagens estão fazendo e *quem* são os personagens, é capaz de desenvolver a improvisação. No processo de improvisação não é permitido elaborar antecipadamente *como* a cena vai se desenrolar para que o processo de improvisação flua espontaneamente.

A professora Carla coloca como esse momento foi desenvolvido em suas aulas:

Nesse momento trabalhamos a relação do corpo com o espaço, com o colega, com os planos, com os objetos invisíveis e visíveis através dos jogos de Boal. Através dos jogos teatrais trabalhamos: platéia, palco, espaço, corpo, improvisação. ...fazemos as brincadeiras dos jogos teatrais, abrindo para eles a possibilidade de perceberem a diferença entre o jogo teatral e o jogo dramático, que um precisa de uma platéia e o outro não. No jogo teatral trabalhamos o espaço, o foco, o corpo, além de trabalhar o respeito entre os participantes que estão atuando e os que estão observando...(Anexo G)

A partir do depoimento acima podemos perceber uma apropriação teórica da professora Carla de suas propostas não só quando ela se refere aos autores e aos elementos constituintes do Teatro, mas também quando ela relaciona as características de Jogos Dramáticos e Jogos Teatrais, colocando-as como merecedoras de apreensão por parte das crianças. A valorização dos Jogos Teatrais é revelada, de maneira consciente, quando a professora Carla coloca que através dos Jogos Teatrais as crianças apreendem os elementos constituintes do Teatro. Assim a professora Carla estabelece uma relação com o Teatro-Educação não enquanto facilitador de aprendizagem e sim enquanto área de conhecimento a ser explorada, apreendida.

É comum haver uma tendência por parte dos professores, especialmente quando estes não têm formação específica de Teatro, a absorverem o Teatro na escola como recurso metodológico, como instrumento de aprendizagem, como Teatro Instrumental.. Os resultados das encenações na perspectiva instrumental são comprometedores, uma vez que não é trabalhada com as crianças a apreensão dos elementos constituintes do Teatro, como: corpo, espaço, tempo e

platéia, além dos exercícios para encenação. O que se vê *nos palcos escolares* são crianças envergonhadas, quase sem ação cênica e *tremendo de medo* de tirar uma nota baixa, pois, o conteúdo encenado é tema de uma outra disciplina. Assim, diferente da disciplina de arte, a professora pode inclusive fazer a pressão da avaliação pois vale ponto, reprova.... Outra situação equivocada se dá em relação às crianças extrovertidas que passam a se achar *grandes atores e atrizes*, pois elas têm os personagens principais, têm mais fala, mesmo que ao dizê-la não compreendam porque estão dizendo. Dessa maneira o Teatro perde sua função educativa no processo de construção de conhecimento do educando. Para SPOLIN:

...O nível desinteressante, precoce, freqüentemente exibicionista, de muitos desempenhos das crianças não derivam da inabilidade para compreender e aprender a arte teatral. Revela a falta de uma método de ensino que apresente o material da criança de forma a permitir que ela utilize seu potencial criativo dentro dessa linguagem. (1992, p.250)

Podemos confirmar o pensamento de Spolin através do desenvolvimento das crianças do Brilho do Cristal no que se refere ao entendimento do fazer teatral. Vale ressaltar que esse fazer teatral chega a sala de aula metodologicamente fundamentado, através de uma proposta pedagógica de Teatro-Educação. Podemos perceber a apreensão do processo de alfabetização estética teatral nas crianças quando elas se posicionam de maneira objetiva e subjetiva em relação ao fazer teatral:

Rilmar- O que a gente precisa para fazer Teatro?

Eniele- Determinação, se concentrar, não ficar bagunçando e prestar bem atenção. roupa, maquiagem, palco, platéia, fala(texto), personagem(ator), camarim e aquele lugar que ficamos atrás da cortina antes de entrar no palco(coxia).

Alberto- Precisa de cortina para fazer a coxia, atores, roupas, enfeites, maquiagem, palco e platéia.

Rilmar O que é o palco para você?

Alberto- Lugar aberto para o público que vê a gente apresentar; apresentar o que tem de melhor na vida e no Teatro.

Rilmar- Você sabe o que é coxia?

Alberto- Coxia... é o lugar que cochicha.

(Anexo - F)

A fala das crianças me permite identificar a apreensão dos elementos constituintes através do domínio de suas nomenclaturas e da sua construção conceitual. Quando perguntei para Alberto o que era uma coxia e ele pensou por alguns segundo e me respondeu seguramente: é o lugar que cochicha. Percebo aí que ele constrói o conceito a partir da experiência, do experimentar o lugar da coxia nos confirmando que sua compreensão não se deu de maneira superficial, foi construída na prática e na teoria num exercício pedagógico cuja reflexão da

prática era ação rotineira. O trabalho com os Jogos Teatrais possibilita exatamente esse domínio dos conteúdos de Teatro-Educação, que são absorvidos de maneira lúdica, prazerosa e alegre. A professora Carla coloca que:

...o momento dos jogos teatrais e improvisações, eram os momentos em que eles mais se identificavam, mais se entregavam. A turma da 4ª série sempre queria representar, antes de terminar uma apresentação eles já estavam perguntando qual seria a próxima apresentação. (Anexo - G)

A fruição das crianças em relação aos Jogos Teatrais nos mostra uma desmistificação do fazer teatral, da idéia errônea de que *criança não faz Teatro* além de provocar uma ruptura com o *Teatro Instrumental*. Os Jogos Teatrais são atividades indicadas para responder às expectativas. Os Jogos Teatrais, além de trabalhar com os elementos constituintes e estruturais do Teatro, possibilitam um fazer teatral completo. As crianças improvisam em cena, num exercício de ser assistido e de assistir. A criança, ao experimentar os dois lugares *palco e platéia*, passa a compreender o sentido de estar no palco assim como o objetivo da platéia

Na avaliação das cenas, que faz parte da estrutura dos Jogos Teatrais, o aluno é estimulado pela professora a avaliar objetivamente a cena dos colegas. Os estímulos podem ser dados por perguntas do tipo: *Vocês estão vendo todos os personagens que estão em cena? Como poderíamos melhorar a ocupação do espaço, dos planos? Ficou claro o onde se passa a cena?...* sugeridas por Spolin em seu livro *Improvisação para o Teatro*. A avaliação da cena constitui exercício importantíssimo no processo de alfabetização estética teatral e na construção de leitores críticos da imagem teatral.

A avaliação tem como objetivo exercitar a reflexão da cena através de comentários mais substanciais e objetivos evitando prevalecer os típicos comentários subjetivos e ingênuos do tipo: *foi bom, gostei de tudo, foi muito bom, etc.* Nesse exercício dialógico e dialético exercita-se falar e escutar, criticar e propor, refletir e expressar o pensamento, exercícios fundamentais para a reflexão crítica sobre os elementos constituintes do Teatro. Mas, este processo não é desprovido de conflitos. A professora Carla coloca que: “...ouvir o colega e aceitar a idéia do colega era muito difícil para eles. As vezes eles falavam assim um para o outro: vou falar mal da sua cena também pois você falou mal da minha.” (Anexo G).

Existe uma grande dificuldade de aceitarmos críticas, pois há um conceito errôneo, pré-concebido, em relação à crítica que é vista como ataque pessoal, que na primeira oportunidade se *desconta*. SPOLIN afirma que:

...muitos alunos confundem Avaliação com “crítica” e ficam relutantes em “atacar” seus companheiros. Uma vez compreendida, entretanto, que Avaliação é uma parte importante do processo e é vital para a compreensão do problema tanto par o jogador como para a platéia. A reticência que alguns alunos possam sentir para expressar seus comentários desaparecerá . (1992, p.25)

Isto significa que Spolin acredita que, no exercício contínuo de avaliação das cenas, onde criticamos e somos criticados, é possível diluir esse pré-conceito. De fato, mesmo com as dificuldades no exercício de avaliação na prática da professora Carla, a sua persistência em promover um diálogo crítico entre os alunos, trouxe mudanças em relação à avaliação, o que se pode constatar na fala da professora Carla:

Pedia para que nesse momento quando um estivesse falando sobre o trabalho os outros procurassem aceitar, refletir... E também pedia para que falassem de forma que não ferisse o colega, com cuidado, organizando a fala. Aceitando a crítica do outro, não só os elogios. No decorrer do semestre, a gente sempre fazendo as avaliações após as apresentações das improvisações, dando ênfase à necessidade de aprendermos a escutar, as crianças foram diferenciando a fala deles. Com o exercício de avaliar eles já não falavam para não colocar o dedo no trabalho do outro, eles refletiam sobre a fala, após a crítica vinham com as sugestões. As crianças perceberam que ora um colega fala e ora é ela que fala, que todos têm o direito de falar. Daí elas passaram a valorizar a sua própria fala e a fala do outro, a fala não vinha como resposta a um insulto e sim como uma necessidade.
(Anexo D)

Podemos perceber o quanto a continuidade, a persistência, foi importante para tornar possível o crescimento do grupo em relação à apreensão da necessidade de um diálogo crítico. Vejamos o que nos diz a professora Carla em relação à avaliação das cenas, a construção do diálogo crítico:

...um grupo apresenta a cena e os outros grupos servem de platéia, todos os grupos apresentam. Esse é um ótimo exercício para distinguir palco e platéia. Após a apresentação fazemos uma roda para avaliar as cenas a partir dos elementos teatrais... / ... Eles sugerem que falem mais alto, que não estava como o personagem, que o personagem não era daquele jeito, por exemplo: na semana santa, na cena do lobisomem eles disseram para o colega que estava encenando que o lobisomem tem que ter um corpo do lobisomem... (Anexo D)

A professora Carla confirma em seu depoimento não só a efetivação do exercício avaliativo proposto por Spolin como também nos revela o empenho das crianças em relação à proposta.

Ao avaliarmos e sermos avaliados de maneira coletiva passamos a compreender e valorizar a opinião do colega, a própria opinião, o que podemos perceber quando a professora comenta em seu relatório sobre o que as crianças falaram na avaliação da cena:

...Quando eles terminaram de apresentar eu pedi para o outro grupo comentar como foi a apresentação. Taína disse que achou muito engraçada o homem cortando a lenha parecia que ele estava cortando de verdade mas não gostou da filha porque ela ficava muito quieta e deveria ficar com mais raiva porque ela não ganhou o presente que queria.. Naiana disse que adorou o papel da mãe fazendo comida porque ela adora fazer papel de mãe. Rizon disse que parecia o pai dele cortando a lenha e que ficou engraçado. Janailton disse que não entendeu direito porque estavam falando muito baixo... (Anexo D)

Quando exercitamos o diálogo crítico a avaliação torna-se reflexiva , torna-se auto-avaliação, especialmente no momento em que escutamos o outro. A avaliação da construção cênica chega às crianças como regra de um jogo que é absorvida de maneira lúdica, contribuindo para que o processo de avaliação aconteça sem as amarras tradicionais de aprovação e reprovação, o que podemos constatar na fala da aluna Valéria: “Aprendi a ouvir o que os outros colegas falavam para melhorar nossa apresentação e a falar o que eu achava sobre a apresentação dos outros” (Anexo F) E assim jogando elas vão avaliando, se avaliando e de maneira prazerosa elas vão se construindo enquanto fazedores, apreciadores e leitores do Teatro.

Como podemos perceber o quarto momento que teve como objetivo trabalhar o aquecimento cênico, ou seja, aquecimento voltado para a encenação e a apreensão dos elementos constituintes do Teatro foi rico de conteúdo, de dinâmica e de reflexão da prática cênica. Também podemos identificar a apreensão dos conteúdos de Teatro-Educação na fala das crianças. O saldo positivo foi significativo, penso que para aumentarmos o nosso saldo deveremos enfatizar mais os Jogos de Boal, além de, lembrando a proposta do segundo momento – *Dicção*, inserir os jogos que integram corpo e voz nesse momento. A proposta de Boal proporciona um olhar re-significativo para o corpo enquanto expressão humana.

3. 7 - Quinto Momento- Construções Cênicas

O quinto momento tem como objetivo a realização de construções cênicas para serem apresentadas nos eventos do Brilho do Cristal, num exercício de prática de montagem. As construções cênicas são trabalhadas a partir de improvisações. Para realizar esse momento

apresentado em nossa proposta pedagógica nos apoiamos nos Jogos Teatrais sistematizados por Spolin. Os Jogos Teatrais, além de possibilitarem de maneira lúdica a apreensão dos elementos teatrais, também possibilitam a apreensão do processo de improvisação, que está fundado na definição de três questões: *Onde?* se passa a cena; *O Quê?* estão fazendo e *Quem?* são os personagens. O *Como* a cena vai se desenrolar não é definido, no máximo se pensa um pequeno roteiro. Spolin alerta para a importância da não-elaboração do *Como* no processo de improvisação.



Segundo a professora Carla com o grupo da terceira série as construções cênicas foram construções coletivas a partir dos temas das datas comemorativas: *Semana do Índio e Semana Santa*. Além destas, fizeram montagem da peça teatral *Flicts*, de Ziraldo, partindo de improvisações das cenas da peça. Com o grupo da quarta série foram trabalhadas construções coletivas a partir dos temas das datas comemorativas - *Semana Santa, Semana do Índio, Dia das Mães, Semana do Meio Ambiente e São João*, além de temas que os alunos propuseram no decorrer das aulas. Primeiramente analiso o processo de construções coletivas e em seguida analiso a montagem de *Flicts*.

3.7.1 - Construções Coletivas

As construções coletivas possibilitam uma prática participativa e criativa. Augusto Boal propõe as construções coletivas em seus experimentos com o Teatro do Oprimido, cuja base é a improvisação. Na sua proposta Boal parte da realidade do sujeito, especificamente de

situações cotidianas de opressões. No caso da nossa proposta pedagógica, partimos do contexto local, os temas são propostos pelas crianças ou são temas das datas comemorativas do calendário local. A professora Carla relata que

Inicialmente trabalhávamos as improvisações sem fala, depois com falas. Sempre dividíamos o grupo em três sub-grupos. Enquanto um apresentava os outros assistiam. Depois das improvisações procurávamos avaliar as cenas, os conteúdos, o trabalho dos colegas em cena, a distribuição do palco e da projeção da voz entre outras questões. Na aula seguinte eu trazia outras atividades corporais e na hora da improvisação retomávamos de onde tínhamos parado na aula anterior. (Anexo G)

Os exercícios de improvisações que trabalham sem fala possibilitam uma melhor relação do aluno-ator com o corpo e com o gesto. Como não há um texto a falar o aluno-ator assume como foco o seu corpo, com o qual ele vai ter que estabelecer um diálogo. O texto entregue precocemente à criança pode equivocadamente evidenciar a fala e desvalorizar o corpo, pois o texto passa a ser o foco e o corpo fica em segundo plano, quando não esquecido. Um texto ou a construção de um texto deve ser trabalhado organicamente, contextualizado, no ritmo das crianças. A professora Carla conta como ela trabalhou as construções coletivas:

Na hora de trabalhar com o tema primeiro eu peço para eles falarem o que sabem sobre o tema e em casa pesquisarem com os pais, com avós e vizinhos. Em um outro encontro, nesse momento, conversamos sobre o tema, exploramos as informações que todos nós trouxemos e partimos para as improvisações de cenas. Após as improvisações todos apresentam suas cenas... / ... a gente apresenta a cena e o outro grupo serve de platéia, esse é um ótimo exercício para distinguir palco e platéia. As improvisações eles faziam super-rápidas, eu ficava surpresa. Eu sempre tinha que estar preparada para as mudanças. O processo de improvisação foi bastante produtivo.. (Anexo G)

O trabalho com improvisação fluiu muito bem. Rapidamente as crianças criam cenas, apresentam, são avaliadas pelos colegas que assistiram a cena, reconstróem a cena, apresentam novamente, são reavaliadas, reconstróem, apresentam... esse exercício é feito quantas vezes for necessário. Os Jogos Teatrais de Spolin trazem em sua estrutura propostas de improvisações e conseqüentemente de apresentações, daí que o exercício de improvisar e apresentar foram uma constante na prática pedagógica da professora Carla. Para as crianças fazer Teatro significa *ir para o palco*. Apresentar a cena é sempre um prazer para elas, afinal, é sempre uma satisfação vermos nossas idéias concretizadas. As apresentações constantes em sala de aula, além de serem um grande estímulo para o fazer teatral, facilitam a apreensão do processo de montagem teatral.

...O que eu mais gostava nas aulas de Teatro era criar personagens que eu já conheço e apresentar em grupo porque eu não gosto de apresentar sozinho.(Rizon 4ª série)... / ... Gosto de fazer personagem que seja de dona de casa ou de mãe.(Naiana, 4ª série)... /...A hora que eu mais gostava era quando eu ia criar alguma cena para apresentar...(Juciano3ªsérie) / ... o que eu mais gosto é de apresentar(Janailton, 4ª série)... / O que mais gostei foi que juntos nós criávamos o que íamos apresentar e cada um podia dá a sua idéia e no final juntava para construir o que ia apresentar.(Alberto3ª série), / ...gosto de brincar, improvisar, ensaiar e apresentar.(Eniele, 3ª série) (Anexo F)

O depoimento das crianças nos revela que elas tem entendimento da construção cênica. Além disto, revela uma identidade subjetiva em relação aos processos criativos, elegendo-os como o melhor momento da aula. As crianças se posicionam como construtores do fazer teatral e defendem a construção coletiva como possibilidade de construir juntos, de somar idéias.

Nas improvisações pode-se trabalhar com pequenas cenas, grandiosas para as crianças. Isso da possibilidade de se construir o texto coletivamente, na sala de aula, mesmo que esse texto não venha a ser escrito imediatamente. Normalmente o texto é escrito depois que está bem vivenciado na cena. O texto nesse caso é um registro do que foi construído cenicamente, ele não é um texto que foi escrito para ser encenado e sim uma encenação um texto corporal cênico que tornou-se texto literário-teatral. As crianças confirmam que o jogo é um grande aliado nesse processo de construção. Brincando, jogando e criando as crianças vão se construindo leitores e fazedores da arte teatral. SPOLIN:

A criança pode dar uma contribuição honesta e verdadeira ao Teatro se lhe for permitido a liberdade pessoal para experienciar. Ela compreenderá e aceitará sua responsabilidade para com a comunicação teatral: em se envolvendo, ela desenvolverá relacionamentos, criará a realidade e aprenderá a improvisar e desenvolver cenas válidas teatralmente, como fazem os adultos. (1992, p. 250)

Essa contribuição das crianças à qual Spolin se refere é percebida na fala da professora Carla quando ela descreve a reação das crianças diante da proposta de construções coletivas:

...Eles se envolviam na pesquisa, eles faziam entrevistas com os pais, traziam as estórias que os pais contavam, era muito produtivo, um momento de troca, ouviam os colegas, escreviam mesmo aqueles que tinham dificuldades em escrever. O trabalho da *semana santa* por exemplo, os pais contaram estórias para eles, depois eles contavam essas estórias na sala de aula para a turma ouvir. Quando todas as pesquisas tinham sido apresentadas e discutidas partíamos para a construção das cenas, aí eles já tinham idéias dos personagens. (Anexo G)

O relato da professora Carla revela uma prática participativa, reflexiva e libertadora. Podemos identificar facilmente em sua narrativa referente aos processos de construções coletiva os

elementos didáticos e metodológicos importantíssimos na construção do conhecimento, como: pesquisa, entrevistas, troca, superação de limites em relação à escrita, imaginário coletivo. O relato culmina colocando os elementos *pesquisa* e *reflexão* como preparação importante para a construção do personagem.

A valorização do aluno pesquisador na prática pedagógica da professora Carla, além de torná-la também professora pesquisadora, é de extrema relevância para a construção de um currículo participativo. O diálogo com a comunidade, estabelecido nas pesquisas propostas, efetivamente transforma o conhecimento comum em conhecimento sistematizado. Assim, o conhecimento é construído com os saberes de todos, acrescentando à prática educativa à experiência do povo, da comunidade, estabelecendo um diálogo com sua cultura.

Gosto de criar o que vou fazer, as cenas eram criadas por nós mesmas e com ajuda dos nossos pais que falavam alguma coisa para acrescentar sobre o que estamos fazendo como por exemplo o Teatro da *Semana Santa no Capão*. Nós fomos perguntar para nossos pais como se comemorava, antigamente, a semana santa no Capão depois nós criamos as cenas para apresentar. (Anexo F - Naiana, 4ª série)

O relato da aluna Naiana revela que a aluna faz a ponte escola-comunidade. O diálogo no quintal, na cozinha, chega à sala de aula. A aluna experimenta em sua construção cênica, reinventa a história e assim ela se constrói enquanto aluna-atriz e enquanto cidadã. Além de se reconhecer sujeito da construção cênica, da construção de conhecimento, a aluna reconhece também aqueles que lhes contaram as histórias, seu pai, sua mãe, sua avó...

...quando eu esquecia o que eu ia falar na hora de apresentar eu inventava na hora, porque a cena foi eu que criei então eu sabia o que eu estava apresentando. (Samiro, 4ª série) / ...é bom o Teatro porque quando nos apresentamos os personagens somos nós que escolhemos eu gosto muito de fazer Teatro (Juciano, 3ª série) Eu prefiro trabalhar criando o texto a gente dá mais opinião. (Enele, 3ª série) (Anexo F)

O significado que tem as falas das crianças citadas acima é extraordinário. Elas deixam claro a consciência que as crianças têm sobre o domínio do fazer teatral, valorizando a liberdade de escolha, o fazer teatral e o processo criativo. O desenvolvimento dessa consciência foi possível devido a uma prática que valoriza a construção do conhecimento crítico, criativo e sensível.



Segundo seu relato, nesse exercício criativo de improvisações, onde objetividade e subjetividade se relacionam de maneira complementar, a professora Carla teve dois grandes desafios. Com a terceira série o desafio maior se deu na montagem de Flicts. Com a quarta série, por falta de união do grupo, tornou-se um grande desafio fazer uma colagem de cenas, construir um texto coletivo. Uma característica do grupo da quarta série era a formação de sub-grupos. A professora Carla Bastos coloca que:

As apresentações eram sempre cenas independentes, eles não conseguiam se juntar. Não fizemos colagem de cenas. A turma era muito diversificada, muitas vezes não se identificavam um com o outro. No decorrer eles foram mudando, um observava o trabalho do outro, dava opinião, achava o trabalho legal e já dizia que ia se juntar a aquele na próxima cena. Mais na frente os três sub-grupos se transformaram em dois grupos. Ficou legal, sempre tínhamos uma platéia para sugerir. Eles não tinham dificuldade em construir a cena, eram rápidos, o maior desejo era apresentar. Quando eles estavam em cena eles estavam inteiros e felizes, eu sentia. Eles conseguiram crescer, construir conhecimento. (Anexo G)

No relato acima percebemos um processo crescente de transformação de atitudes. É interessante perceber que a professora Carla inicialmente fala de uma resistência do grupo, porém, com a continuidade dos trabalhos essa resistência foi se dissolvendo, transformando-se em colaboração. Para mim esse é o grande ofício do professor: perceber que os desafios devem ser vencidos com criatividade e persistir no esforço de educar.

Dessa maneira as construções cênicas foram concebidas enquanto processos orgânicos, vivenciais e contextualizadores, nos confirmando o pensamento de Freire: “A partir da relações do homem com a realidade, resultante de estar com ela e de estar nela , pelos atos de criação e recriação, vai ele dinamizando o seu mundo.” (1999, p.51). Dessa forma o exercício de construções coletivas trouxe para a sala de aula a cultura dos sujeitos envolvidos no processo e num ato de recriação as apresentou em cena.



3.7.2 - Montagem de Flicts

A proposta de trabalhar com texto teatral não foi apresentada pela proposta pedagógica. Foi uma proposta dos alunos da terceira série. Mesmo sabendo que era extremamente difícil montar um texto teatral com uma carga horária tão pequena e com um grupo que nunca tinham montado um texto teatral, a professora encarou o desafio.

Como as crianças pediram para encenar uma peça teatral a professora Carla levou algumas peças infantis para a sala e pediu para cada criança escolher uma, ler em casa e depois fazer o comentário em sala ...

...Após todos comentarem a leitura da peça, um aluno sugeriu montar a peça que ele tinha lido - *O Menino e Coelho* daí outro aluno falou que queria montar *O Menino e o Vento*, outro falou que gostou da *Traição na Terra do Coelho*. Eu contei para eles a

estória do *Flicts* e sugeri a montagem. Quando eu terminei de contar *Flicts* um aluno logo falou que queria montar *Flicts*. Aí eu coloquei que primeiro eles pensassem, poderiam trocar os livros, poderiam sugerir outra peça. No encontro seguinte fizemos nossa aula de Teatro e no momento de conversarmos sobre a escolha do texto foram propostas duas peças: *Flicts* e *O Menino e o Coelho*. Eu trouxe uma cena de *Flicts* para trabalharmos em nossas improvisações. Tinha um grupo que não queria montar *Flicts*. Depois de discutirmos chegamos ao acordo de montar *Flicts*. Coloquei para eles que em outro momento poderíamos estar montando uma daquelas peças e para fecharmos o processo com as leituras das peças pedi para eles escreverem o resumo da peça lida. (Carla, Anexo G)

Analisando o relato acima percebo que a escolha do texto parece ter ocorrido de maneira ocultamente autoritária. A professora, diante do conflito, sugere a montagem da peça *Flicts*. E coloca que “...Quando criança, aluna do Brilho do Cristal, eu participei da montagem de *Flicts*, e achei que poderia ser muito bom participar novamente da montagem de *Flicts*, agora, como professora...” A fala da professora Carla me leva a refletir o posicionamento da professora diante dos seus desejos, dessa forma me encontro diante de algumas tensões, questões disciplinares, desejos das crianças e desejos da professora.

Ora, o professor é referência importante para o aluno. Por isso, quando a professora propõe encenar a peça que ela trouxe, não é de se estranhar que a maioria das crianças quisesse imediatamente montá-la, acredito que induzida pela proposta da professora e envolvida com a estória linda, colorida e cheia de movimento que acabara de escutar. Rapidamente as crianças esqueceram seus próprios desejos.

A atitude da professora nos revela o currículo oculto em ação quando consegue que seus desejos e valores prevaleçam sobre os desejos e valores das crianças sem possibilitar um questionamento, uma problematização. A ação pedagógica é terreno fértil para emergir o currículo oculto. A negação do conflito causado por desejos diversos em um grupo é estabelecido quando a professora busca uma solução imediata prevalecendo os seus desejos. Por uma questão cultural o *barulho* causado por um conflito para a maioria dos professores significa indisciplina e não processos de afirmação, daí a professora não quer *perder tempo* com discussões, ela quer o grupo calmo, *silencioso*... mas, tudo isso são valores da professora. Daí eu pergunto: Não é a educação uma atividade coletiva, democrática? Na perspectiva Libertadora não são os desejos nem os valores da professora nem dos alunos que prevalecem e sim o diálogo e a problematização, só assim poderemos construir um currículo crítico, uma educação libertadora.

A reação das crianças de cada uma querer encenar a peça que leu é extremamente natural e como tal deveria ter sido valorizada, continuada e não reduzida e abafada. Dentro do contexto de aula de Teatro, onde as crianças pediram para encenar uma peça, claro que ao ler uma peça, como são imediatistas, as crianças já querem montar, já querem decidir, cada um defende a sua idéia, num exercício de auto-reconhecimento e auto-valorização. Lamentavelmente a professora Carla não percebeu que aquele conflito poderia lhe levar a experiências prazerosas, cheias de desejos, sonhos, afinal, a leitura nos leva ao mundo da imaginação e muitas vezes queremos trazer para nosso mundo esse mundo de imaginação e o Teatro possibilita concretizar esse sonho.

Sob a ótica de uma proposta libertadora um conflito como esse é recebido como instigador de processos construtivos, dos quais muitas idéias surgirão. O diálogo é o primeiro passo. Os encaminhamentos surgirão após as reflexões. A partir desta reflexão não é difícil de perceber soluções que atendam a todos, soluções coletivas, como: montar improvisações, releituras a partir das peças lidas, inclusive da peça *Flicts*, dando uma forma de colagem coletiva, um texto coletivo.

Definido o texto, o próximo passo é a montagem. Como ficaram as questões da escolha de personagem e da apreensão do texto.

Trabalhamos a partir de improvisações. Brincamos muito com o jogo de imaginação, imaginávamos ser determinada cor. Fizemos uma estória coletiva sobre as cores. Cada um fez uma poesia sobre uma cor. No trabalho com os jogos procurava colocar dinâmicas que tem a ver com cores, sempre trazendo elementos da peça. Todos experimentavam todos os personagens, ora um era o verde, depois era o laranja. Inicialmente não tinha personagens definidos estávamos conhecendo o texto. A partir dessas dinâmicas eles foram construindo suas identidades e assim escolhendo seus personagens. (Carla, Anexo G)

A professora Carla nos fala de uma escolha de personagem feita através de improvisações, jogos e experimentações. A escolha de personagens para uma encenação deve acontecer assim de maneira experimental, sem competições e, como bem colocou a professora Carla, pelas identidades. Dessa forma evitam-se discriminações ou imposições. Em relação à apreensão do texto a professora Carla coloca que:

Inicialmente eles não levavam texto para casa. Só depois que tínhamos trabalhado todo o texto foi que eles receberam o texto, mas não havia nenhum compromisso em decorar o texto e sim ler o texto todo para entender cada vez mais a estória... ..O texto foi trabalhado por parte. Eu separei as cenas e a cada aula eu trazia uma cena onde trabalhávamos a cena a partir de improvisações.. (Anexo G)

Considero muito importante a proposta da professora Carla em trabalhar o texto por partes, partindo de improvisações e do entendimento das cenas propostas e não a partir de falas decoradas tal qual o texto. Decorar um texto, além de ser uma tarefa pouco criativa, dificulta sua apreensão, tornando-o uma *camisa de força*. A criança estará voltada totalmente para a auto-vigília no sentido de não *perder* uma única palavra do texto. Provoca equívocos, pois muitas se acham superiores por decorar rápido, por ter muita fala e conseguir decorá-la e outras se acham incapazes, desvalorizadas por ter pouca fala, por não *conseguir* decorá-las... Dessa maneira o fazer teatral é concebido a partir das *falas* e a atenção está voltada para a fala anterior e a fala posterior. Perde-se o sentido do todo, da unidade, da estória e de sua organicidade.

Um texto deve ser trabalhado de maneira criativa, brincante. O estudo e a compreensão de um texto teatral deve acontecer não só no nível da leitura das palavras, mas também na construção cênica improvisada e na leitura da imagem em movimento. As rodas de avaliações, e a problematização do texto e das improvisações são imprescindíveis no exercício de apreensão do texto e da concepção cênica. Teoria e prática entram nesse jogo. O aluno Alberto comenta o que é para ele estudar um texto: “...Leio o texto, vejo o que tem, como é a estória, as coisas importantes e dou minha opinião. É bom porque a gente pode inventar, normalmente a gente inventa”, esse *inventar* do qual o aluno Alberto fala se refere à improvisação em cena e esta improvisação só será possível se a criança de fato entrar no jogo, se absorver claramente a regra do jogo, se ela brinca com o texto, com o fazer teatral. Quando jogamos estamos inteiros, livres das amarras e não tem lugar para falar palavras decoradas.

Por outro lado, quando trabalhamos com improvisações, temos que ficar atentos para não nos deixarmos levar pela fluência da espontaneidade. Há na improvisação um diálogo entre objetividade e subjetividade. É preciso saber o que queremos: construir uma estória a partir de outra estória ou contextualizar a estória, ou seja, trazê-la para a realidade próxima do grupo a partir de improvisações. No caso da experiência da terceira série a intenção da professora Carla era contextualizar o texto *Flicts*. Isso é percebido quando a professora Carla narra suas dificuldades iniciais do trabalho com *Flicts*.

As cenas não foram trabalhadas na seqüência do texto. Eu achei que se eu acompanhasse a seqüência do texto as improvisações não seriam tão criativas. Porém teve um momento que o trabalho ficou confuso, eu não conseguia organizar. As cenas

improvisadas ficaram muito extensas e eu não consegui trazê-las de volta para o texto. A cena improvisada, na verdade, tinha se tornado outra estória. Eu queria montar *Flicts* a partir de improvisações. O problema foi que eu não consegui organizar as improvisações. (AnexoG)

Quando trabalhamos com gente não podemos prever resultados fechados, uma vez que a complexidade do ser humano nos impede tal façanha. Foi mais ou menos o que aconteceu com a professora Carla quando trabalhou as cenas fora da seqüência do texto para tornar o processo mais criativo. De fato, parece que a criatividade fluiu bastante, mais do que a professora imaginava. Com tanta criatividade as cenas tomaram formas que comprometeram o desenvolvimento da proposta que era de montar o texto *Flicts* de maneira contextualizada. Mas, como a professora Carla é criativa ela acaba encontrando uma solução:

Então eu resolvi trabalhar as cenas de *Flicts* na seqüência do texto, primeiro a 1ª cena depois 2ª cena e assim por diante. Para não perder o que já tinha sido criado no momento das improvisações nós trouxemos partes das improvisações, que já tínhamos criado, cortávamos o que considerávamos que estava fora do texto. Com base no trabalho das cenas seqüenciadas nós fomos montando o *Flicts*... (Anexo G)

De maneira criativa a professora Carla encontrou uma solução que ao meu ver foi bastante coerente e proveitosa. A atitude da Professora é reveladora da afirmativa de que uma proposta deve ser flexível, deve ser passível de reformar, de transformações.

Mas, apesar de todos os esforços, lamentavelmente não foi possível apresentar a peça *Flicts* na festa de encerramento do primeiro semestre.

Apesar da proposta de apresentar a peça *Flicts* no final do primeiro semestre nós não conseguimos. No decorrer do processo alguns alunos faltaram muito... / ...tivemos umas desistências, a exemplo do menino que fazia o vermelho no momento em que estávamos fazendo ensaios extras, a tarde, trabalhando já no espaço-palco, onde colocávamos as cortinas, era o momento em que definíamos melhor nosso espaço teatral, platéia, palco, coxia, camarim, entradas e saídas. Também já estávamos começando a experimentar nossa possível indumentária. Não era difícil conseguir uma substituta para o vermelho porém outra criança começou a faltar e outro ficou doente isso nas vésperas da nossa apresentação. Daí resolvemos não apresentar e continuar no próximo semestre. (Anexo G)

A narrativa da professora Carla Bastos nos revela seu compromisso com o fazer teatral. Ela nos fala claramente de etapas de montagem cênica, ensaio de palco, indumentária e lamenta não poder apresentar e comenta: "...Tinha um grupo de crianças, a maioria, que queria muito apresentar a peça *Flicts*, falavam o texto na rua brincando umas com as outras..". Sempre queremos entender porque determinada proposta não funcionou como prevíamos. Ao buscar a compreensão do processo, agora depois de todo relatado, retorno ao início, ao momento da

escolha do texto e me pergunto: até que ponto as desistências de uns não se deram em consequência da maneira que o texto chegou em sala? O tempo era suficiente para a montagem do texto? Em dois meses é possível trabalhar de maneira contextualizada, a partir de improvisações, um texto teatral, com crianças que estavam pela primeira vez trabalhando com texto teatral e com apenas um encontro de duas horas semanais? O fato de não ter apresentado significa que o trabalho não deu certo? Não deu certo porque não saiu como o planejado? São questões que precisam ser refletidas e problematizadas para melhor reorientar a prática .

Ainda temos uma fixação nos desejos próprios, criamos expectativas e esquecemos que as pessoas mudam, adoecem, ficam tristes, ficam alegres, não concordam com nossas idéias. Nos julgamos e nos enchemos de culpa nos impedindo de vermos o processo criativo, a continuidade. A professora Carla faz uma reflexão desse momento:

Talvez foi muito precipitado trazer essa peça para eles. Apesar de eu ter percebido que o grupo tinha uma identidade, que eles pediram uma peça, mas talvez tenha sido pouco tempo para eles decidirem que peça montar. Quando criança, aluna do Brilho do Cristal, eu participei da montagem de *Flicts*, e achei que poderia ser muito bom participar novamente da montagem de *Flicts*, agora, como professora, mas não deu muito certo. Se tivéssemos trabalhado a partir das peças lidas, das cenas escolhidas por cada um, das cenas que foram improvisadas em sala talvez chegássemos a um melhor resultado. Fica para a próxima. (Anexo G)

A auto-avaliação da professora Carla traz algumas problematizações interessantes. Ela relaciona o pouco tempo para escolha do texto como prejudicial. Reconhece que talvez fosse preciso maturação para escolher o texto, mais experimentações, improvisações, com todas as peças sugeridas. A professora fala do desejo íntimo dela de montar *Flicts* com os alunos, mostrando claramente que a professora também tem desejos. Mas, como conseguir realizar seus desejos pessoais sem abusar de seu papel de professor, papel de referência para o alunado. Na pedagogia Libertadora os desejos individuais são socializados e refletidos na busca de se construir um desejo coletivo, ou seja, não há lugar para o egocentrismo e sim para o humanismo, para a coletividade.

Chamo a atenção que a professora Carla finaliza sua auto-avaliação deixando a impressão que nada aconteceu porque não foi possível apresentar *Flicts* na encerramento do primeiro semestre. No entanto não podemos esquecer que esse grupo vivenciou experiências diversificadas, de muita riqueza e que fez várias apresentações, além de que o grupo ficou de

continuar trabalhando a peça *Flicts* para apresentar no próximo semestre, no final do ano, o que, aliás, foi feito por ocasião da festa de encerramento do ano letivo de 2004. Por outro lado, pelo fato de a professora Carla estar se despedindo do Brilho do Cristal com certeza ela gostaria de estar com seus desejos cem por cento realizados, até porque as turmas de 1ª, 2ª e 4ª série fizeram suas apresentações faltando apenas a terceira série.

A experiência com sala de aula tem que ser orgânica, humana e verdadeira. Não adiantaria colocar as crianças no palco para realizar o sonho da professora ou de algumas crianças. Precisamos lidar com o inesperado, com os conflitos. Não precisamos procurar culpados e sim soluções.



Para fechar a análise do processo de construção da peça *Flicts* trago o fragmento de uma entrevista que fiz com o aluno Alberto. Sua fala justifica a importância da montagem de *Flicts*, assim como nos mostra como a experiência do Teatro-Educação contribui para a construção de conhecimento das crianças:

Alberto- A peça ficou legal. Porque a gente dava nossa opinião: tira isso daqui, coloca isso... é legal as aulas de Carla porque a gente fala ...não tá legal...tá bom..., ela dizia: ...o que vocês acham? Isso é bom? Ela perguntava nossa opinião. ...Isso é que faz a diferença. A compreensão. As vezes o professor compreende os alunos mas nem todos os alunos compreendem o professor.

Rilmar- Teve alguma coisa que lhe chamou atenção, que você achou interessante, na peça?

Alberto- A comunicação entre as pessoas do palco e a platéia. O Branco fala com a platéia.

Rilmar- Você aprende alguma coisa com as aulas de Teatro?

Alberto - Aprendo com as aulas de Teatro, claro. A gente faz uma coisa é para aprender não é para ficar burrinho. Aprendo porque mostro a peça para um público. A gente aprende porque umas pessoas vão olhar. Um vão pensar que é besteira, outras vão pensar que é bom. A opinião delas mostram o que elas sentiram. Aí na próxima peça a gente melhora e assim a gente melhora cada vez mais. O público, a platéia, vê a gente apresentando. Tem hora que esse público serve para lançar você numa carreira de atriz ou ator, um artista... (Anexo F)

A entrevista acima nos revela um posicionamento crítico e consistente. Quando entrevistei o aluno Alberto me impressionei com a fluência de seu discurso, a apropriação do conteúdo e a articulação do mesmo com o contexto social, além de sua capacidade de se perceber aprendiz, um aprendiz crítico. Naturalmente a fluência da oralidade e o domínio de conteúdo de Alberto é consequência de uma prática pedagógica lúdica e dialógica que possibilita uma relação verdadeira com as vivências pedagógicas.

Continuando minha caminhada investigativa, na tentativa de entender que avaliação pode ser feita da prática pedagógica de Teatro-educação da terceira e quarta série de 2004.1 peço para a professora Carla fazer uma síntese de como foi a experiência com as duas turmas:

Na terceira série que era um grupo mais unido, deu para fazer um trabalho condensado. O plano de aula da 3ª série muitas vezes eu conseguia cumprir todas as etapas propostas. Aproveitávamos melhor o tempo. No trabalho do índio, o grupo da terceira série conseguiu montar um Teatro a partir da lenda do índio. Fizemos várias cenas e montamos a apresentação.

Com a quarta série a maioria das cenas foram apresentadas separadas, ou seja, cada grupo apresentava a sua. Conseguimos fazer um colagem de duas cenas e também foi possível montar uma pequena estória com todos participando. Eles são muito inquietos. Nem sempre eu conseguia realizar o plano, tinha que trazer atividades novas, reservas, eles eram cheios de energia, nunca podia repetir um jogo. Tinha que estar jogando, improvisando, não dava para sentar e procurar organizar o que vamos fazer, eles eram práticos, tinham que estar sempre em ação. Tinha que estar jogando eles na cena, dando a oportunidade de eles improvisarem, de eles estarem ali, aproveitando o momento dos jogos. No próprio jogo eu dava os toques. Eles não tinham paciência para parar para ouvir. Por exemplo explicar as regras do jogo, dividir grupo... Os jogos que propunham trabalhar platéia e palco, as cenas tinham que ser bem curtas, pois o grupo platéia não agüentaria ficar muito tempo sentado. Rapidinho eles já tinham um levantando, dispersando e já querendo sair da sala. As duas turmas tinham ritmos bem diferentes (Anexo G)

Os contrastes nos confirmam a diversidade, nos revelam as identidades e nos ajudam a perceber a riqueza de cada um. A professora Carla se refere aos processos de construção cênica dos grupos de maneira crítica, fala de um tempo bem aproveitado, de um tempo comprometido, mostrando-nos os fatores que influenciaram sua prática em ambas situações. Também nos mostra como ela ia vencendo os desafios, que *tinha que estar jogando eles na*

cena. Nesse momento percebo a professora se assumindo como jogadora. A regra é *não deixar a peteca cair*.

O quinto momento foi bastante produtivo. No exercício de montagem teatral as crianças experimentaram várias construções coletivas. Cada grupo com seu ritmo, seus desejos e sua identidade.

3.8 - Sexto Momento - Avaliação

O momento da avaliação tem como objetivo avaliar de maneira coletiva a aula, seu desenvolvimento, sua proposta num exercício de práxis pedagógica. Tal momento está fundamentado em Paulo Freire que propõe o diálogo e a problematização como norteadores da práxis pedagógica, entendendo práxis como reflexão da prática pedagógica. A avaliação da aula é o momento que a criança deverá ser estimulada a refletir sobre a aula e se posicionar em relação à proposta da aula, a sua própria participação, a participação dos colegas, às sugestões para a próxima aula. A intenção nesse momento não é fazer uma conversa cheia de *puxões de orelhas* e sim exercitar uma conversa reflexiva, sem buscar culpados e sim possíveis soluções para os conflitos e possíveis desdobramentos para o que está dando certo. No exercício de criticar, ser criticado e propor buscamos fortalecer o espírito coletivo nos tornando cúmplices um do outro nessa caminhada de acertos e erros no fazer teatral. Consideramos esse momento crucial na construção de seres participativos, críticos e sensíveis.

A partir dos materiais coletados: proposta pedagógica, planos de aula, relatórios, depoimentos e entrevistas, pude perceber que lamentavelmente a avaliação das aulas não aconteceu.

Para entender porque o sexto momento não é referenciado pela professora Carla, em entrevista, perguntei-lhe se acontecia a avaliação das aulas e ela colocou que:

A avaliação da aula acontecia dentro da avaliação das cenas. Quando a criança falava da cena muitas vezes eles já falavam também da aula, por exemplo: um aluno falava que a cena não ficou boa porque alguns colegas fizeram muita bagunça.... esses comentários nos levava a refletirmos sobre a importância de participarmos das propostas. (Anexo- G)

Lamentavelmente a professora Carla confirma a ausência desse momento em suas aulas. Ela coloca que a avaliação da aula muitas vezes acontecia durante a avaliação das cenas. No entanto, isso não significa que a avaliação da aula, tal como proposta acontecia, pois a avaliação de uma aula não deve ser restringida em avaliar o comportamento dos alunos. Apesar da professora ter vivenciado a roda de avaliação em toda sua prática pedagógica enquanto discente a mesma não conseguiu perceber a necessidade de tal momento. A autonomia da professora, muitas vezes, se deixa fechada em sua sala de aula impedindo-a de perceberem que sua autonomia se dá também pela liberdade da busca de soluções de problemas, na investigação, no compartilhar de idéias.

A avaliação deverá ser um momento de reflexão, o momento onde refletimos as propostas, o processo de aprendizado assim como os desdobramentos ou mudanças necessárias para que a prática pedagógica seja fruto de reflexão coletiva. A inexistência da avaliação coletiva como fechamento da aula pode acarretar em atitudes autoritárias, a exemplo do conflito em relação ao primeiro momento quando algumas crianças se recusavam a participar e como não houve avaliação coletiva a professora Carla assumiu os encaminhamentos de maneira autoritária e excludente. No entanto apresentamos no roteiro de aula um momento específico para avaliação dos *conflitos e dos acertos*. A avaliação coletiva torna a prática pedagógica mais democrática além de possibilitar a formação cidadãos capazes de refletir, opinar, se posicionar e propor encaminhamentos sobre seu contexto cultural, social e político

Apesar das lacunas podemos perceber que o trabalho da professora Carla foi bastante significativo no processo de construção de conhecimento das crianças do Brilho do Cristal. O principal objetivo que é proporcionar o processo de alfabetização estética teatral das crianças foi atingido. Como bem coloca SPOLIN:

Experienciando coisas junto, o aluno-ator se integra e se descobre dentro da atividade. Tanto as diferenças como as similaridades dentro do grupo são aceitas. Um grupo nunca deveria ser usado para induzir conformidade, mas, como num jogo, deveria ser o elemento propulsor da ação (SPOLIN; 1992, p.9)

A afirmação de Spolin em relação ao grupo ser propulsor da ação pode ser identificada na fala das crianças quando perguntei-lhes como tinham sido para elas as aulas de Teatro e elas responderam assim:

Eu gostei muito das aulas porque consegui aprender muitas coisas, a improvisar, criar personagem, a construir cenas. As brincadeiras que mais gostei foram: o Ônibus e o Pegador de tartaruga. Não gosto de fazer exercício de passar a língua na gengiva...(Taína) / ...As aulas me ajudaram a deixar a vergonha de lado a fazer tudo eu inventava fala na hora da apresentação.(Rizon) / ...As aulas de Teatro me ajudaram muito porque antes eu era uma pessoa que tinha muita vergonha de falar. Depois das aulas eu fui me soltando e participando mais (Naiana) / ...Aprendi a criar o que eu ia falar na hora de apresentar (Samiro) / ...As aulas de Teatro foram boas, tinha dia que não tinha brincadeiras porque tinha o ensaio de *Flicts* aí eu não gostava muito Queria que as aulas tivesse mais tempo porque é muito pouco. (Samira) / As aulas de Teatro foram boas porque eu aprendi a criar personagens durante a aula, na hora da apresentar a apresentação ficava melhor. Aprendi que tem plano baixo, plano médio e plano alto (Valéria) / ...Gostei também quando Carla trouxe o livro da peça de Teatro, assim eu pude ler uma peça, comentar sobre ela e improvisar uma cena sobre a peça. Só não gostei que alguns colegas não leram as peças que levaram para casa... (Alberto), (Anexo F)

O posicionamento reflexivo das crianças em relação as práticas pedagógicas teatrais nos mostra o quanto a proposta de improvisação de Spolin, ao contemplar em sua sistematização a avaliação da cena, instiga e torna fluente tal exercício. Podemos perceber na fala das crianças a apreensão do fazer teatral não só em relação ao domínio das nomenclaturas dos elementos constituintes do Teatro como também em relação ao domínio técnico. Elas se posicionam em relação à necessidade de mais tempo para as aulas, questão tão debatida entre os arte-educadores. Elas identificam e apontam para a importância das improvisações na sala de aula para que se possa ter uma fluência no palco. Enfim elas nos mostram que o trabalho da professora Carla foi significativo no processo de construção de conhecimento teatral.

3.9 - Um exercício de memória

Para enriquecer e embelezar minha caminhada investigativa, num exercício de memória, reuni algumas crianças dos dois grupos investigados e distribuí algumas fotografias. As fotografias retratavam atividades de Teatro-Educação do primeiro semestre de 2004. Claro que, diante das fotos, muitos foram os comentários. Depois que eles exploraram as fotografias, comentaram, pedi para que cada um escolhesse uma fotografia e que sentasse em sua cadeira e escrevesse sobre o que lembrava ao ver aquela imagem. Apesar das dificuldades de muitos em escrever a maioria dos alunos escreveu, inclusive, muitos pegaram outras fotos para escrever. O resultado foi muito interessante, e para fechar essa caminhada apresento um fragmento desse exercício.



22
nesse momento
eu estava fazendo a aula
de Corla com corpo e a
aula de Corla é muito boa
eu gosto de fazer é muito
legal. A gente estava fazendo
exercício de voz. Eniele



TEATRO

Eu estava na minha sala
fazendo uma peça de cliets.
eu estava fazendo um
personagem do ynfaber.

Eu também fazia o branco.
Foi muito bom fazer essa peça.
Tenzin



neste dia nós estávamos fazendo uma apresentação no Coreto sobre o meio ambiente neste dia eu era uma Velha que estava resmungando porque o esgoto estava sujando o rio ele passava em rio, em rio, para sejar

Taina



Nesta foto eu tinha acabado de
apresentar o teatro do dia
do meio ambiente. Eu estava
descansando com minha amiga.

Trina Micéia



Aula 2 de Teatro

neste momento eu estava coído
imóvel no chão fazendo uma
situação simples, um exercício
de corpo imitando um animal
muito diferente.

Alberto



51
① Oa meu papel é o lixo e
meu colega é o esgoto e eu e
ele é muito esperto mais não é
para tanto porque eu não presto.
Mathews

- Considerações Finais

Sistematizar a prática de Teatro-Educação do Brilho do Cristal enquanto componente curricular contribuiu para uma melhor fundamentação do Teatro-Educação no sentido de aperfeiçoar suas práticas pedagógicas. Transformar a prática pedagógica da professora Carla em uma pesquisa de Mestrado foi uma oportunidade de construir um diálogo entre teoria e prática pedagógica, descrever e refletir sobre a história do Teatro no Brilho de Cristal, além de tornar essa experiência como uma possível inspiração e referência metodológica de Teatro-Educação para outras escolas e outros educadores, fortalecendo o entendimento do papel do Ensino de Teatro no currículo da educação escolar.

A Escola Comunitária Brilho do Cristal tem como princípio educativo a construção de conhecimento a partir do seu contexto sócio-político-cultural de uma comunidade rural, exercendo o papel de formadora de cidadãos com capacidade de serem criativos, críticos, participativos e autônomos. Possui uma proposta pedagógica na qual o currículo é construído numa relação dialógica, valorizando as vozes dos que fazem a escola: alunos, professores, funcionários, pais e amigos.

O projeto pedagógico do Brilho do Cristal propõe uma prática pedagógica experimental, humanista, com especial destaque para a linguagem artística. No atual momento o Brilho do Cristal experimenta uma proposta pedagógica transdisciplinar, com bases teóricas em Paulo Freire, Edgar Morin e Moacir Gadotti. Essa experiência é um caso raro de qualidade educacional no contexto de abandono vivido pelas escolas brasileiras, principalmente no meio rural.

Para sistematizar e analisar a prática do Teatro-Educação no Brilho do Cristal delineei três objetivos específicos: Identificar as bases teóricas do Teatro-Educação do Brilho do Cristal. Analisar a proposta pedagógica de Teatro-Educação para 3º e 4º série . Investigar a prática pedagógica da professora de Teatro na 3º e 4º série no primeiro semestre de 2004. Além dos objetivos da pesquisa, duas perguntas nortearam esse estudo: *Como se deu o processo através do qual o Teatro-Educação apareceu na ação pedagógica do Brilho do Cristal?* e *Quais as propostas que uma análise sistematizada da prática pedagógica de Teatro-Educação pode oferecer para contribuir com o aperfeiçoamento do currículo do Brilho do Cristal?*

Diante da abrangência do tema estudado senti a necessidade de delimitar a área a ser estudada. Escolhi as turmas da 3ª e 4ª série do primeiro semestre do ano letivo de 2004. Metodologicamente, organizei essa pesquisa como estudo de caso, o que implicou descrever, analisar, fundamentar e registrar a experiência. O presente estudo tem caráter qualitativo descritivo, uma vez que tem como objetivo analisar e refletir a prática pedagógica de Teatro-Educação no cotidiano do Brilho do Cristal.

Na construção das bases teóricas dessa pesquisa busquei entender o Currículo como *construção social e cultural* no processo de construção curricular no Brasil, com a intenção de compreender as questões sociais e culturais imbricadas na organização curricular, tendo como base a *Teoria Crítica de Currículo* e a *Nova Sociologia da Educação*. Apresento de maneira sintetizada a proposta pedagógica de Paulo Freire uma vez que a mesma é pilar principal das práticas educativas do Brilho do Cristal. Para melhor nos situarmos em relação ao processo histórico do Teatro-Educação no Brasil faço uma retrospectiva histórica da arte-educação no Brasil, especificamente do Teatro-Educação. Reflito as questões metodológicas a partir da idéias dos autores que embasam a prática pedagógica de Teatro-Educação do Brilho do Cristal, que são as seguintes: Viola Spolin, Peter Slade e Augusto Boal.

Para responder a questão: *Como se deu o processo através do qual o Teatro-Educação se constituiu elemento curricular na ação pedagógica do Brilho do Cristal?* conto de maneira fundamentada, a *História do Teatro no Brilho*, dividindo sua história em três períodos: primeiro período - 1990 à 1997, segundo período - 1998 à 2002 e terceiro período - 2003 à 2004.

Para sistematizar a prática pedagógica de Teatro-Educação da professora Carla analiso sua proposta pedagógica, planos de aulas, relatórios e entrevistas com alunos e professora. Também apresento um exercício de memória realizado com cinco crianças do grupo pesquisado, a partir de fotografias do processo de Teatro-Educação.

A proposta pedagógica de Teatro-Educação apresentada pela professora Carla foi construída sob minha supervisão e tinha como objetivo geral possibilitar a alfabetização estética teatral a partir do desenvolvimento de construções cênicas. Os conteúdos da proposta pedagógica estão referenciados por Spolin e pelos PCN. Metodologicamente, além de Paulo Freire e

Viola Spolin que são os principais referenciais teóricos também nos apoiamos nos seguintes autores: Boal, Duarte Jr, Farias, Japiassú., Koudela, Luckesi, Machado & Rosman, PCN, Porcher e Reverbel.

Analisando a proposta pedagógica percebi que poderíamos ter dado mais ênfase aos jogos propostos por Boal. A presença continuada dos *Jogos para Atores e não Atores* nas aulas de Teatro com as crianças teria sido de grande valia, pois nossas crianças, na sua maioria, têm o corpo travado, inexpressivo, devido à cultura local de educação doméstica calcada no grito e na repressão. Por isso penso que os *Jogos para Atores e não Atores* devem marcar presença continuada na prática pedagógica de Teatro-Educação do Brilho do Cristal.

Em relação aos conteúdos senti falta de uma abordagem da História do Teatro. Como normalmente não há uma cobrança de conteúdos em relação ao ensino de Arte, o professor e a professora de Teatro, na maioria dos casos, prefere limitar o ensino de Teatro ao fazer artístico. A informação histórica, o contexto histórico, é fundamental para uma leitura crítica. Dessa forma é necessário repensarmos o lugar da História do Teatro na proposta pedagógica de Teatro-Educação do Brilho do Cristal.

A professora Carla propôs trabalhar as construções cênicas a partir de improvisações, tendo como tema as datas comemorativas do calendário do Brilho do Cristal e temas propostos pelas crianças. O grupo da terceira série pediu para, além de trabalhar as construções coletivas, montar uma peça teatral.

Para entender como foi desenvolvida a prática pedagógica de cada turma investiguei os relatórios da professora Carla, as entrevistas dos alunos, das alunas e da professora relacionando-os com a proposta pedagógica, procurando identificar os pontos de tensões, contradições e afirmações. Para organizar a sistematização sigo a lógica do roteiro de aula, apresentado na proposta pedagógica, proposto a partir de seis momentos.

O primeiro momento *acordar o corpo* foi elaborado com a intenção de trabalhar a chegada, a recepção das crianças. Pensando numa recepção que concentrassem as crianças, propomos enfatizar nesse momento atividades de centramento, como: espreguiçar, exercícios respiratórios e segmentação.

A atividade do primeiro momento teve alguns conflitos em seu desenvolvimento. Algumas crianças resistiram aos exercícios propostos. Percebi que as atividades propostas pela professora Carla além de terem se tornadas repetitivas foram muito sérias. A escassez de jogos foi, para mim, fato marcante para a resistência de algumas crianças.

Apesar da resistência de algumas crianças a professora Carla não refletiu coletivamente o conflito, preferindo tomar medidas autoritárias, excluindo as crianças que não estavam satisfeitas com a proposta. A falta de uma reflexão e de uma problematização contribui para o fortalecimento das relações autoritárias e da manutenção de uma *maioria silenciosa*, contraditoriamente a proposta pedagógica da própria professora de Teatro, que utiliza como um dos principais referenciais teóricos a Pedagogia Libertadora.

O resultado é que, durante todo o semestre, o primeiro momento ficou dividido entre crianças que participavam e crianças que não participavam. Vislumbro como proposta mais adequada os jogos, pois há em diversos jogos a possibilidade de se trabalhar o centramento. Além disso, as atividades com jogos são mais atraentes para as crianças. Para que tenhamos uma prática pedagógica coerente com a necessidade do grupo é necessário que haja avaliação coletiva da prática de maneira contínua. A prática dialógica problematiza os conflitos e busca uma solução coletiva.

O segundo momento objetivou trabalhar de maneira lúdica a voz das crianças. Para trabalhar os exercícios específicos de aquecimento de voz foi usada apostilas de Voz e Dicção. Esse momento foi pouco valorizado pela professora Carla. Não houve continuidade da proposta de Dicção. Ficamos com uma lacuna em relação a esse momento, que, a meu ver, poderia ter sido melhor explorada, não só nesse momento como também no quarto momento onde a proposta é trabalhar com Jogos Teatrais e jogos de Boal, pois os dois autores propõem jogos que trabalham corpo e voz de maneira integrada. Penso que é preciso repensar essa proposta de se ter um momento exclusivo para trabalhar a voz, afinal voz é corpo, então devemos trabalhar voz e corpo de maneira integrada.

O terceiro momento teve como objetivo aquecer o corpo a partir de atividades lúdicas, brincadeiras livres que as crianças propõem e jogos de imaginação. As crianças são estimuladas a socializar seu repertório de jogo, sugerem brincadeiras, participam ativamente do momento. Dessa forma, jogando, as crianças foram construindo conhecimento, se

reconhecendo nos limites das regras e trabalhando a coletividade que é imprescindível no Teatro.

A professora Carla se apresenta neste momento totalmente flexível as sugestões, as idéias. Atribuo tal comportamento à presença dos jogos, pois os jogos fazem parte da vivência das crianças de sua socialização. Os momentos anteriores poderiam também acontecer com jogos, recriação e criação de jogos.

O quarto momento teve como objetivo trabalhar o aquecimento cênico, ou seja, aquecimento voltado para a encenação e a apreensão dos elementos constituintes do Teatro. Para realização desse momento nos apoiamos em dois autores: Augusto Boal que propõe um reconhecimento do próprio corpo a partir de sua desconstrução e Viola Spolin que propõe os jogos teatrais como exercícios de improvisação, exercício de formação de platéia e exercício de avaliação cênica.

A partir da avaliação da cena exercita-se a leitura da imagem teatral e conseqüentemente a apreensão dos elementos constituintes do Teatro. Na avaliação das cenas o aluno é estimulado pela professora a avaliar objetivamente a cena dos colegas. A avaliação objetiva buscar uma reflexão através de comentários substanciais complementar os típicos comentários subjetivos e ingênuos do tipo: *foi bom, gostei de tudo, foi muito bom, etc.* Nesse exercício dialógico e dialético exercita-se: falar e escutar, criticar e propor, refletir e expressar o pensamento, exercícios fundamentais para a reflexão crítica sobre os elementos constituintes do Teatro.

A fruição das crianças em relação à apreensão da proposta de Teatro-Educação nos mostra uma desmistificação do fazer teatral, da idéia errônea de que criança não faz Teatro, além de provocar uma ruptura com o Teatro enquanto ferramenta metodológica. No exercício de criticar, ser criticado e propor buscamos fortalecer o espírito coletivo, nos tornando cúmplices um do outro nessa caminhada de acertos e erros no fazer teatral, no processo de alfabetização estética teatral e na construção de leitores críticos da imagem teatral.

O quinto momento teve como objetivo oportunizar à criança a realização de construções cênicas, num exercício de prática de montagem. As construções cênicas são trabalhadas a partir dos temas das datas comemorativas do Brilho do Cristal num processo de improvisação.

Para realizar esse momento é fundamental o trabalho com os Jogos Teatrais para que as crianças possam ter fluência no processo de improvisação.

Nas improvisações pode-se trabalhar com pequenas cenas, grandiosas para as crianças. Isso dá a possibilidade de se construir o texto coletivamente, na sala de aula, mesmo que esse texto não venha a ser escrito imediatamente. Normalmente o texto é escrito depois que está bem vivenciado na cena. O texto nesse caso é um registro do que foi construído cenicamente, ele não é um texto que foi escrito para ser encenado e sim uma encenação, um texto corporal cênico, que tornou-se texto literário-teatral.

Pude identificar nos processos de construções coletivas elementos didáticos e metodológicos importantíssimos na construção do conhecimento, como: pesquisa, entrevistas, troca, superação de limites em relação à escrita, imaginário coletivo. O diálogo com a comunidade, estabelecido nas pesquisas, efetivamente transforma o conhecimento comum em conhecimento sistematizado. Assim, o conhecimento é construído com os saberes de todos, acrescentando à prática educativa à experiência do povo, da comunidade, estabelecendo um diálogo com sua cultura.

Como as crianças da terceira série pediram para encenar uma peça teatral a professora Carla levou algumas peças infantis para as crianças lerem em casa. Após a leitura, como era de se esperar, cada criança queria encenar a peça que tinha acabado de ler. Porém a professora Carla levou a peça *Flicts* para ler com as crianças e após a leitura da mesma propôs sua encenação. É claro que a maioria das crianças aceitou a proposta de imediato. A atitude da professora nos revela o currículo oculto em ação, quando consegue que seus valores prevaleçam sobre os valores coletivos sem possibilitar um questionamento, uma problematização, e sim de maneira oculta.

O texto do *Flicts* foi trabalhado por cena a partir de improvisações e não a partir de falas decoradas tal qual o texto. Decorar um texto, além de ser uma tarefa pouco criativa, dificulta sua apreensão, tornando-o uma *camisa de força*. A criança fica voltada totalmente para a auto-vigília no sentido de não *perder* uma única palavra do texto. A escolha dos personagens foi feita também através de improvisações das cenas, pelas identidades.

No decorrer do semestre a terceira série montou três construções coletivas: *Semana do índio*, *semana santa e dia das mães*. Também foi montada a peça teatral *Flicts* de Ziraldo, partindo de improvisações das cenas da peça. O grupo da quarta série trabalhou apenas construções coletivas: *semana santa*, *semana do índio*, *dia das mães*, *semana do meio ambiente e São João*.

O sexto momento, da avaliação, tem como objetivo avaliar de maneira coletiva a aula, seu desenvolvimento, sua proposta. Nesse momento as crianças deveriam ser estimuladas a refletir sobre a aula e se posicionar em relação a proposta da aula, a sua própria participação, a participação dos colegas. Tal momento está fundamentado por Paulo Freire que propõe o diálogo e a problematização como norteadores da práxis pedagógica.. Lamentavelmente a avaliação das aulas não aconteceu.. A falta da avaliação das aulas traduziu uma contradição em relação a proposta libertadora que propõe o diálogo como mediador do conhecimento. Esse momento precisa ser reavaliado no sentido de conscientizar os professores da necessidade da avaliação coletiva para o processo de construção de seres participativos críticos e sensíveis

A análise da prática pedagógica da professora Carla possibilitou-me perceber que as crianças obtiveram apreensão do fazer teatral não só em relação ao domínio das nomenclaturas dos elementos constituintes do Teatro como também em relação ao domínio técnico. Elas se posicionam em relação à necessidade de mais tempo para as aulas, questão tão debatida entre os arte-educadores. Elas identificam e apontam, para a importância das improvisações na sala de aula para que se possa ter uma fluência no palco, na improvisação.

A autonomia da professora e do professor muitas vezes os deixa fechados em sua sala de aula impedindo-os de perceber que sua autonomia se dá também pela liberdade da busca de soluções de problemas, na investigação, no compartilhar de idéias. É preciso autonomia e ousadia em experimentar, mas essa experimentação deve ser socializada, problematizada, refletida, discutida e assumida em seus erros e acertos. Sabemos que em uma sociedade de modelos pré-fabricados, de conceitos pré-concebidos e conseqüentemente de conceitos enraizados, transgredi-los é um ato de coragem, longe da nossa prática social. Fomos educados a copiar, a decorar e não a criar, recriar e transgredir. Somos resultados de uma sociedade mecanicista e por isso temos uma tendência a mecanizar nossos atos, nossos gestos e vê-los superficialmente.

Apesar da transparência da proposta e da clareza de seus objetivos nem todos os momentos foram bem desenvolvidos. A impossibilidade de continuidade de alguns momentos acredito que se deu por vários fatores: falta de orientação de perto, professora ainda em formação, melhor apreensão por parte da professora dos objetivos de cada momento. A falta de uma orientação de perto da prática pedagógica da professora Carla a deixou limitada, insegura. Faltou maturidade para a professora Carla compartilhar com o grupo de professores, no planejamento coletivo, suas angústias o que impossibilitou uma reflexão coletiva. Porém, apesar das lacunas detectadas na prática pedagógica da professora Carla, foi possível alcançar o objetivo principal de sua proposta pedagógica que era trabalhar as construções cênicas a partir de improvisações num processo de alfabetização estética teatral.

Para concluir respondo a segunda pergunta norteadora de minha pesquisa: *Quais as propostas que uma análise sistematizada da prática pedagógica de Teatro-Educação pode oferecer para contribuir com o aperfeiçoamento do currículo do Brilho do Cristal?* A partir desta pesquisa proponho reconstruir a proposta pedagógica de Teatro-Educação do Brilho do Cristal. A nova proposta, além de apresentar mudanças em relação ao roteiro de plano de aula, propõe a inserção do Teatro-Educação numa perspectiva transdisciplinar.

A proposta de reconstrução do roteiro de aula conta com as seguintes mudanças: O primeiro momento, *Acordar o Corpo*, terá mais atividades lúdicas. O segundo momento, *Dicção*, será extinto. A dicção passará a ser trabalhada no momento de aquecimento cênico onde corpo e voz serão trabalhados de maneira integrada. Em relação ao sexto momento é necessário uma melhor conscientização por parte das professoras para que esse momento seja visto como mobilizador das ações futuras, ou seja, como momento de *ação-reflexão-ação*. Finalmente, para contemplar a necessidade de incluir o conteúdo História do Teatro no roteiro de aula, será inserido o momento *Histórias do Teatro*, que será desenvolvido a partir de técnicas de contar histórias para crianças.

A idéia de experimentar o Teatro-Educação dentro de uma proposta transdisciplinar se deu num processo de continuidade. Como vimos, o Teatro inicialmente chega no Brilho do Cristal como oficina em horário extra. Mais tarde é trabalhado como Teatro Instrumental, a partir de temas de disciplinas como História, Português e Ciências. Após a experiência com o Teatro Instrumental passamos a trabalhar de maneira interdisciplinar. Atualmente o Teatro-Educação

está sendo trabalhado a partir do Projeto *Datas Comemorativas* que é desenvolvido por toda Escola a partir das diversas áreas de conhecimento. Continuar a caminhada significa experimentar a transdisciplinaridade.

A transdisciplinaridade está atrelada à própria trajetória pedagógica do Brilho do Cristal, onde experimentamos inicialmente uma proposta interdisciplinar. Em 2003 iniciamos uma nova caminhada, experimentando uma proposta transdisciplinar. As disciplinas foram substituídas pelos projetos pedagógicos que são construídos pelos professores a partir da reflexão da prática pedagógica e reconstruídos com os alunos a partir da reflexão de experiências pessoais vividas na Escola ou fora da Escola. O objetivo é desenvolver os projetos a partir de um olhar para a totalidade e identificando as partes, as possíveis áreas de conhecimento a serem exploradas, pesquisadas.

Como os projetos pedagógicos são desenvolvidos pela professora regente, faz-se necessária a capacitação destas professoras em todas as áreas. Para tal, desde 2003, as professoras estão participando do projeto de Alfabetização Estética Visual e recebem orientação continuada para desenvolver suas práticas pedagógicas. Como o projeto de Alfabetização Estética Visual não contempla o Teatro-Educação, as professoras não se sentem a vontade para explorar esta área. Assim, optamos por oferecer o Teatro como disciplina separada, a cargo da professora Carla. Isto significa que o Teatro-Educação passou a ser a única área de conhecimento a ser tratada como disciplina no Brilho do Cristal. Para que o Teatro-Educação não ficasse distante das práticas transdisciplinares foi proposto trabalhar as construções cênicas a partir dos temas do projeto pedagógico *Datas Festivas*, pois esse projeto é realizado também pelos outros professores.

De acordo com o projeto pedagógico do Brilho do Cristal a proposta é estender o projeto de Alfabetização Estética Visual para todas as áreas de ensino de Artes, da educação infantil a quarta série do Ensino Fundamental. Portanto, desenvolver um projeto de Alfabetização Estética Teatral significa a continuidade do nosso trabalho. Assim, além de suprir a lacuna profissional de Teatro-Educação na área rural, poderemos experimentar o Teatro-Educação dentro da perspectiva transdisciplinar.

Desde o segundo semestre de 2004 estou desenvolvendo com as professoras do Brilho do Cristal um trabalho com o *Teatro do Oprimido* de Boal como forma de reconhecer as

possibilidades expressivas do corpo e como forma de refletir as questões de opressões no âmbito da educação. Trabalhamos as imagens de opressão que fazem parte da memória discente dos professores e refletimos as imagens apresentadas procurando construir um diálogo com as práticas docentes atuais dos mesmos. Esse trabalho é um experimento que ajudará na construção do projeto de Alfabetização Estética Teatral que será implementado no ano letivo de 2006 e que possibilitará a experimentação do Teatro-Educação numa proposta transdisciplinar. A sistematização deste novo experimento será a continuação dessa pesquisa de mestrado.



- Referências

APPLE, M W . **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ARROYO, Miguel G. (org.). **Da escola carente à escola possível**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola. Coleção Educação Popular, 1986.

_____. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BARBA, Eugênio e SAVARESE Nicolas. **A arte secreta do ator – dicionário de antropologia teatral**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte-educação: conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limó, 1998.

_____. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. 3ª. ed. ver. e aum. - São Paulo: Cortez Editora, 2001.

_____. **Arte-educação no Brasil**. 5º ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BERTOLT, Brecht. **Estudos sobre Teatro. Rio de Janeiro**. Nova Fronteira, 1978.

BIASOLI, Carmem. **A formação do professor de arte: Do ensaio...à encenação**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

BOAL, Augusto. **200 exercícios para o ator e o não ator com vontade de dizer algo através do Teatro**. 7º ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988.

_____. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais – Arte**. Volume 6 - Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARMEM, Ana & MOREIRA, Antônio (orgs.). **Ênfase e omissões no currículo**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2001.

COSTA, Marisa. **O currículo nos limiães do contemporâneo**. 2º ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

COULON, Alain. **A escola de Chicago**; tradução – Tomás R. Bueno. Campinas, SP. Papyrus, 1995

COUTINHO, Silvia. **Caminhos para a alfabetização estética e a produção artística: uma análise comparada** IN: **O ensino das artes na democratização da Cultura**: Peregrino Rosas (coord.) João Pessoa, PB. Editora Universitária, 1995.

CORAZZA, Sandra. **O que é currículo? Pesquisas pós-críticas em educação**. 2ºed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

COURTNEY, Richard. **Jogo, Teatro e pensamento**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

DEMO, Pedro. **O charme da exclusão social**. Campinas, SP: Coleção Polêmicas do Nosso tempo, 1998.

_____. **Avaliação qualitativa**. 6ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

DUARTE Jr, João Francisco. **Por que arte-educação?** 7º ed. – Campinas, SP: Papyrus, 1994.

_____. **O sentido dos sentidos**. Curitiba – PR: Criar Edições, 2001.

FARIAS, Sérgio Coelho Borges. **A performance como recurso para a formação de atores**. Repertório nº 3, Salvador: Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFBA, 1999.

FAZENDA, Ivani (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas, SP. Papyrus, 1995.

_____. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Edições Loyola, Coleção Realidade Educacional, 1993.

_____. (Org.). **Práticas interdisciplinares nas escolas**. São Paulo - SP: Cortez, 2001.

FERRAZ, Heloísa; FUSARI, Maria. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1991.

FERREIRA, Sueli (org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 3ªed. São Paulo: Petrópolis, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

GIROUX, Henry. **Teoria Crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. SIMON, Roger. In: **Cultura popular e pedagogia crítica; a vida cotidiana como base para o conhecimento**. Antonio Flávio Moreira e Tomaz T. da Silva (Orgs.) **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: 1994.

_____. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

HERNÁNDEZ, Fernando & VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. 5ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para Sistematizar a experiência**. João Pessoa: editora Universitária / UFPB, 1996..

HUIZINGA, John. **Homo ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino de Teatro**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

KRAMER, Sonia. **Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica.** In: educação e sociedade, 1997.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Um vôo brechtiano: teoria e prática da peça didática.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Texto e jogo.** São Paulo: Perspectiva, 1996.

_____. **Jogos teatrais.** São Paulo: Perspectiva, 1990.

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna.** Tradução - Ricardo Correa Barbosa. 7ª edição. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2002.

LOWENFELD, V. e BRITAIN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

_____. **A criança e sua arte.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora. 1995

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial - nas ciências humanas e na educação.** Salvador: EDUFBA, 2000.

_____. Chrysallis, **Currículo e Complexidade; a perspectiva crítico-multireferencial e o currículo contemporâneo.** Salvador: EdUFBA, 2002.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MOREIRA, Antônio (org.). **Currículo: questões atuais.** Campinas, SP. Papyrus, 1987.

_____. **Currículos e programas no Brasil.** 7º ed. - Campinas, SP. Papyrus, 1987.

MATOS, Olgária C. F. **A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo.** São Paulo-Sp. Moderna, 1993.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação.** Salvador-BA. EDUFBA, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis : Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **A educação e a complexidade do ser**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. **Complexidade e transdisciplinaridade; a reforma da universidade e do ensino fundamental**. Natal, EdUFRN, 1999.

_____. **OS sete saberes necessários à educação do futuro**. 8ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

MOREIRA, Antônio & SILVA Tomaz (orgs.). **Currículo cultura e sociedade**. 2ª ed. rev. São Paulo - SP. Cortez, 1995.

_____. (Org.) **Currículo Questões atuais**. Campinas: Papirus, 1997.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1991.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Palavras em jogo: textos literários e Teatro-educação**. São Paulo: Tese de livre docência. 160 f. ECA/USP, 1997.

PORCHER, Louis (org.). **Educação Artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Sammus, 1982.

Read, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REVERBEL, Olga. **Teatro: atividades na escola, currículos**. Porto Alegre: Kuarup, 1989.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze tese sobre educação e política**. 31ª ed. Campinas, SP. Autores associados, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: vozes, 1995.

_____. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. Tradução – Tatiana Belinky. São Paulo-SP. Summus, 1978.

STANISLAVSKI, Constantin. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1986.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. - Tradução de Ingrid Dormien Koudela, Eduardo José de Almeida Amos. 3ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo-SP: Perspectiva, 2001.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: - Acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Belém, PA: Cejup, 1999.

WEKWERTH, Manfred. **Diálogo sobre a encenação: um manual de direção teatral**. Apresentação de Fernando Peixoto, Tradução de Reinaldo Mestrinel. 3ª ed. - São Paulo - SP: Editora Hucitec, 1997.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ANEXOS

ANEXO A - Processos de Criação



3ª série



...da sala de aula



ANEXO B - Projeto FITAR – Formação do Instrutor de Teatro na Área Rural

I – IDENTIFICAÇÃO

Projeto - Formação de Instrutor de Teatro na Área Rural – FITAR

Local - Escola Comunitária Brilho do Cristal

Área de conhecimento - Artes Cênicas – Teatro

Especialidade - Ação Pedagógica

Período - 24 meses

Responsável pelo Projeto - Rilmar Lopes

II – JUSTIFICATIVA

A necessidade da arte se faz presente como fator fundamental no desenvolvimento da humanidade, como expressividade humana, desde a antiguidade até a nossa contemporaneidade, daí a importância de valorizá-la enquanto área de conhecimento. A realidade do Teatro-Educação na área rural é de total abandono daí a importância de ações culturais que promovam a integração social através do conhecimento da arte

Para transformar esta realidade proponho oferecer uma alternativa de crescimento cultural através do Teatro-Educação a partir da participação coletiva, propiciando o acesso aos códigos da linguagem teatral, permitindo com isso envolver o cidadão no refletir e produzir arte, na valorização dos bens culturais em sua diversidade, conseqüentemente ampliando os mecanismos de participação e mobilidade social. A formação do instrutor de Teatro se dará no contexto de sua comunidade, numa perspectiva histórico, crítica e social. Os valores culturais existentes serão merecedores de atenção, com vista a possibilitar a reflexão sobre a produção cultural do local e o desenvolvimento de novas formas de vivências artísticas. Acreditando que o a construção do conhecimento se dá a partir das trocas de experiências, de maneira dialógica, numa perspectiva sócio-cultural-construtivista, é que proponho a formação do instrutor de Teatro na área rural.

Neste sentido é imprescindível construir agentes conhecedores, apreciadores e decodificadores em Teatro, que possam interferir na sua cultura de forma consciente e sensível. Transformando e propondo soluções artísticas, a partir dos materiais fornecidos pelo seu cotidiano e pela região. Desenvolvendo a percepção e a apreciação da arte com base no conhecimento adquirido, ampliando, assim, o universo expressivo de todos que estão envolvidos no processo.

III – OBJETIVOS

Geral: Trabalhar a formação do instrutor de Teatro na área rural.

Específicos:

Instrumentalizar o instrutor de Teatro para melhor desenvolver sua prática docente.

Desenvolver a capacidade crítica e de organização na atividade de Teatro-educação.

Propiciar experiências com a construção teatral de maneira contextualizada.

Trabalhar a formação do cidadão a partir da educação estética.

Ampliar o nível de Educação Estética

Estimular a auto-expressão para assim facilitar o processo de fruição dos pensamentos, idéias, sentimentos e sensações.

Reconhecer a utilização dos elementos da linguagem teatral: espaço cênico, personagem e ação dramática.

Experimentar possibilidades de criação com os elementos e recursos da linguagem teatral: maquiagem, máscaras figurinos, adereços, música, cenografia, iluminação.

Estimular o desenvolvimento da expressão corporal

Construir uma proposta pedagógica de Teatro-educação para as séries iniciais.

Desenvolver a proposta pedagógica como exercício de prática de ensino.

Registrar as ações educativas e culturais desenvolvidas

IV – METODOLOGIA

Certo de que a cultura e a arte, não são tão somente expressão, mas também reflexo de um conhecimento que é materializado na produção, evidenciado no tempo e num espaço histórico, nele estão presentes os valores e as atitudes de uma determinada sociedade. (Pareyson, 1984).

Considerando que a arte é um conhecimento que possibilita, também, pensar, sentir e agir no contexto onde os sujeitos estão inseridos historicamente, acreditamos ser ela pertinente para o desenvolvimento das ações educativas numa proposta metodológica contextualizadora.

Nesse sentido, adotaremos como referencial teórico metodológico a Pedagogia Libertadora, defendida por Paulo Freire, de grande repercussão política pelo seu método revolucionário, que redimensiona o trabalho escolar público, democratizando-o enquanto direito de toda a população. Propõe um currículo anti-opressivo, não autoritário, mediatizado pela realidade do sujeito, acreditando na transformação da sociedade a partir da conscientização do povo, do seu valor e do seu real papel na sociedade. Tendo o diálogo como elemento mediador da prática educativa.

No âmbito do conteúdo programático refletiremos as propostas trazidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais no que se refere ao Ensino de Artes no ensino fundamental de 1ª a 4ª série, procurando fazer um paralelo com propostas de outros autores da arte-educação e o contexto sócio-cultural do grupo, para que, assim, possamos construir um currículo crítico e coerente com a realidade do grupo.

As ações educativas de Teatro estarão fundamentadas em Viola Spolin que apresenta o Jogo Teatral como ferramenta metodológica de real significado. Através dos Jogos Teatrais poderemos trabalhar a coletividade, regras, imaginação, tempo, espaço, corpo, improvisação, platéia. Augusto Boal também contribuirá com a prática pedagógica com seus *jogos para atores e não atores*.

A instrutora em formação após seis meses de estudos teóricos deverá construir um plano de curso que experimentará em sala de aula com as crianças da 1ª a 4ª série do Brilho do Cristal. Os encontros pedagógicos do curso serão divididos em dois momentos: prática e teoria. As atividades práticas deverão ser organizadas em seus planos de aulas e relatórios para reflexão teórica junto as referências, num exercício de *práxis* pedagógica..

VI - AVALIAÇÃO

Os instrutores serão avaliados a partir de seus relatórios, seus planos de aula e do domínio dos conteúdos de Teatro-Educação e da auto-avaliação.

VIII - REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte-educação - conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limó, 1998.
- _____. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. 3. ed. ver. e aum. - São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- BOAL, Augusto. **200 jogos para o ator e o não ator com vontade de dizer algo através do Teatro**. 7º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- BIASOLI, Carmem. **A formação do professor de arte: Do ensaio...à encenação**. Campinas - SP: Papyrus, 1989.
- BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais – arte**. Volume 6 - Brasília: MEC/SEF, 1998
- FERRAZ, Heloísa - FUSARI, Maria. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FERREIRA, Sueli (org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas - SP: Papyrus, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Paz e Terra. São Paulo: 1999
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- JR., Duarte. **Por que arte-educação?** 7º ed. - Campinas - SP: Papyrus, 1994.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Um vôo brechtiano; Teoria e prática da peça didática**. São Paulo; Perspectiva: FAPESP, 1992
- _____. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1984
- KRAMER, Sonia. **Propostas pedagógicas ou curriculares: Subsídio para uma leitura crítica**. In: MOREIRA, Antonio (org). **Currículos: políticas e práticas** Campinas-SP: Papyrus, 1999.

- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 2º ed. São Paulo: Cortez Editora.
- MACHADO, Maria Clara & ROSMAN, Marta. **100 Jogos dramáticos**. Rio de Janeiro-RJ: Agir, 1994.
- PORCHER, Louis (org.). **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo - SP: Sammus, 1982.
- REVERBEL, Olga. Teatro: **Atividades na escola, currículos**. Porto Alegre: Kuarup. 1989.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva. 1963.
- . **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

ANEXO C - Proposta Pedagógica

1. APRESENTAÇÃO

Projeto: Construções Cênicas

Local: Escola Comunitária Brilho do Cristal

Série: 1ª a 4ª série faixa etária: 7 a 12 anos

Nº de aulas: 64 aulas semestrais

Carga horária: 2h. cada aula; 230h semestrais: 130h de prática pedagógica e 100h de reflexão pedagógica

Professora: Carla Bastos

Ano: 2004 – 1º semestre

2. JUSTIFICATIVA

A necessidade de alfabetizarmos nossos alunos esteticamente de maneira participativa me levou a propor o desenvolvimento de ações educativas que respondam as reais necessidades dos mesmos. Na perspectiva de contribuir para a formação de cidadãos críticos e sensíveis à realidade, a partir do conhecimento Arte proponho a alfabetização estética teatral.

3. OBJETIVO GERAL

- Possibilitar a alfabetização estética teatral a partir do desenvolvimento de construções cênicas

4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Trabalhar a expressão corporal e vocal através de jogos
- Estimular o desenvolvimento objetivo e subjetivo das crianças nos processo criativos cênicos
- Compreender a necessidade da concentração na construção cênica
- Perceber a diferença entre contar e mostrar no palco
- Trabalhar improvisações a partir da estrutura dramática: *quem?, onde?, o quê?*
- Aprender os elementos constituintes do Teatro a través dos jogos teatrais
- Compreender o papel da improvisação no Teatro
- Estimular o diálogo crítico no exercício da construção de conhecimento através da arte teatral

5. METODOLOGIA

As aulas serão desenvolvidas de maneira interativas, a partir de atividades lúdicas: jogos teatrais, em grupo e individuais. Teremos como referencial teórico Paulo Freire, Viola Spolin. Nosso roteiro de aula previsto é o seguinte:

1º momento: Acordar o Corpo – Trabalhar a chegada da criança, espreguiçar, exercícios respiratórios, jogos de concentração.

2º momento: Dicção – Trabalhar de maneira lúdica a voz das crianças.

3º momento: Jogos dramáticos – Trabalhar o aquecimento corporal a partir de jogos do cotidiano da criança e jogos de imaginação- Jogos Dramáticos.

4º momento: Jogos Teatrais – Trabalhar o aquecimento cênico e apreensão dos elementos constituintes do Teatro a partir dos jogos de Boal e Spolin.

5º momento: Construções Cênicas – Trabalhar a realização de construções cênicas a partir de processos de improvisações num exercício de prática de montagem.

6º momento: Avaliação - Trabalhar a avaliação coletiva da aula num exercício de democracia.

6. CONTEÚDO:

Elementos constituintes do Teatro

Consciência sensorial corporal e espacial.

Ponto de concentração

Estrutura dramática no Jogo Teatral: *quem?, onde?, o quê?*

O corpo e objetos não reais.

O espaço cênico, os objetos e a ação

Improvisação Teatral

Prática de montagem

7. RECURSOS: Espaço físico adequado, som, adereços cênicos, retalhos de tecidos, giz de cera e sucatas.

8. AVALIAÇÃO

Do aluno, a partir de sua participação e do seu crescimento.

Do aluno, a partir da reflexão de seus relatos e registros gráficos.

Do grupo, de maneira coletiva.

Auto-avaliação, individual, de forma oral, compartilhando com todo o grupo.

9. BIBLIOGRAFIA:

BOAL, Augusto. **200 jogos para o ator e o não ator com vontade de dizer algo através do Teatro**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

BIASOLI, Carmem. **A formação do professor de arte: Do ensaio...à encenação**. Campinas - SP: Papyrus, 1989.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais – arte**. Volume 6 - Brasília: MEC/SEF, 1998

FERRAZ, Heloísa - FUSARI, Maria. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo. Cortez, 1991.

FERREIRA, Sueli (org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas - SP: Papyrus, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Paz e Terra. São Paulo: 1999

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

JR., Duarte. **Por que arte-educação?** 7ª ed. - Campinas - SP: Papyrus, 1994.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Um vôo brechtiano; Teoria e prática da peça didática**. São Paulo; Perspectiva: FAPESP, 1992

_____. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1984

KRAMER, Sonia. **Propostas pedagógicas ou curriculares: Subsídio para uma leitura crítica**. In:

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora.

MOREIRA, Antonio (org). **Currículos: políticas e práticas**. Campinas-SP: Papyrus, 1999.

MACHADO, Maria Clara & ROSMAN, Marta. **100 Jogos dramáticos**. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

PORCHER, Louis (org.). **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Sannus, 1982.

REVERBEL, Olga. **Teatro: Atividades na escola, currículos**. Porto Alegre: Kuarup. 1989.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva. 1963.

_____. **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

ANEXO D - Relatórios das aulas

- RELATÓRIOS DA TERCEIRA SÉRIE

Aula 01

Data:12 -02-04

Quando comecei a aula faltavam alguns alunos. No primeiro momento eu fiz uma roda com as crianças e começamos a espreguiçar. Percebi que ao espreguiçar as crianças não soltavam o corpo elas apenas faziam caretas. Após o alongamento eu pedir para eles soltarem o corpo como se fosse uma mola e ir até o centro da roda e voltar para o lugar, ao fazer isso às crianças se soltaram mais do que na hora de espreguiçar, depois pedi para as crianças se sentarem para eu contar a estória do gato furioso que peguei em um dos livros de história da escola. Ao contar a estória percebi que quase todos os alunos estavam entusiasmados com as *travessuras do gato*, com exceção de Bel aluno que sempre esta chamando atenção dos colegas. Eu pedi para ele prestar atenção na estória que era muito interessante e ele deu apenas um sorriso. Quando eu terminei de contar a estória eu fiz com eles a brincadeira do dono da rua alguns não gostaram da brincadeira e um aluno não participou, talvez por que eram os primeiros dias de aula e ainda não estavam acostumados. Mas os que participaram se divertiram muito porque eles diziam na brincadeira que era o dono da rua. Depois da brincadeira eu pedi para eles ficarem na roda e falei que iríamos nos apresentar através de um objeto. Peguei uma boneca e falei o meu nome e disse o que mais gostava, os outros falaram o nome e disseram o que eles mais gostavam lembro que uns disseram comer, estudar, brincar. Após a apresentação eu pedi para eles fizessem o desenho de como foi a aula.

Aula 02

DATA:19-02-04

Hoje quando cheguei na sala fomos acordar o corpo depois eu pedi para as crianças andarem ocupando os espaços vazios e fiz a *brincadeira da palma* para aquecer o corpo. Em seguida eu fiz o jogo dramático, o jogo de imaginação, falei que eles estavam enfrentando obstáculos como por exemplo: passar em uma ponte quebrada onde o rio estava cheio de jacaré, passando em um matagal cheio de espinhos. Eles participaram muito bem e foi ótimo porque nós trabalhamos as sensações de medo, raiva. Logo após fizemos uma roda para conversar sobre o carnaval e decidi qual seria a fantasia de cada um. O aluno Tenzim disse que queria usar a fantasia da máscara, Eniele disse que queria a fantasia da bruxa cuca, Valéria quis a fantasia da coelha, Gleissiane quis a fantasia de menina, Caíque quis a fantasia de palhaço, Bel disse que não queria se fantasiar e Albertina não participou porque estava doente. Após todos decidirem qual seria a fantasia, fomos para sala do Teatro para escolher as roupas depois fomos para a varanda para ensaiar as músicas do carnaval.

Aula 03

DATA:04-03-04

Hoje nós acordamos o corpo e fizemos a brincadeira da marê onde um faz movimentos leves para frente e para trás sem soltar o colega depois eu pedi para fazer o exercício de descer o corpo e quando chegar lá em baixo respirar durante cinco vezes. Depois fomos fazer o exercício de dicção primeiro aquecemos a boca depois começamos a pronunciar frases com os dentes travados e fizemos a brincadeira da palavra onde todos ficam em um círculo e um vai para o centro e um colega do círculo diz uma palavra e esse que esta dentro do círculo ira brincar com a palavra de várias formas utilizando o corpo e a voz depois essa pessoa volta para o círculo e vai outro no lugar dele e assim sucessivamente. Após os exercícios de voz pedi para eles caminharem ocupando os espaços vazios, pedi para congelar e observar como estava o espaço, se estava sendo bem ocupado, pedi para continuar ocupando o espaço. Depois eu fiz a brincadeira do ping-pong para trabalhar o espírito do companheirismo, depois fomos fazer uma brincadeira do jogo teatral a brincadeira do empilho foi um pouco complicado porque os meninos não levaram a sério. Em seguida falei que o exercício era muito importante porque além de trabalhar as possibilidades do corpo também trabalha a concentração e o carinho que devemos ter com o colega. Depois fomos para a roda para trabalhar o tema da *semana santa* eu pedi para cada um pesquisar como se comemora a semana santa no Vale do Capão e trazer para a próxima aula

Aula 04

DATA: 11-03-04

No primeiro momento nós acordamos o corpo, em seguida eu fiz a brincadeira do bane-bane, eles ficaram dispersos na brincadeira e diziam que cansava a mão quando eles ficavam com ela muito tempo fazendo bane-

bane, então eu parei a brincadeira e pedi para eles sentarem na esteira para criar a estória do lobisomem. A estória ficou assim:

Maria- Colegas vamos sair para ver se realmente existem lobisomens

Joana- Vamos mas eu tenho muito medo

Narradora – Elas foram para floresta chegando lá...

Maria – Irmã estou ouvindo risadas

Joana - Eu estou ouvindo latidos de cachorro

Maria - Aqui por perto tem um espojado de jegue

Narradora – Elas foram até o espojado e ficaram com muito medo, por que viu o pé de árvore todo arranhado

Maria – Eu acho que realmente existe lobisomem

Maria - Como vamos saber se eles não aparecem

Narradora – Nesse mesmo momento apareceram vários lobisomem para pegar as crianças mas não conseguem pegá-las e foram atrás de morcegos para comer, e as crianças nunca mais duvidaram da existência do lobisomem. Depois que eles criaram a estória sobre a *semana santa* eu pedi para eles andarem ocupando os espaços vazios e com o personagem e experimentando as diferentes formas de andar do personagem. Ensaíamos a peça que eles criaram fizemos uns três ensaios depois fomos procurar as roupas para na próxima aula apresentar.

Aula 05

DATA. 18-03-04

No primeiro momento nós acordamos o corpo, fizemos a brincadeira do hoppe para aquecer o corpo depois fomos fazer a brincadeira do pegador de tartaruga que é uma brincadeira que trabalha os planos principalmente o plano baixo e também a incorporar o personagem. Depois dessa brincadeira nós fomos para a varanda para trabalhar os espaços vazios no início eu pedi que eles andassem dando o menor passo possível e ocupando espaço, depois dando o maior passo possível e ocupando espaço. Começamos a andar pelo espaço com vários sentimentos: tristeza, raiva e por último com alegria e pedi para eles perceberem como o corpo estava reagindo com cada sentimento, se estava tenso ou solto ainda no espaço eu pedi que eles segurassem na mão do colega mais próximo para fazer a brincadeira do escultor, cada dupla será numerada pelo número um e dois. O número um representa o escultor e o número dois representa a massa de modelar. O escultores dão vida a massa, criam esculturas, depois todos passeiam pelo espaço, galeria de arte, e observar as demais esculturas, explorando sua forma, seu plano, sua expressão e etc. Depois da *visita a galeria de arte* todos voltam para perto da sua obra de arte e inverte-se os papéis, *escultor* e *massa de modelar*. Após fazermos esses exercício fizemos uma roda para trabalhar sobre o tema sugerido por eles que foi montar uma *peça de Teatro já escrita*. Pedi que cada um levasse para casa uma peça de Teatro e lessem e escrevessem o comentário. Antes de entregar os livros eu falei sobre alguns autores que foram importantes na história do Teatro como: Maria Clara Machado, Zuleika de Melo entre outras . Então eu entreguei os livros e expliquei como se ler uma peça de Teatro, que primeiro tem os personagens que fazem parte da peça e depois começa a estória com a fala de cada personagem. Bel levou a peça *O menino e Vento* de Maria Clara , Tenzim levou a peça do *Coelho Boa Vida*, Eniele levou a peça *A Traição nas Terrinhas do Coelho*, Caique levou a peça *O Bolo Bolado*, Jeovane levou a peça *O coelho e as flores*, após a distribuição dos livros pedi para eles não esquecerem de escrever o que acharam da estória.

Aula 06

DATA: 25-03-04

Começamos em um círculo espreguiçando, cada um fazendo o movimento de alongar o corpo, fizemos a brincadeira do bane no inicio eles não estavam entendendo mais no decorrer eles foram compreendendo e começaram a fazer. Fizemos a brincadeira do *macaco* onde uma pessoa ia para o centro fingindo ser o macaco e os demais faziam perguntas como por exemplo: o que mais gosta de comer ,qual o nome , onde mora etc. Depois pedi que eles andassem pelo espaço e que cada um procurassem um lugar perto da parede para fazer o exercício de dicção, na medida que eles fossem aproximando na parede era para pronuncia uma frase em voz baixa com os dentes travados e na medida que ia se afastando da parede era para aumentar o tom de voz. Esse exercício foi feito para trabalhar a progressão da voz, que quando estamos em cena não devemos falar gritando e nem baixo demais e sim num tom normal no qual as pessoas que estão perto consigam ouvir e as que estão longe também. Em seguida fomos sentar em um círculo para ouvir os comentários das peças levados para casa, apenas Bel, Tenzim e Eniele fizeram o comentário. Após os comentários eu dividi em três grupos pedi que cada um criasse uma cena sobre cada peça. Eniele, Gleissiane e Caique fizeram sobre *A traição das terrinhas do coelho*, Bel, Valéria e Alibertina fizeram sobre *O menino e o vento* e Tenzim, Jeovane e Ruda fizeram sobre *O coelho boa vida*. Todos eles apresentaram e pediram para apresentarem com as roupas dos personagens. Então fomos para a *Sala de Arte* e pegamos as roupas, todos se vestiram e cada grupo se apresentou depois comentamos. Tenzim disse que adorou fazer *o coelho* pois ele é muito preguiçoso igual ao coelho, mais que a lição é muito boa e

serviu pra ele, Eniele adorou fazer *o coelhinho* que é o animal que ela mais gosta, Bel disse que não gostou muito de fazer *o vento* por que ficou com vergonha de fazer os movimentos, Caíque disse que adorou fazer *o lobo* por que é muito feroz e brabo mais não queria que ele fosse preso no fina depois que todos comentamos organizamos as roupas , a sala e terminamos a aula.

Aula 07

DATA: 01-04-04

Primeiro momento acordar o corpo com a seqüência da yôga, fizemos a brincadeira de imaginar que a fruta que cada um mais gostava estava pendurada lá no alto e que para alcança teria que esticar o corpo o máximo e ficar de ponta de pé e imaginar que a fruta caiu no chão e o corpo descia junto esse exercício era feito utilizando a respiração inspirando e espirando. Ainda no círculo para aquecer a voz passando a língua na gengiva três vez para um lado e três para o outro, com os dentes travados fizemos a brincadeira de *fulano comeu o pão na casa de João*, fulano é um aluno; O grupo fala; - Jeovane comeu pão na casa de João, Jeovane responde: - quem? eu! o grupo fala; - sim você! E ele responde; - eu não! O grupo pergunta;- então quem foi? Aí Jeovane fala o nome de um colega; - foi Libertina e assim continua até que a maioria ou todo o grupo *tenha comido o pão da casa de João*. Brincadeira. Depois a gente fez a brincadeira do ônibus, os meninos não compreenderam muito bem essa brincadeira. Depois nós fomos para o círculo e eu li a peça de Teatro Flicts de Ziraldo. Após a leitura da peça pedi que eles fizessem um desenho e escrevesse sobre a cor que mais gostou para conversarmos na próxima aula.

Aula 08

DATA: 15-04-04

Começamos a aula alongando cada parte do corpo: cabeça, ombro, braços, mãos, tronco, bunda, joelhos e pés. Depois fizemos a brincadeira *um dois tocou no chão*, para aquecer o corpo em seguida pedi para irmos para o campo para fazer a brincadeira de *mamãe eu quero chegar* essa brincadeira serve para trabalhar a ocupação do espaço vazio, planos baixo, médio e alto após fazermos a brincadeira, ainda no campo, fizemos a brincadeira *do onde ,quem e o que* do jogo teatral de Spolin. Dividi em trio e pedi para cada grupo apresentasse uma ação cênica sem fala e o grupo platéia identificasse *onde, o quem e o que*, na cena apresentada. Após a primeira etapa pedi que todos os grupos construíssem um pequeno diálogo para a cena e apresentassem com fala. A partir dessa idéia montamos a peça sobre o *dia do índio* que ficou assim:

Valeria - Tangera vem ajudar eu descascar as espigas de milho

Câmera - Taiti eu não posso agora, pois tenho que pegar a lenha para fazer a fogueira que tá quase na hora da nossa dança.

Eniele - É mesmo nossa dança é muito importante pois temos que invocar o Deus Sol para ele ajudar na caça.

Alibertina: Não podemos de invocar nossa mãe Terra para ela nos ajuda numa boa colheita

Gleissiane - É melhor nós começarmos logo a dança e vamos cantar *teatea* (em círculo quando elas começam a cantar chegam os portugueses).

Portugues1 - Terra vista, lugar lindo tem muita riqueza

Portugues2 - Muita mata! Muito ouro! Vamos nos da bem

Portugues3: Vamos voltar para pegar um barco potente assim poderemos levar muita coisa (eles saem e os índios ficam assustados. Depois os portugueses voltam com bijuteria para trocar por ouro e diamante. Os índios sem saber que estão sendo enganados dão todo o ouro e o diamante. Depois os portugueses começam a chicoteá-los e matam alguns índios e passam a tomar conta da terra dos índios. Os índios que sobraram tem algo a dizer ao homem branco.)

Tangera - Índio não gosta de homem branco, homem branco destruiu cultura de índio, matou índio, roubou terra de índio, índio não tem lembrança boa de homem branco.

Ensaíamos a peça para apresentar no dia do índio.

Aula 09

DATA:22-04-04

No primeiro momento eu pedi as crianças para elas deitarem na esteira para nós fazermos massagem um no outro. Eniele pediu para fazer o exercício em dupla porque ficaria mais fácil então eu fiz. Depois fizemos a brincadeira de passar um por cima do outro, no começo os meninos ficavam com vergonha mais depois começaram a se soltar, fizemos esse exercício umas três vezes, em seguida eu pedi para fazermos uma roda para aquecer a voz depois brincamos com o jogo das vogais de falar expressando sons com as letras em seguida eu pedi para os meninos andarem pela sala ocupando os espaços vazio e então eu fiz a brincadeira de imaginar que eles eram animais e que estavam com muita fome na floresta e que cada vez mais a fome ia aumentando e que

eles iam ficando ferozes e que a raiva ia deixando eles com vontade de andar mais apressado para encontrar comida até que então eles encontrava com um animal que seria o alimento do dia deles. Depois fomos para a roda para falar sobre a apresentação do *dia do índio*, Valéria disse que não gostou muito porque Ruda que fazia parte da apresentação na hora desistiu e deixou todo mundo na mão, Tenzim disse que gostou muito porque ele fez o papel do português que roubava todo o ouro e o diamante do índio e Alibertina disse que ficou com um pouco de vergonha os outros falaram que gostaram. Para fechar pedi para cada um fazer uma poesia sobre peça Flicts.

Aula 10

Data 29-04-04

Iniciamos nossa aula acordando o corpo, depois fazemos umas brincadeiras de aquecer o corpo, *o hoppe, a brincadeira da palma, o coelhinho sai da toca*. Em seguida fizemos um aquecimento cênico nesse aquecimento trabalhamos a ocupação dos espaços vazios, os planos e o corpo. Depois desse processo fizemos um Jogo Teatral em seguida partimos para as improvisações em cena. Como estamos com a proposta de montar a peça *Flicts* que eu contei em sala de aula. As crianças gostaram muito da história de *Flicts*, porém o aluno Tenzim queria que montássemos a peça *o coelho boa vida* então eu sugeri que ele lesse a peça mais uma vez para na próxima aula contar para as crianças, mas os alunos que estavam em sala não concordaram pois já tinham ouvido a história do *coelho boa vida* e preferiam a história de *Flicts*. Então Tenzim disse que não tinha problema por que ele também gostou da peça *Flicts*. Depois de ter lido a história para eles eu perguntei qual a cor que eles mais gostaram, Bel disse que se identificou com a cor verde que é um personagem que apronta uma safadeza com *Flicts*, Ruda disse que gostou do vermelho por ser uma cor forte e viva, Eniele se identificou com o azul claro por que ela adora ver o céu azul claro, Geovane disse que se identificou com a cor azul escuro porque além do céu azul o mar também é azul, Gleissiane disse que se identificou com o amarelo por ele ser metido e ser da cor do Sol, Samira gostou da cor lilás por que quando chega a época da quaresma tudo fica lilás e mais bonito, Tenzim gostou da cor branca por ser uma cor onde dar para escrever ou desenhar qualquer coisa, Valéria disse que gostou do marrom que é a cor da terra e da árvore, Alibertina disse que gostou do laranja que é uma cor muito viva e é a cor da laranja. Além do branco Tenzim também se identificou com dono da caixa de lápis de cor que é o senhor Johann Faber por que ele é um personagem muito engraçado e preocupado com suas cores. Nesse mesmo dia eu pedi para eles desenharem algo que retratassem a cor de cada um. Na aula seguinte no momento de improvisações eu levei a primeira cena da peça e li para eles. Depois formamos dois grupos para trabalharmos o texto de *Flicts*. Dei para cada grupo uma cena da peça *Flicts*, a mesma cena, e pedi para eles montarem a cena, primeiro sem fala depois com fala). Foi interessante ver os dois grupos montando a mesma cena, com resultados diferentes. Trabalhamos duas cenas, fora da seqüência do texto, As duas cenas foram trabalhadas por todos os alunos, a cada exercício de improvisação eles trocavam de personagens. Tivemos uma aula bem produtiva..

RELATÓRIOS DA QUARTA SÉRIE

Aula 01

11-02-04

No primeiro dia de aula fizemos uma brincadeira de apresentação com a bola pedi para cada um dizer o nome e o que mais gostava depois passar a bola para o próximo. Essa brincadeira eu fiz para conhecer melhor cada um, após a brincadeira pedi para acordar o corpo, os meninos ficaram inquietos então eu perguntei de que eles queriam brincar. Samiro sugeriu a brincadeira do cacique então eu perguntei aos demais se eles queriam brincar e todos aceitaram. Então fomos brincar, eles não queriam mais parar. Em círculo fizemos o aquecimento de voz, fingíamos que estávamos mascando chiclete, depois pedi que cada um falasse uma frase com os dentes travados. Depois que todos falaram a frase com os dentes travados pedi para eles passarem a língua três vezes para um lado e três vezes para o outro e depois engolir a saliva em seguida eu pedi para eles andarem pela sala ocupando o espaço vazios de vez em quando eu pedia para congelar e se perceberem no espaço foi meio complicado fazer essa atividade por que eles não se concentravam, não levavam a sério e ficava um montando em cima do outro, as meninas participaram. Mesmo com as dificuldades eu consegui fazer a brincadeira da palma que fez com que eles se concentrassem mais. Depois dessa atividade eu fiz com eles a brincadeira da *família Pereira* que é assim: cinco ou mais crianças ficam fora da sala as outras crianças ficam sentadas na esteira formando a platéia, uma criança da platéia vem para o palco e chamaremos uma a uma as crianças que estão fora, quando a 1ª criança entrar a colega que está no palco imitará seus gestos, suas expressões e quando a colega perceber que está sendo imitada entra para a família Pereira, junta-se a irmã Pereira e chama-se a próxima criança que será imitada pelas duas até que descobrir que está sendo imitada e passar a fazer parte da família Pereira e assim por diante. Depois que fizemos essa brincadeira abrimos uma roda para comentar como foi a aula. Taína disse que não gostou

muito da aula por os meninos ficaram bagunçando e a brincadeira que ela mais gostou foi a da família Pereira por que achou engraçado uma pessoa entrar em cena sem saber o que fazer e ainda o outro ficar imitando, Leda disse que não gostou da brincadeira da família Pereira porque ficou com muita vergonha de ver a platéia e não saber o era para fazer, Samiro que ficou na platéia observando disse que queria contar para elas que a Família Pereira imitava mas não falou porque ia perder a graça da brincadeira. Depois terminamos a aula.

Aula 02

08-02-04

Hoje os alunos estavam muito agitados. Eles ficavam com gracinha então eu falei que quem não quisesse participar da aula ficasse observando a aula na carteira. Então Sérgio, Samiro, Juciano e Janailton ficaram observando. Depois de acordar o corpo eu fiz a brincadeira do hoppe ai os meninos disseram que queriam participar e que não iriam bagunçar então fizemos a brincadeira em seguida fizemos o aquecimento. Depois fizemos a brincadeira da árvore brincalhona em que ficam seis pessoas fingindo que são árvores e as outras são crianças que irão ficar embaixo das árvores descansando e depois de um certo tempo as árvores começam a cutucar as criança e as crianças pensam que é um fantasma e começam a ficar com medo, depois volta para brincadeira e quem foi árvore passa a ser crianças. Nessa brincadeira eu percebi que todas as crianças participaram, levaram a sério estavam inteiras na brincadeira. Depois ficamos na roda para falar sobre o *bloco do brilho*. Antes contei para eles um pouco do carnaval de Palmeiras: - que antigamente que as pessoas saiam fantasiada pelas ruas, alguns se fantasiavam de capa preta que era um grupo que saía assustando as pessoas que eles encontravam na rua. Tinha também o *Bloco das Margaridas* que era as mulheres que saiam vestidas de flores. Eu falei para eles que quem tinha me contado sobre o carnaval de Palmeiras foi uma mulher de Palmeiras que tinha participado do carnaval há mais ou menos 40 anos atrás e que ela disse que hoje o carnaval é só trio elétrico e que tudo isso só ficou no passado, porque o povo deixou de lado o mais bonito que é se fantasiar. Depois que eu falei um pouco sobre o carnaval Janailton falou que queria se fantasiar de *Capa Preta*, Sérgio, Samiro, também pediu para se fantasia de *Capa Preta* e também pediram para usar máscaras, queriam sair assustando as pessoas. As meninas disseram que queriam se fantasiar de bailarinas. Fomos pegar nossas fantasias, enquanto procurávamos as fantasias conversávamos e um aluno de outra turma perguntou se eles iriam apresentar alguma coisa e Samiro respondeu dizendo que ia apresentar o personagem e que uma apresentação não precisa ser só de falar porque o personagem já estava sendo a própria apresentação. Em um momento Sérgio disse assim: *se toda aula de Teatro fosse apresentar eu queria que tivesse aula de Teatro todo dia* e Janailton completou dizendo que era bom mesmo porque eles podiam inventar e Juciano disse assim: *quando agente inventa fica melhor*. Depois dessa fala deles eu percebi o quanto era importante para eles o momento de improvisação, onde eles próprios colocavam suas idéias sem que ninguém as julgassem se estavam certas ou erradas e também a importância de apresentar a cena que eles tinham feito.

Aula 03

03-03-04

No primeiro momento acordamos nossos corpos. No campo fizemos o exercício do caracol depois a brincadeira do *bane-bane*, para concentra, por que os meninos estavam dispersos. Fizemos a brincadeira de *mamãe quero chegar*. Essa brincadeira trabalha o espaço, respeita os limites e gasta energia fizemos a brincadeira duas vezes e eles ainda queriam mais. Depois nós fizemos a brincadeira *o espelho*, pedi para eles ficarem em dupla e se desse o número um ou dois, o número um seria o espelho e o número dois seria a pessoa que se olhava no espelho, depois troca-se os números. Esse exercício não foi bem aproveitado, os meninos ficaram esculhambando, ficavam fingindo que estavam cagando, bufando, coçando o saco para os outros colegas olharem e perder a concentração e virou uma bagunça daí eu mudei a atividade e fomos fazer a brincadeira do ping-pong. Como eles já conheciam a brincadeira não precisei explicar outra vez e eles brincaram. Depois dividi em dois grupos e pedi para improvisar sobre o que aconteceu no *bloco do brilho*. Depois que eles terminaram de improvisar nos organizamos para as apresentações O grupo de Janailton apresentou uma cena em que todos eles ficavam escondidos e Janailton fingia que estava dormindo e vinha Leda e tropeçava em Janailton sem vê-lo e ele começava a levantar devagarzinho e assustava ela e os outros que estavam escondidos também vinham e começavam a assustar as crianças que estavam por perto. O outro grupo apresentou a cena em que umas mulheres vinham distribuir pipocas para as crianças e Taína foi pegar pipoca e deu uma trombada com Nelma e Nelma disse “você quase arrebenta o cacau sua desesperada por causa de pipoca”, Taína ficou com raiva e ficou no canto chorando e todos os outros ficaram rindo da cara dela. Após as apresentações fomos fazer uma avaliação de como foi a aula. Janailton disse que adorou a parte de apresentar por que tinha sido uma historia que tinha acontecido com eles e que eles trouxeram para improvisar, Taína disse que foi bom ela ter feito o papel de Joanita por que só assim a gente sente na pele do outro. Os outros falaram que a aula foi boa, fora a bagunça dos meninos e Juciano respondeu: *gatinhas a aula precisa a ficar um pouco mais bagunçada para ficar divertida*. Terminamos nossa aula.

Aula 04

17-03-04

Nesse dia os alunos estavam muito despeço, no primeiro momento um grupo ficava com gracinhas e outros falando que queriam era namorar então eu falei que quem não estava com vontade de fazer a aula poderia ficar fazendo atividade com Nadilza então Janailton, Sergio, Samiro, e Juciano foram ficar com a professora Nadilza. Eu continuei a aula fomos fazer uma brincadeira de aquecimento fizemos a brincadeira do *coelho saiu da toca* só que fizemos de uma forma diferente ao invés de ser só coelho eu pedi para cada um escolher o animal que mais gostava e passar a ser esse animal, Taína escolheu o cavalo, leda escolheu a galinha, Cinéia escolheu o pato, Naiana escolheu a cobra Gil escolheu o tigre, Mateus escolheu o lobo. depois que todos escolheram qual animal que iria ser eu expliquei que quando o animal fosse para toca do outro ele deixaria de ser o animal anterior e passava a ser o animal que habitava a toca. e para facilitar eu pedi para cada um colocar o nome do animal dentro da toca. Foi muito legal porque eles fingiam que eram os animais e soltavam sons e ruídos, também podemos trabalhar os planos: baixo quando era cobra, médio quando era o cachorro e alto quando era o lobo, o gorila... Depois pedi para eles caminhassem ocupando os espaços vazios e em vez em quando pedia para congelar e se observarem no espaço, se estavam ocupando bem o espaço em seguida pedi para eles caminham de ponta de pé e perceber como o corpo ficava quando estava assim, pedi para andar com o calcanhar e observar se o corpo mudou se estavam se sentindo incomodados, depois pedi que andassem lateral de fora do pé e depois com lateral de dentro do pé. Em seguida eu pedi para eles imaginarem que estavam andando no meio dos espinhos, depois que estavam andando no meio do chiclete e depois que estavam andando no chão ensaboad. Quando terminamos essa atividade pedi para fazermos uma roda para comentarmos sobre a semana santa e eu perguntei para eles como se comemorava a semana santa no Vale do Capão. Taína disse que as crianças iam para casa da madrinha para dá benção e ganhar presente Naiana disse que ia para a casa da madrinha almoçar com ela, Cinéia disse que a comida da semana santa era angú, arroz, feijão, salada, macarrão e o mais importante era o peixe porque não podia comer carne no dia da semana santa, Rizon falou que na semana santa também tinha lobisomem e pegava as crianças que não era batizada. Depois que todos falaram um pouco eu pedi para eles pesquisarem em casa com os pais para na próxima eles apresentarem as informações pedidas.

Aula 05

31-03-04

Em um círculo para acordar o corpo começamos movimentando o pescoço e a cabeça, depois os ombros fazendo o movimentos para frente e para atrás depois o tronco e a cintura depois a bunda e os joelhos e os pés. Fizemos também o exercício de um segurar na mão do outro e fazer movimentos para frente e para atrás sem cair no chão e apoiando-se no colega. Depois eu fiz um aquecimento de voz mexemos com a boca e fizemos caretas e depois cada um falou uma palavra com os dentes travados e os outros repetiam. Depois eu fiz a brincadeira do “comer pão na casa de João”, que é assim: Uma pessoa começa e fala assim Fulana comeu pão na casa de João. Fulana responde: - Quem? Eu? Todos respondem: - Sim: Você. Fulano responde: - Eu, não. Todos respondem: - Então quem foi? Fulano responde: - Foi Sicrana... e assim continua, essa brincadeira é musical, durante a fala cantada se bate palma também. Depois pedi para caminham observando e procurando ocupar o máximo os espaços vazios, pedi para eles andarem com os diversos sentimentos: tristeza, raiva, alegria e outros. Depois pedi para caminham, congelarem e dá a mão ao colega mais próximo formando duplas e se numerando de 1 ou 2 e ficar um de frente para o outro. O número 1 seria o artista que iria fazer uma escultura e o número 2 seria a argila que seria modelada, transformada em obra de arte, depois de todos olharem, admirarem as esculturas voltam para perto de sua obra e troca de números, inverte as funções. Todos já conheciam esse jogo. Leda esculpiu uma mulher com uma bacia de roupa, tivemos uma variedade de esculturas em vários planos. Fizemos uma roda para falar como foi a aula, Samiro disse que gostou da brincadeira de “comer pão na casa de João” e não gostou muito da brincadeira do escultor porque ele ficou com vergonha de tocar no colega para fazer a escultura e também não gostou de homem ficar pegando nele. Naiana disse que gostou da brincadeira dos sentimentos porque na hora que ela estava de verdade ela ficava com vergonha de mostra ela guardava e quando foi na brincadeira ela se soltou toda. Sérgio disse que não gostou porque na hora da brincadeira do escultor os meninos ficavam dando risadas e ele não conseguiu se concentrar, os outros disseram que não queriam falar. Passamos a trabalhar o tema improvisarmos. Perguntei a eles se tinham pesquisado com os pais sobre a semana santa, e eles disseram que o que os pais deles falaram eles já sabiam. Então propus que um grupo trabalhasse com o tema *Comida Da Semana Santa* e o outro grupo com o tema *lobisomem*. Dei dez minutos para cada grupo improvisar e apresentar como já estava na hora de ir para o intervalo deixamos para continuar na próxima aula.

Aula 06

07-04-04

Nesse dia acordamos o corpo, fizemos o aquecimento cênico depois eu dei dez minutos para cada grupo improvisar sobre seu tema em relação a semana santa. Quando todos terminaram pedi para o grupo que ficou

sendo platéia para que respeitarem o trabalho do colega, que observasse como eles estavam na cena e que acima de tudo levassem a sério e que no momento da apresentação não é hora de ficar dando risadas com a intenção de perturbar. As apresentações ficaram mais ou menos assim: Leda entrava e chamava a mãe dela para reparar a comida da semana santa depois entrava a mãe e pedia para a filha ir comprar fubá para fazer o angu e chegava a afilhada para pedir a benção e ela dava a benção e ficava esperando um presente então o pai ia no galinheiro e pegava uma galinha cheia de belga e dava para a afilhada e ela saía com raiva porque ele tinha prometido era uma calcinha. depois disso a mãe chama o pai para comer e ele diz que só vai se tiver peixe e ela responde claro que tem pois o peixe não pode faltar no dia da semana santa e todos comem e depois vão descansar porque comeu demais. Quando eles terminaram de apresentar eu pedi para o outro grupo comentar como foi a apresentação: Taína disse que achou muito engraçada o homem cortando a lenha parecia que ele estava cortando de verdade mas não gostou da filha porque ela ficava muito quieta e deveria ficar com mais raiva porque ela não ganhou o presente que queria. Naiana disse que adorou o papel da mãe fazendo comida porque ela adora fazer papel de mãe. Rizon disse que parecia o pai dele cortando a lenha e que ficou engraçado. Janailton disse que não entendeu direito porque estavam falando muito baixo. Depois que todos comentaram eu fui com eles escolher as roupas para fazermos a apresentação para as outras turmas.

Aula 07

14.04.04

Nesse dia eu comeci a aula pedindo para eles deitarem nas esteiras para ouvirem uma estória que eu tinha para contar sobre a onça e a chuva: - a onça disse que iria assustar uma tribo de índio para eles ficarem com medo e ir embora, mas a chuva falou para a onça que os índios não tinha medo de animal e que eles tinha medo era da chuva, então a chuva e a onça resolveram pegar uma aposta para verem de quem os índios tinham mais medo. Então a onça foi até a tribo e começou a uivar o índio falou para o seu filho ir atrás da onça para brincar com ela porque já fazia um tempo que ela não aparecia por ali, de repente a chuva apareceu e começou a chover, então o índio gritou para seu filho entrar para a toca porque eles temiam a mãe chuva. Desse dia em diante a onça entendeu que a chuva era um elemento muito importante para os índios e que ela também era mas que os índios tinham medo mesmo era da chuva. Depois que eu contei a estória eu pedi para eles irem espreguiçando e ficando na base e espreguiçamos, os meninos disseram que queriam ficar ouvindo estórias até a aula acabar. Fizemos o exercício do caracol de descer, enrolar, até embaixo e ir subindo, desenrolando, devagarzinho e a cabeça é a ultima última parte que levantamos. Fizemos um aquecimento de voz e fiz a brincadeira de falar línguas estranhas sem que ninguém entendesse. O objetivo era fazer com que eles falando uma língua estranha eles ficavam mais a vontade para explorar diferentes formas de falar e assim de articular além de melhorar a pronúncia. Mateus sugeriu criarmos a cena para o dia do índio a partir da estória que eles tinham escutado no início aula. Então eu dividi a sala em dois grupos e pedi para eles conversarem sobre a importância do índio, como vivem os índios, o que eles comem eles disseram que já sabiam pois a professora Nadilza estava fazendo a pesquisa sobre os índios com eles. Um grupo apresentou uma cena sobre a estória da *A Chuva a Onça e o Índio*, outro grupo apresentou sobre a estória de uma índia que queria casar com o índio Ingará só que para casar ela teria que encontrar o caminho certo porque tinha três caminhos, então ela resolveu seguir o caminho onde tinha umas penas porque os índios gostavam muito de pena, só que ela foi parar na casa do urubu e o urubu estava mesmo procurando uma mulher para casar e a mãe do urubu falou para ela ficar porque o urubu iria trazer uma deliciosa caça e então ela resolveu esperar só que quando o urubu chegou ele trouxe um monte de bicho podre então a índia fugiu para tentar encontrar o caminho certo para encontrar o seu índio Ingará, ela viu um outro caminho com muita pena e pensou que aquele caminho poderia dar na casa do seu índio só que o caminho dava na casa do gambá e o gambá estava na caca e só sua mãe estava em casa, quando Ingará perguntou se aquela casa era do Ingará a mãe do gambá falou que sim pois queria logo que seu filho arrumasse uma mulher e então convidou a menina para entrar porque seu filho já iria chegar quando o gambá chegou a menina saiu correndo porque tinha percebido que a mulher tinha lhe enganado e então só lhe restou um caminho e ela foi já desanimada só que encontrou o índio. Quando Ingará acendia uma fogueira o índio Ingará a viu e pediu-lhe para ela morar com ele para sempre na oca e ela aceitou. Depois que todos os grupos apresentaram eu pedi para fazer uma roda para nós comentarmos como foi a aula e a apresentação. Sérgio disse que gostou de fazer um Teatro sobre o índio porque eles são muito importantes na nossa vida e agora já não tem quase índio. Samiro falou que não gostou muito de fazer o papel do gambá porque as pessoa poderia ficar pensando que o gambá era fedorento e eu falei que ele não deveria se incomodar porque era o personagem que ele estava fazendo, não era ele. Naiana disse que gostou de fazer o papel da mãe do urubu só que achou um pouco estranho urubu ter uma mãe tão preocupada com o filho urubu. Taína disse que os meninos ficaram muito embotados na apresentação. Depois que eles falaram eu pedi para fazer uma roda e fechar os olhos e que eles pensassem em uma coisa boa para passar essa coisa boa através da energia.

Aula 08

28-04-04

Nesse dia nós acordamos o corpo, só que os meninos não queriam participar do acordar o corpo porque disse que não iria acordar o corpo porque era coisa de mulher. Então eu disse para eles que era muito importante acordar o corpo para depois nós seguirmos com as outras atividades. Mesmo assim eles não quiseram participar. Fizemos um aquecimento de voz e pedi para eles caminharem pela sala para fazermos a brincadeira da palavra para ajudar no aquecimento de voz, na brincadeira alguns ficaram com vergonha de brincar com a palavra. Depois eu pedi para eles caminharem ocupando os espaços vazios só que os meninos ficavam andando junto e falando que iriam dá beijos nas meninas e eu pedi para eles andarem sem ficar com conversa paralela e eu pedi para eles andarem bem devagar e procurando ocupar os espaços vazios e observar como o corpo ficava e depois eu pedi para eles andarem dando o passo bem grande ocupando o maior espaço só que um ficava chutando o pé do outro, eu pedi para eles terem mais cuidado com o colega. Depois fizemos a brincadeira da máquina onde um voluntário ia até o palco e fazia um som e um movimento que se repetia, o outro ia e fazia um outro movimento com outro som que complementasse o anterior e assim a cada pessoa, cada peça da máquina e assim no final formava-se a máquina. Depois pedi para eles falarem como foi a apresentação do dia do índio. Sérgio disse que não gostou porque quando ele estava apresentando porque os meninos que faziam parte da cena e ainda não tinha entrado ficavam conversando e atrapalhou. Naiana disse que gostou porque eles tinham ocupado bem os espaços na hora de apresentar a cena. Depois eu falei que nós a escola ia comemorar o dia das mães e perguntei se eles tinham alguma idéia... Taína perguntou porque não fazia um Teatro de bonecos. Quando Taína terminou de falar os meninos já queriam ir buscar os bonecos para apresentar e eu falei que primeiro nos iríamos montar as cenas e depois eu ia buscar os bonecos e fazer um palco próprio para apresentar e mostrar como se usa um boneco. Pedi para eles se dividirem em grupo e montar a cena sobre o dia das mães, enquanto isso eu fui pegar os bonecos e fui montar um palco próprio para os bonecos. Quando eles terminaram eu pedi para eles ficarem na platéia e eu mostrei como usar o boneco e pedi para um de cada vez vestir o boneco na mão enquanto isso eu orientava o manuseio do boneco. Depois que todos aprenderam eu pedi para um grupo ir procurar um boneco que lhe interessasse e criasse um nome para o boneco, se quisesse, para ajudar na hora na apresentação. Eles fizeram uma cena em que uma mãe ficava muito triste porque não ganhava nenhum presente no dia das mães, porque suas filhas não tinham dinheiro e então uma amiga da menina disse que não precisaria ter dinheiro para dar um presente para a mãe poderia fazer uma flor de origami, dar um abraço e a mãe iria adorar. Então a menina resolveu seguir o conselho dos amigos e deu uma flor e um grande abraço na mãe e a mãe ficou muito feliz. Eles fizeram muito bem o Teatro de boneco, criaram vozes para os bonecos, improvisaram quando um não sabia o que falar o outro puxava papo dentro do assunto. O outro grupo apresentou sobre a vergonha de dá parabéns no dia das mães porque a mãe não deixava eles nem chegar perto dela e dizia que não sabia para que tinha tanto filho, porque nenhum lembrava que ela existia. então os filhos resolveram se juntar para fazer um bolo para dar para mãe e cada um foi pegar o ingrediente para fazer o bolo e quando eles terminaram de fazer o bolo eles chamaram a mãe, cantaram parabéns e ela ficou toda feliz e disse que as pessoas que ela mais amava na vida eram os filhos. Depois que todos apresentaram fomos comentar sobre a apresentação. Mateus disse que já tinha feito apresentações com Teatro de boneco, ele deu o nome para o boneco dele de Zé Bobão e ele adora ajudar as pessoas e foi por isso que ele ajudou a menina a dá um presente para a mãe sem precisar comprar. Gil falou que gostou muito de fazer o Teatro de bonecos porque ele é uma pessoa tímida e quem iria aparecer na hora da apresentação era o boneco. Janailton disse que parecia que era de verdade quando ele estava dando vida para o boneco e parecia que não era ele. Cinéia disse que gostou na hora que os bonecos pegava os ingredientes para fazer o bolo. Rizon disse que gostou porque no Teatro de boneco quem fazia com que os personagens se mexessem era as mãos. Os outros não quiseram falar só disseram que gostaram e assim terminamos nossa aula.

ANEXO E – Planos de aulas

Planos de aulas da terceira série

Data: 12-02-04 Aula 01

- 1- Acordar o corpo
- 2- Exercício da mola
- 3- Estória do gato furioso
- 4- Brincadeira do dono da rua
- 5- Apresentação com objeto
- 6- Desenho da aula

Data: 19-02-04 Aula 02

- 1- Acordar o corpo
- 2- O corpo no espaço cênico
- 3- Brincadeira da palma
- 4- Brincadeira de imaginação
- 5- Roda para escolher a fantasia do carnaval
- 6- Ensaiar as músicas do carnaval

Data: 04-03-04 Aula 03

- 1- Acordar o corpo
- 2- Trabalhar a respiração
- 3- Dicção
- 4- Brincadeira da palavra
- 5- Caminhar ocupando os espaços vazios
- 6- Brincadeira do ping-pong
- 7- Exercício do espelho
- 8- Trabalhar o tema da semana Sant

Data: 11-03-04 Aula 04

- 1- Acordar o corpo
- 2- Brincadeira do bane
- 3- Criar a estória do lobisomem
- 4- Andar ocupando os espaços vazios
- 5- Construção dos personagens
- 6- Ensaiar a história do lobisomem

Data: 18-03-04 Aula 05

- 1- Acordar o corpo
- 2- Brincadeira do hoppe
- 3- Brincadeira do pegador de tartaruga
- 4- Andar ocupando os espaços vazios
- 5- Trabalhar os sentimentos
- 6- Brincadeira do escultor
- 7- Roda para decidir qual a peça que cada um iria levar para ler em casa
- 8- Lembrar de fazer o comentário sobre a peça que leu

Data: 25-03-04 Aula 06

- 1- Acordar o corpo com cada um fazendo um exercício
- 2- Brincadeira do bane
- 3- Brincadeira do macaco e o dinheiro
- 4- Andar ocupando os espaços vazios
- 5- Exercício de dicção- projeção de voz

- 6- Comentário sobre as peças de Teatro que levaram para casa
- 7- Construção de cenas sobre as peças que eles leram
- 8- Apresentação das cenas com as roupas
- 9- Comentário sobre as cenas

Data: 01-04-04 Aula 07

- 1- Acordar o corpo com a seqüência da yôga
- 2- Aquecimento de voz com os dentes travados
- 3- Brincadeira de comeu pão na casa de João
- 4- Brincadeira do ônibus
- 5- Contar a estória de Flicts
- 6- Escrever o que mais gostou da história

Data: 15-04-04 Aula 08

- 1- Acordar o corpo
- 2- Brincadeira de um dois tocou no chão
- 3- Mamãe quer chegar
- 4- Brincadeira de onde? Quem? E o que?
- 5- Montar a cena sobre o dia do índio
- 6- Ensaiar a cena para apresentar no dia do índio

Data: 22-04-04 Aula 09

- 1- Massagem
- 2- Passar um por cima do outro
- 3- Aquecimento de voz
- 4- Andar ocupando os espaços vazios
- 5- Brincadeira de imaginação
- 6- Avaliação sobre a apresentação do dia do índio
- 7- Fazer uma poesia sobre a cor do personagem Flicts

Data: 29.04.04 Aula 10

- 1- Acordar o corpo
- 2- Brincadeira do coelhinho sai da toca
- 3- Aquecimento cênico
- 4- Leitura da peça Flicts
- 5- Construção de duas cenas da peça Flicts com três cores

- Plano de Aulas da quarta série

Data: 11-02-04 Aula 01

- 1- Apresentação com a bola
- 2- Brincadeira do cacique
- 3- Aquecimento de voz, com frases de dentes travados.
- 4- Andar ocupando os espaços vazios
- 5- Brincadeira da família Pereira
- 6- Avaliação sobre a aula

Data: 18-02-04 Aula 2

- 1- Acordar o corpo
- 2- Brincadeira do hoppe
- 3- Aquecimento cênico
- 4- Brincadeira da árvore brincalhona
- 5- Roda para falar sobre o *bloco do brilho*
- 6- Falar sobre o carnaval de Palmeiras

7- Pegar fantasia

Data: 03-03-04 Aula 3

- 1- Acordar o corpo
- 2- Exercício do caracol
- 3- Brincadeira do bane
- 4- Mamãe quer chegar
- 5- Brincadeira do espelho
- 6- Brincadeira do ping-pong
- 7- Improvisação sobre o que aconteceu no bloco do brilho no carnaval
- 8- Apresentação das cenas
- 9- Avaliação sobre a aula

Data: 17-03-04 Aula 4

- 1- Coelhinho sai da toca
- 2- Caminhar ocupando os espaços vazios
- 3- Roda pra falar sobre a semana santa
- 4- Pesquisar em casa como se comemora a semana santa no Vale do Capão

Data: 31-03-04 Aula 6

- 1- Acordar o corpo
- 2- Movimentar segurando a mão do colega
- 3- Aquecimento de voz
- 4- Comer pão na casa de João
- 5- Caminhar ocupando os espaços vazios
- 6- Trabalhar os sentimentos
- 7- Brincadeira do escultor
- 8- Trabalhar as duas cenas: lobisomem e semana santa.
- 9- Avaliação

Data: 07-04-04 Aula 7

- 1- Acordar o corpo
- 2- Aquecimento cênico
- 3- Improvisar sobre o tema em relação à semana santa
- 4- Explicar a importância de respeitar apresentação dos colegas
- 5- Apresentação
- 6- Avaliação de como foi a apresentação

Data: 14-04-04 Aula 8

- 1- Ouvir estória da onça e chuva
- 2- Espreguiçar
- 3- Exercício do caracol
- 4- Aquecimento de voz com palavras estranhas
- 5- Falar sobre o dia do índio
- 6- Construção de cenas com base na história *o índio e a chuva*
- 7- Apresentação
- 8- Avaliação sobre as duas cenas

Data: 28-04-04 Aula 9

- 1- Acordar o corpo
- 2- Caminhar ocupando os espaços vazios
- 3- Brincadeira da palavra

- 4- Brincadeira da máquina
- 5- Avaliação do dia do índio
- 6- Falar sobre dia das mães

ANEXO F - Entrevistas com alunos da 3^o e 4^o série

- Bate papo dobre Teatro

Rilmar – Fale-me sobre as aulas de Teatro

Rizon, 4^a série - Tem um ano que tenho aula de Teatro com Carla. Eu gostei muito das aulas porque consegui aprender muitas coisas, a improvisar, criar personagem, a construir cenas. As aulas me ajudaram a deixar a vergonha de lado e fazer tudo. As vezes não gosto de acordar o corpo por que chego nervoso e zangado eu não conseguia me concentrar porque os meninos ficavam bagunçando e Carla ficava muito chateada e pedia para eles pararem mas tinha dia que eles não obedeciam. Gosto da aula de Carla não gosto quando ficam bagunçando e não gosto de fazer apresentação sozinho. Acho importante trabalhar em grupo por que os outros me ajudam, a gente se divide em grupo e improvisa e cria as falas. As brincadeira que mais gostei foram: o Ônibus e o Pegador de tartaruga. Gosto de ouvir histórias na aula de Carla, um dia ouvi a história a onça e a chuva. A onça falou que ia na toca do índio e a chuva falou que não era bom ela mas um dia a onça foi e pediu para o índio não maltratar ela ... Depois das aulas fiquei sem vergonha e inventava fala na hora da apresentação.. O que eu mais gostava nas aulas de Teatro era criar personagens que eu já conheço e apresentar em grupo porque eu não gosto de apresentar sozinho. As apresentações que eu mais gostei foram A onça e da chuva que apresentamos no dia do índio e a apresentação da semana santa que eu era o velhinho e o filho que virava lobisomem. Aprendi muito e gostaria que continuasse o Teatro é bom por que tem brincadeira e aquecimento

Sérgio, 4^a série - No começo eu não gostava muito da aula porque tinha muita bagunça e eu também bagunçava. Quando começou a ter apresentação eu comecei a participar mais, mas não gosto dessas brincadeiras de mulher. O personagem que eu mais gostei de fazer foi o burro, esse personagem foi da história que Carla criou, ela me chamou para eu participar porque eu queria apresentar e os outros grupos já estavam com as pessoas certas para apresentar.

Naiana, 4^a série – As aulas de Teatro me ajudaram muito porque antes eu era uma pessoa que tinha muita vergonha de falar depois das aulas eu fui me soltando e participando mais. O que eu não gostava era da bagunça, porque as vezes a aula acabava e a gente não tinha feito nada e ainda deixava Carla chateada. Gosto de fazer personagem que seja de dona de casa ou de mãe. Gosto de criar o que vou fazer, as cenas eram criadas por nós mesmas e com ajuda dos nossos pais que falavam alguma coisa para acrescentar sobre o que estamos fazendo como por exemplo: o Teatro da semana santa no Capão nós fomos perguntar para nossos pais como se comemorava, antigamente, a semana santa no Capão depois nós criamos as cenas par apresentar. O que eu mais gostei foi de trabalhar um ajudando o outro. Gostei das brincadeiras de imaginar que o chão está de diferentes formas: cheio de espinhos, cheio de argila, cheio de sabão, cheio de visgo de jaca... gostei também das brincadeiras do pegador de tartaruga, o dono da rua, o ônibus . Quero que continue tendo professor de Teatro para eu aprender mais coisa sobre Teatro.

Janailton, 4^a série - No início das aulas de Teatro eu bagunçava muito depois eu parei de bagunçar. A hora que eu mais gostava era quando eu ia criar alguma cena para apresentar o que eu mais gosto é de apresentar. Das apresentações que eu fiz a que eu mais gostei foi a do caçador que ia procurar mocó na serra mais seu amigo. Foi bom ter aula de Teatro porque além de ter apresentação também tem brincadeiras e exercícios de corpo.

Samiro, 4^asérie - Aprendi muito nas aulas de Teatro de Carla. Aprendi a criar o que eu ia falar na hora de apresentar. Quando eu esquecia o que eu ia falar na hora de apresentar eu inventava na hora, porque a cena foi eu que criei então eu sabia o que eu estava apresentando.Gostei também de fazer trabalhos com grupos porque juntávamos as idéias que cada um dava e construíamos o que iamos apresentar. Carla ajudou para as apresentações ficarem boas, ela dizia para agente falar alto, não ficar de costas sem precisão. Gostei muito de fazer o menino que era filho do lobisomem. Aprendi brincadeiras novas e muitas outras coisas. O que eu mais gosto é de apresentar.

Cinéia, 4^a série - Eu não gostei muito das aulas de Teatro porque os meninos ficavam bagunçando e não obedeciam a Carla. O que eu mais gostava de fazer era ensaiar para apresentar. Eu não escolhia com quem eu ia apresentar podia ser qualquer um. Gosto muito de fazer personagem de dona de casa e de filha. A apresentação que eu mais gostei foi a do dia do índio. Eu fazia a índia que estava procurando um marido para casar. Tomara que tenha outro professor para ter aula de Teatro. ()

Samira, 3ª série – Com as aulas de Teatro aprendi a falar mais alto nas apresentações. A hora da aula que eu mais gostava era o aquecimento cênico onde andávamos ocupando os espaços vazios e quando não estava ocupado Carla pedia para nós ocuparmos. As aulas de Teatro foram boas, tinha dia que não tinha brincadeiras porque tinha o ensaio de Flicts aí eu não gostava muito. Queria que as aulas tivesse mais tempo porque é muito pouco.

Valéria, 3ª série – As aulas de Teatro foram boas porque eu aprendi a criar personagens durante a aula, na hora da apresentar a apresentação ficava melhor. Aprendi a ouvir o que os outros colegas falavam para melhorar nossa apresentação e a falar o que eu achava sobre a apresentação dos outros. Aprendi que tem plano baixo, plano médio e plano alto, Carla falava para nós quando fazíamos a brincadeira de imaginação. Tinha hora que os meninos ficavam conversando aí a aula ficava chata.

Juciano, 3ª série – No início as aulas estavam muito ruim porque nós bagunçávamos muito aí Carla ficava nervosa e gritava com a gente. Depois foi melhorando quando Carla começou a fazer brincadeiras novas, aí todo mundo participava. Na hora de acordar o corpo só as meninas participavam e os meninos não participavam porque nós não íamos ficar requebrando que é coisa de mulher. Eu não gostava de fazer trabalho com grupo que tinha Tainá porque ela queria ser a boazona e não deixava eu falar, ela queria fazer tudo sozinha. Eu fazia trabalho com os outros grupos porque todo mundo participava. O personagem que eu mais gostei de fazer foi o lobisomem. Se as aulas tivesse tido menos bagunça nós poderíamos ter feito mais coisas. Gostei de fazer Teatro e queria que tivesse outra pessoa para continuar a dá aula de Teatro. Gosto de apresentar e ensaiar, mas ficam bagunçando na aula. A apresentação que mais gostei foi o cachorro do delegado e casamento da roça. Eu não gostei da brincadeira da tartaruga por que é muito sem graça. É bom o Teatro porque quando nós apresentamos os personagens somos nós que escolhemos eu gosto muito de fazer Teatro.

- Bate papo: Rilmar e Alberto (3ªsérie)

Rilmar- Como foi fazer Flicts, de onde veio essa idéia?

Alberto- Foi bom. Foi uma idéia maluca de Carla.

Rilmar- Vocês gostou dessa idéia maluca?

Alberto- Gostei, mas teve alguns probleminhas, alguns alunos ficavam bagunçando, não respeitavam a aula.

Vocês já tinham lido antes alguma peça de Teatro?

Alberto- Já. Li a peça de Maria Clara Machado – O Menino e o Vento.

Essa leitura foi proposta da aula de Teatro?

Alberto- Sim, Carla levou algumas peças de Teatro e nós escolhemos uma para ler em casa.

Rilmar- Depois que vocês leram o que fizeram?

Alberto- Cada um comentou sobre sua peça e depois fizemos uma cena da peça.

Rilmar- Vocês montaram a peça *O Menino e o Vento*?

Alberto- Não.

Rilmar- Você não teve vontade de encenar *O Menino e o Vento*?

Alberto- Tive. Mas, eu fiz a cena de *O Menino e o Vento*. Foi legal.

Rilmar- Por que não continuaram.

Alberto. Não sei.

Rilmar- Flicts veio depois desse trabalho?

Alberto- Sim. Carla trouxe a peça e leu para nós. Flicts é uma estória bonita. Uns não queriam montar depois começaram a querer. Outros saiam porque não queriam retomar o texto quando erravam.

Rilmar- Como vocês trabalharam com a peça Flicts, vocês ensaiavam, tinha texto, como aconteciam as aulas na montagem de Flicts?

Alberto- Agente improvisava. Também tinha texto que a gente levava para casa para estudar.

Rilmar- Você levou o texto de Flicts para casa?

Alberto- Levei o texto de Flicts para casa para estudar

Rilmar- Como você estuda o texto?

Alberto- Leio o texto vejo o que tem, como é a estória, as coisas importantes e dou minha opinião. É bom porque a gente pode inventar, normalmente a gente inventa.

Rilmar- Como ficou a peça no final?

Alberto- A peça ficou legal. Porque a gente dava nossa opinião: tira isso daqui, coloca isso... é legal as aulas e Carla porque a gente fala ...não tá legal...tá bom..., ela dizia: ...o que vocês acham? Isso é bom? Ela perguntava nossa opinião.

Rilmar- Quer dizer que na sua opinião as aulas de Carla são legais porque ela ouve a opinião de vocês?

Alberto- Isso é que faz a diferença. A compreensão. As vezes o professor compreende os alunos mas nem todos os alunos compreendem o professor.

Rilmar- Teve alguma coisa que lhe chamou atenção, que você achou interessante, na peça Flicts?

Alberto- A comunicação entre as pessoas do palco e a platéia. O Branco fala com a platéia.

Rilmar- Você percebe que aprende alguma coisa com as aulas de Teatro?

Alberto- Aprendo claro. A gente faz uma coisa é para aprender não é para ficar burrinho. Aprende porque mostra a peça para um público. Eu aprendi muitas coisas nas aulas de Teatro. O que mais gostei foi que juntos nós criávamos o que íamos apresentar e cada um podia dá a sua idéia e no final juntava para construir o que ia apresentar. Gostei também quando Carla trouxe o livro da peça de Teatro, assim eu pude lê uma peça, comentar sobre ela e improvisar uma cena sobre essa peça. Só não gostei que alguns colegas não leram as peças que levaram para casa.

Rilmar- Por que quando você mostra a peça você aprende?

Alberto- A gente aprende porque umas pessoas vão olhar. Umas vão pensar que é besteira, outras vão pensar que é bom. A opinião delas mostram o que elas sentiram. Aí na próxima peça a gente melhora e assim a gente melhora cada vez mais.

Rilmar- Então o público é importante para o Teatro?

Alberto- Claro. O público, a platéia, vê a gente apresentando. Tem hora que esse público serve para lançar você numa carreira de atriz ou ator, um artista...

Rilmar- Além da platéia precisa de mais alguma coisa para acontecer o Teatro?

Alberto- Precisa de cortina para fazer a coxia, atores, roupas, enfeites, maquiagem e palco.

Rilmar O que é o palco para você?

Alberto- Lugar aberto para o público que vê a gente apresentar . Apresentar o que tem de melhor na vida e no Teatro.

Rilmar- O que é coxia?

Alberto- Coxia... é o lugar que cochicha.

- Bate-papo entre Rilmar e Eniele (3ª série)

A sombra do Murici...

Como foi que se deu a idéia de montar o Flicts?

Eniele- Carla trouxe a peça, a gente gostou e começamos a ensaiar para apresentar.

Rilmar- O que a gente precisa para fazer Teatro?

Eniele- Determinação, se concentrar, não ficar bagunçando e prestar bem atenção.

Rilmar- Além dessas questões o que mais é preciso para se fazer uma apresentação teatral?

Eniele- Roupas, maquiagem, palco, platéia, fala(texto), personagem(ator), camarim e aquele lugar que ficamos atrás da cortina antes de entrar no palco(coxia).

Rilmar- O que mais você aprendeu com as aulas de Teatro?

Eniele- Aprendi a fazer fantasias, aprendi a falar melhor e aprendi a apresentar Teatro.

Rilmar- O que você gostou de fazer nas aulas de Teatro?

Eniele- Brincar, improvisar, ensaiar e apresentar. Não gostava quando na aula não tinha apresentação e também não gostava de acordar o corpo. Quando eu virava o pescoço eu ficava tonta e doía. Eu gosto muito de fazer peça de Teatro.

Rilmar- Você já teve a oportunidade de trabalhar com construções de textos e com texto teatral, como Flicts, então há diferença?

Eniele- Há. Eu prefiro trabalhar criando o texto a gente dá mais opinião.

ANEXO G - Entrevista aberta com a professora Carla Bastos

Rilmar - Quando você apresentou a proposta pedagógica para os dois grupos, como eles reagiram à proposta?

Prof. Carla - Quando apresentei a proposta a terceira série eles colocaram que queriam também encenar um texto de Teatro, que não queriam só trabalhar com improvisações. A terceira série queria algo mais. Eles queriam apresentar uma peça, já escrita, como diziam eles. Já com a quarta série eles acataram, não apresentaram outra idéia, desde o primeiro dia de aula eles assumiram trabalhar as construções cênicas a partir de improvisações. Não tive grandes conflitos em trabalhar com os grupos da 4ª série.

Rilmar - Na sua proposta de trabalhar com improvisações era contemplada uma apresentação?

Prof. Carla - Contemplava sim, mas a terceira série queria apresentar uma peça, já escrita, como diziam eles.

Rilmar - Quais os encaminhamentos que foram feitos?

Prof. Carla - Por eles quererem fazer uma peça eu trouxe livros para eles lerem em casa, peças teatrais de Maria Clara Machado. Cada um levou uma peça para ler em casa, entre elas: A menina e o Vento, A Traição na Terra do Coelho. Em paralelo nossas aulas aconteciam e antes de escolhermos um texto para montar nós fizemos duas construções coletivas, na semana santa e na semana do índio.

Rilmar - As turmas trabalhavam juntas, 3ª e 4ª série?

Prof. Carla - Não, trabalhávamos separadas. Cada turma tinha sua aula de Teatro. A terceira série que era um grupo mais unido, dava para fazer um trabalho condensado. Aproveitávamos melhor o tempo. No trabalho do índio, o grupo da terceira série conseguiu montar uma lenda, a partir de várias cenas construídas montamos uma estória. Com a quarta série só foi possível montar uma cena, uma pequena estória.

Rilmar - Como você organiza suas aulas aula?

Eu planejo a aula partindo de momentos:

No 1º momento: Acordar o Corpo - Em círculo todos juntos colocamos os pés paralelos, ficamos na base, espreguiçamos, respiramos, soltamos os corpo. Sempre começo acordando o corpo, trabalhando a base, para depois seguir com as demais atividades. É o momento em que a criança se centra no seu eu e a partir daí terá mais facilidade de se relacionar com as demais crianças. No início eles tinham dificuldades de trabalhar o acordar o corpo e se dispersavam, eles sempre cutucavam o colega, eles queriam mexer o corpo.

No 2º momento: Dicção - Fazemos exercícios de voz com trava-línguas, brincadeiras com som, trabalhamos com as vogais, palavras desconhecidas, difícil de falar. Esse momento é muito importante para as crianças, principalmente porque são crianças da roça e pronunciam incorretamente algumas palavras ou falam embolado, rápido, de uma maneira que não dá para entender. É aí que trabalhamos com exercício de voz, trava-línguas, vogais, para facilitar e articular melhor as palavras. Antes eu não dava tanta importância ao momento de trabalhar com a voz, porém diante das dificuldades que algumas crianças apresentaram em relação à pronúncia foi que eu passei a valorizar e a procurar diferentes formas de trabalhar com esse momento.

No 3º momento: O Jogo Dramático - esse momento é de tamanha importância, é o momento da brincadeira em que a criança brinca no mundo do faz de conta, é nesse momento que elas se expressam sem medo e participam interativamente. As vezes as crianças sugerem brincadeiras que eles brincam em casa, tipo: gato e rato, esconde-esconde, melancia, gelinho-gelinho, pula-corda, salada de fruta. Quando eles sugerem de última hora eu deixo para fazer o que pesquisei na próxima aula.

No 4º momento: Jogos Teatrais ou Aquecimento cênico - Nesse momento trabalhamos a relação do corpo com o espaço, com o colega, com os planos, com os objetos invisíveis e visíveis através dos jogos de Boal. Através dos

jogos teatrais trabalhamos: platéia, palco, espaço, corpo, improvisação. ...fazemos as brincadeiras dos Jogos Teatrais, abrindo para eles a possibilidade de perceberem a diferença entre o Jogo Teatral e o Jogo Dramático, que um precisa de uma platéia e o outro não. No jogo teatral trabalhamos o espaço, o foco, o corpo, além de trabalhar o respeito entre os participantes que estão atuando e os que estão observando

No 5º momento: Construções cênicas. Nesse momento trabalhamos as improvisações com os temas das datas comemorativas. Na hora de trabalhar com o tema primeiro eu peço para eles falarem o que sabem sobre o tema e em casa pesquisarem com os pais, com avós e vizinhos. Eles se envolviam na pesquisa, eles faziam entrevistas com os pais, traziam as estórias que os pais contavam, era muito produtivo, um momento de troca, ouviam os colegas, escreviam, mesmo aqueles que tinham dificuldades em escrever.

O trabalho da semana santa por exemplo, os pais contaram estórias para eles, depois eles contavam essas estórias na sala de aula toda turma ouvir. Quando todas as pesquisas tinham sido apresentadas e discutidas partíamos para a construção das cenas, aí eles já tinham idéias dos personagens. Daí escolhíamos as estórias que mais gostávamos e reconstruíamos, adaptávamos, improvisávamos.. Inicialmente trabalhávamos as improvisações sem fala, depois com falas. Sempre dividíamos o grupo em três sub-grupos. Enquanto um apresentava os outros assistiam. Depois das improvisações procurávamos avaliar as cenas, os conteúdos, o trabalho dos colegas em cena, a distribuição do palco e da projeção da voz. Na próxima aula eu trazia outras atividades e na hora da improvisação retomávamos de onde paramos na aula anterior. Eles conseguiram crescer, respondiam bem aos estímulos, aos jogos. Eles não tinham dificuldade em construir a cena, eram rápidos, o maior desejo era apresentar. Quando eles estavam em cena eles estavam felizes, eu acho.

No 6º momento: Avaliação – A avaliação da aula acontecia dentro da avaliação das cenas. Quando a criança falava da cena muitas vezes eles já falavam também da aula, por exemplo: um aluno falava que a cena não ficou boa porque alguns colegas fizeram muita bagunça... esses comentários nos levava a refletirmos sobre a importância de participarmos das propostas.

Rilmar - Eles sugeriam na avaliação das cenas?

Prof. Carla - Sim. Eles sugerem que falassem mais alto, que não estava igual ao personagem, que o personagem não era daquele jeito por exemplo: na semana santa, na cena do lobisomem eles disseram para o colega que estava encenando que o lobisomem tem que ter um corpo do lobisomem, muitas vezes ia na cena mostrar como era o corpo do lobisomem e aí alguns se chateavam com o outro. Ouvir o colega e aceitar a idéia do colega era muito difícil para eles. As vezes eles falavam assim um para o outro: vou falar mal da sua também pois você falou mal da minha cena.

Rilmar - O que você fazia diante de uma situação dessa?

Prof. Carla - .Pedia para que nesse momento quando um estivesse falando sobre o trabalho os outros procurassem aceitar, refletir... E também pedia para que falassem de forma que não ferisse o colega, com cuidado, organizando a fala. Aceitando a crítica do outro, não só os elogios. No decorrer do semestre, a gente sempre fazendo as avaliações após as apresentações das improvisações, dando ênfase à necessidade de aprendermos a escutar, as crianças foram diferenciando a fala deles. Com o exercício de avaliar eles já não falavam para não colocar o dedo no trabalho do outro, eles refletiam sobre a fala, após a crítica vinham com as sugestões. As crianças perceberam que ora um colega fala e ora é ela que fala, que todos têm o direito de falar. Daí elas passaram a valorizar a sua própria fala e a fala do outro, a fala não vinha como resposta a um insulto e sim como uma necessidade Na avaliação final eles colocaram que gostaram muito, que não gostaram das bagunças mas que aprenderam muito, que deixaram de ter vergonha de apresentar o Teatro, aprenderam a trabalhar em grupo e a ouvir o colega.

Rilmar – Voltando as peças que as crianças levaram para ler em casa, como continuou?

Prof. Carla - Após as duas montagens, retornamos aos livros. Após o comentário trabalhamos com improvisação de uma cena de cada peça comentada. Após todos apresentarem suas cenas, um aluno sugeriu montar *O Menino e Coelho* daí outro aluno falou que queria montar *O Menino e o Vento*, outro falou que gostou da *Traição na Terra do Coelho*.

Rilmar - Por que você sugeriu Flicts?

Prof. Carla - Eu contei para eles a estória do Flicts e sugeri a montagem. Quando eu terminei de contar Flicts um aluno logo falou que queria montar Flicts. Aí eu coloquei que primeiro eles pensassem, poderiam trocar os

livros, poderiam sugerir outra peça. No encontro seguinte fizemos nossa aula de Teatro e no momento de conversarmos sobre a escolha do texto foram propostas duas peças: *Flicts* e *O Menino e o Coelho*.

Rilmar - Como se deu a escolha de *Flicts*?

Eu trouxe uma cena de *Flicts* para trabalharmos em nossas improvisações. Tinha um grupo que não queria montar *Flicts*. Depois de discutirmos chegamos ao acordo de montar *Flicts*. Coloquei para eles que em outro momento poderíamos estar montando uma daquelas peças e para fecharmos o processo com as leituras das peças pedi para eles escreverem o resumo da peça lida.

Rilmar - Alguém tinha lido *Flicts*?

Prof. Carla - Não, ninguém tinha lido *Flicts*?

Rilmar - Como foi o trabalho com o *Flicts*?

Prof. Carla - Trabalhamos a partir de improvisações. Brincamos muito com o jogo de imaginação, imaginávamos ser determinada cor. Fizemos uma história coletiva sobre as cores. Cada um fez uma poesia sobre uma cor. No trabalho com os jogos procurava colocar dinâmicas que tem a ver com cores, sempre trazendo elementos da peça. Todos experimentavam todos os personagens, ora um era o verde, depois era o laranja. Inicialmente não tinha personagens definidos estávamos conhecendo o texto. A partir dessas dinâmicas eles foram construindo suas identidades e assim escolhendo seus personagens. (Anexo I)

Rilmar - Como você trabalhou o texto?

Prof. Carla - Inicialmente eles não levavam texto para casa. Só depois que tínhamos trabalhado todo o texto foi que eles receberam o texto, mas não havia nenhum compromisso em decorar o texto e sim ler o texto todo para entender cada vez mais a história. O texto foi trabalhado por parte. Eu separei as cenas e a cada aula eu trazia uma cena onde trabalhávamos a cena a partir de improvisações

As cenas não foram trabalhadas na seqüência do texto. Eu achei que se eu acompanhasse a seqüência do texto as improvisações não seriam tão criativas. Porém teve um momento que o trabalho ficou confuso, eu não conseguia organizar. As cenas improvisadas ficaram muito extensas e eu não consegui trazê-las de volta para o texto. A cena improvisada, na verdade, tinha se tornado outra história.

Rilmar - Seu objetivo era montar *Flicts*, não era para fazer releitura, outro texto, é isso?

Prof. Carla - Isso. Eu queria montar *Flicts* a partir de improvisações. O problema foi que eu não consegui organizar as improvisações. Ficou confuso.

Rilmar - Como você resolveu esse conflito?

Prof. Carla - Então eu resolvi trabalhar as cenas de *Flicts* na seqüência do texto, primeiro a 1ª cena depois 2ª cena e assim por diante.

Rilmar - Como ficaram as cenas que eles tinham trabalhado?

Prof. Carla - .Para não perder o que já tinha sido criado no momento das improvisações nós trouxemos partes das improvisações, que já tínhamos criado, cortávamos o que considerávamos que estava fora do texto. Com base no trabalho das cenas seqüenciadas nós fomos montando o *Flicts*

Rilmar - E vocês apresentaram no *Brilho do Cristal*?

Prof. Carla – Apesar da proposta de apresentar a peça *Flicts* no final do primeiro semestre nós não conseguimos.

Rilmar - Por que não houve apresentações?

Prof. Carla - No decorrer do processo alguns alunos faltaram muito. Tivemos umas desistências, a exemplo do menino que fazia o vermelho. No momento em que estávamos

fazendo ensaios extras, a tarde, trabalhando já no espaço-palco, onde colocávamos as cortinas, era o momento em que definíamos melhor nosso espaço teatral, platéia, palco, coxia, camarim, entradas e saídas. Também já estávamos começando a experimentar nossa possível indumentária. Não era difícil conseguir uma substituta para o vermelho porém outra criança começou a faltar e outro ficou doente isso nas vésperas da nossa apresentação. Daí resolvemos não apresentar e continuar no próximo semestre.

Rilmar - Vocês chegaram a organizar toda a indumentária?

Prof. Carla - Não. Alguns chegaram a ensaiar com roupas outros não trouxeram e com as faltas de alguns o grupo ficou desestimulado. Não fechamos o figurino.

Rilmar - Houve uma avaliação com o grupo sobre esse processo?

Prof. Carla - Teve uma avaliação. As meninas colocaram que ficaram muito chateadas porque no início todos se comprometeram a fazer a peça e elas queriam apresentar.

Rilmar - E os meninos o que disseram?

Prof. Carla - Eles queriam apresentar mais como uns faltavam não respeitavam e isso desestimulava. Um aluno colocou que para ele saía de casa para ensaiar e quando chegava na escola nem todos os colegas estavam.

Rilmar - Qual o encaminhamento final?

Prof. Carla - Ficou proposto pelo grupo que no próximo semestre eles continuariam o trabalho. Tinha um grupo de crianças, a maioria, que queriam muito apresentar *Flicts*. Falavam o texto na rua brincando umas com as outras.

Rilmar - Qual sua avaliação sobre esse processo?

Prof. Carla - Talvez foi muito precipitado trazer essa peça para eles. Apesar de eu ter percebido que o grupo tinha uma identidade, que eles pediram uma peça, mas talvez tenha sido pouco tempo para eles decidirem que peça montar. Quando criança, aluna do Brilho do Cristal, eu participei da montagem de *Flicts*, e achei que poderia ser muito bom participar novamente da montagem de *Flicts*, agora, como professora, mas não deu muito certo. Se tivéssemos trabalhado a partir das peças lidas, das cenas escolhidas por cada um, das cenas que foram improvisadas em sala talvez chegássemos a um melhor resultado. Fica para a próxima.

Rilmar - Como foi trabalhar com a terceira série?

Prof. Carla - Na terceira série que era um grupo mais unido, deu para fazer um trabalho condensado. O plano de aula da 3ª série muitas vezes eu conseguia cumprir todas as etapas propostas Aproveitávamos melhor o tempo. No trabalho do índio, o grupo da terceira série conseguiu montar um Teatro a partir da lenda do índio. Fizemos várias cenas e montamos a apresentação.

Rilmar - Como foi trabalhar com a turma da quarta série?

Prof. Carla - Eles eram super-rápido, eu ficava surpresa, sempre procurei trazer algo que pudesse acatar toda a turma, que eles pudessem se sentir a vontade. No início eles tinham dificuldades de trabalhar o acordar o corpo eles se dispersavam, eles sempre cutucavam o colega, eles queriam mexer o corpo. Nem sempre eu conseguia realizar o plano, tinha que trazer atividades novas, reservas, eles eram cheios de energia, nunca podia repetir um jogo. Tinha que estar jogando, improvisando, não dava para sentar e procurar organizar o que vamos fazer, eles eram práticos, tinham que estar sempre em ação. Tinha que estar jogando eles na cena, dando a oportunidade de eles improvisarem, de eles estarem ali, aproveitando o momento dos jogos. No próprio jogo eu dava os toques. Eles não tinham paciência para parar para ouvir. Por exemplo explicar as regras do jogo, dividir grupo... Os jogos que propunham trabalhar platéia e palco, as cenas tinham que ser bem curtas, pois o grupo platéia não agüentaria ficar muito tempo sentado. Rapidinho eles já tinha um levantando, dispersando e já querendo sair da sala. As duas turmas tinham ritmos bem diferentes.

As apresentações eram sempre cenas independentes, eles não conseguiam se juntar. Não fizemos colagem de cenas. A turma era muito diversificada, muitas vezes não se identificavam um com o outro. No decorrer eles foram mudando, um observava o trabalho do outro, dava opinião, achava o trabalho legal e já dizia que ia se juntar a aquele na próxima cena. Mais na frente os três sub-grupos se transformaram em dois grupos, ficou legal, sempre tínhamos uma platéia para sugerir. Eles não tinham dificuldade em construir a cena, eram rápidos, o maior desejo era apresentar. Quando eles estavam em cena eles estavam inteiros e felizes, eu sentia. Eu percebi que no momento dos jogos teatrais nas improvisações eram os momentos que eles mais se identificavam, mais se entregavam. Antes de terminar uma apresentação eles já estavam perguntando o qual seria a próxima apresentação.

ANEXO H - Construções Coletivas de Textos Teatrais

TERCEIRA SÉRIE – História de Lobisomem

Há muitos e muitos anos atrás em uma época de semana santa três homens iam para Palmeiras vender bananas, laranjas, mangas e iam acompanhados do Jeguinho. O homem viu um lobisomem e o jegue fugiu para o mato e derrubou todas as frutas.

Manuel- E agora como vamos procurar o nosso jeguinho

Jose - Eu não vou entra nesse mato por que o lobisomem entrou aí dentro

Manuel – E o que vamos fazer para comprar comida para nossos filhos

Narrador - Naquele lugar tinha um rio então eles foram procurar tatu e encontrou um tatu enorme e Manuel pescou um peixe grande, eles ficaram muito felizes e levaram para casa

Crianças - Mãe eu só quero o peixe

Mãe – Tá bom eu só quero comer o tatu com meu marido

Crianças - Já vamos dormir

Marido - Mulher tem um tatu vivo na minha barriga.

Mãe - Claro você comeu tatu

Marido - Eu quero um chá

Marido - Tem um tatu vivo na minha barriga

Mãe- Toma chá diacho

Mãe - O que será que o gato tem

Marido - Dá chá que ele sara

Narrador - Desse dia em diante eles nunca mais quis comer tatu

TERCEIRA SERIE

A comida típica da semana santa

Mãe- Lá naquela serra tem um pé de araquá, todo vez que eu vou lá como um araquá e vejo um urubu.

(acorda as crianças).

Zé- O que foi mãe .

Zezinho- Mãe por que acordou agente agora.

Mãe- Por que hoje é semana santa e você Zé vai comprar o peixe e o fubá para fazer o angú, e tu Zezinho vai buscar a galinha lá no poleiro e traz a couve. Eu cuido do restante.

Zé e Zezinho- Já estamos indo.

Zezinho- Aí estão às coisas mãe

Mãe- Tá bom meus filho daqui a pouco tudo estará pronto.

Zé e Zezinho- Mãe posso lamber a panela

Mãe- Toma seus gulosos .

João- Faz a comida logo que eu estou com fome

Mãe- Já esta quase pronta.

João- Eu quero galinha, peixe, angu, macarrão, salada de maionese, e godó depois eu vejo o que eu quero mais.

Zé- Desse jeito não vai sobrar nada pro negão.

Mãe- Tem comida para todo mundo.

Os Presentes da Semana Santa

Menina- Acorda irmão, acorda.

Menino- Deixa-me dormir mais um pouco

Menina- Se você dormir demais não vai ganhar presente do nosso padrinho

Menino- Eu não estou nem ai , o ano passado ele me deu uma galinha cheia de berruga e o cachorro comeu

Mãe- Menino vai dar benção seu padrinho.

Menino- Eu vou mais se eu ganhar outra galinha eu faço tu comer .

Mãe- Deixa de briga e vai logo.

Menina- Madrinha, madrinha .

Madrinha- Já vou e que eu estou ficando velha e não estou enxergando mais nada.

Menino- Benção.

Madrinha- Deus que lhe de saúde mais eu tenho um presente pra você, um sabonete.

Menino – Muito obrigada.

Menina - Benção minha madrinha.

Madrinha - Deus que te abençoeem, eu também tenho um presente para você, uma bonequinha de pano.

Madrinha - Menino e Menina - Será que ela tem madrinha ou eu estou caducando.

TERCERA E QUARTA SERIE - A Lenda do Homem Pálido

Narrador- Em uma casa velha moravam um homem pálido. Ele não falava com ninguém, à noite ele saía de casa para procurar o que comer, certo dia um casal e seu filho foram visitar a casa, chegando lá eles ouviram um barulho muito estranho.

Mulher- Marido eu estou com medo

Marido- Medo do que mulher

Mulher- Não sei mais parecem que tem fantasma nessa casa.

Narrador- Nesse momento eles ouviram um barulho muito estranho e cada vez eles se assustavam mais, até que apareceu o homem da cara pálida.

Homem- Quem chamou vocês aqui eu não dei permissão para entrar na minha casa.

Mulher- Desculpe mais nós já vamos embora

Homem- Não antes de vocês irem embora, vocês precisam saber que atrás dessa cara pálida existem um lobisomem que adora comer crianças.

Marido - para comer meu filho você terá que passar por cima de mim

Homem - Já que eu não posso comer a criança eu vou procurar um cachorro para eu comer.

Narrador- O lobisomem foi atrás do cachorro não sei se ele encontrou. E o casal nunca mais voltou naquela casa.